

SUZANA ROSA ATAÍDE

MINHA HISTÓRIA
**EU MESMA
REQUADRO:**

A REPRESENTATIVIDADE
DE MARIELLE EM HQ



**MINHA HISTÓRIA EU MESMA REQUADRO:
A REPRESENTATIVIDADE DE MARIELLE EM HQ**



**Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso**

Reitora

Marluce Aparecida Souza e Silva

Vice-Reitor

Silvano Macedo Galvão

Coordenador da Editora Universitária

Oswaldo Rodrigues Junior

Supervisão Técnica

Flavia Abreu Pereira da Silva

Conselho Editorial



- Ana Claudia Pereira Rubio (Presidente - EdUFMT)
Ana Claudia Dantas da Costa (FAGEO - Campus Cuiabá)
Caiubi Emanuel Souza Kuhn (FAENG - Campus de Várzea Grande)
Carla Gabriela Wunsch (FAEN - Campus Cuiabá)
Cassia Regina Primila Cardoso (ICS - Campus de Sinop)
Cassiano Spaziani Pereira (ICAA - Campus de Sinop)
Elisete Duarte (ISC - Campus Cuiabá)
Evaldo Martins Pires (ICNHS - Campus de Sinop)
Evando Carlos Moreira (FEF - Campus Cuiabá)
Felipe Rodolfo de Carvalho (IHGMT)
Frederico Jorge Saad Guirra (ICBS - Campus do Araguaia)
Giovanna Fátima de Oliveira Bezerra (DCE - Campus Cuiabá)
Graziele Borges de Oliveira Pena (ICET - Campus do Araguaia)
Harold Sócrates Blas Achic (IF - Campus Cuiabá)
Irapuan Noce Brazil (IC - Campus Cuiabá)
Jorge Luis Rodriguez Perez (FANUT - Campus Cuiabá)
Léia de Souza Oliveira (SINTUF - Campus Cuiabá)
Leonardo Pinto de Almeida (IL - Campus Cuiabá)
Luís Antonio Bitante Fernandes (ICHS - Campus do Araguaia)
Mamadu Lamarana Bari (FE - Campus Cuiabá)
Manoel Santinho Rodrigues Júnior (FAET - Campus Cuiabá)
Marcos de Almeida Souza (FAVET - Campus Cuiabá)
Maria Corette Pasa (IB - Campus Cuiabá)
Maria Fernanda Soares Queiroz Cerom (FAZZ - Campus Cuiabá)
Monica Campos da Silva (FACC - Campus Cuiabá)
Neudson Johnson Martinho (FM - Campus Cuiabá)
Nilce Vieira Campos Ferreira (IE - Campus Cuiabá)
Rodolfo Sebastião Estupinã Allan (ICET - Campus Cuiabá)
Rodrigo Marcos de Jesus (ICHS - Campus Cuiabá)
Rodrigo Marques (IGHD - Campus Cuiabá)
Saul Duarte Tibaldi (FD - Campus Cuiabá)
Teresinha Rodrigues Prada Soares (FCA - Campus Cuiabá)
Zenésio Finger (FENF - Campus Cuiabá)

SUZANA ROSA ATAÍDE

**MINHA HISTÓRIA EU MESMA REQUADRO:
A REPRESENTATIVIDADE DE MARIELLE EM HQ**



Cuiabá, MT
2025

Copyright © Suzana Rosa Ataíde, 2025.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A EdUFMT segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A862m

Ataíde, Suzana Rosa.

Minha história eu mesma requadro: A representatividade de Marielle em HQ [recurso eletrônico] / Suzana Rosa Ataíde. -- Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2025.

151 p.

ISBN 978-85-327-0001-8

1. Quadrinhos - História. 2. HQs – Representatividade – Mulher Negra.
3. Pioneirismo Feminino. I. Título.

CDU 304.2:74

Ficha catalográfica elaborada por Douglas Rios (Bibliotecário – CRB1/1610)

Coordenador da EdUFMT: Osvaldo Rodrigues Junior

Supervisão Técnica: Flavia Abreu Pereira da Silva

Revisão Textual e Normalização: Maria Auxiliadora S. Pereira Melo

Diagramação & Projeto Gráfico: Kenny Kendy Kawaguchi



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367
Boa Esperança. CEP: 78.060 - 900 - Cuiabá, MT.
Contato: www.edufmt.com.br
Fone: (65) 3313-7155



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



*Dedico este trabalho a todas as mulheres,
quadrinistas ou não, que dedicaram suas
vidas às causas sociais, transformaram sua
luta em discursos, ativismo e arte, tudo em
prol de plantar novas sementes.*

Aqui há uma de suas sementes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha querida companheira Natália, que esteve comigo desde o início do processo, quando era só uma ideia na cabeça, obrigada pela paciência e ficar ao meu lado nos momentos que nem eu queria ficar. Agradeço ao Vinicius Souza, grande amigo e companheiro dessa jornada, um período desafiador, conturbado e repleto de mudanças, E por fim, agradeço a todos os amigos que durante o processo de desenvolvimento deste livro, deram suas sugestões, acreditaram e compartilharam o seu conhecimento. Em um momento social caótico, desestrutural e às vezes assustador, em que todos nós estamos tentando nos manter firmes e resistentes, é muito bom saber que “eu sou uma, mas não estou só” (Sued Nunes, 2021).



*Fazemos mais do que resistir. Criamos textos
alternativos que não são apenas reações [...].
(bell hooks, 2019).*

PREFÁCIO

A Vida nas Imagens

A construção do pensamento simbólico e imagético é o que nos diferenciou dos outros animais ainda na pré-história. Como mostram as pinturas rupestres, nós “imaginamos” nas paredes das cavernas o nosso mundo físico e o que pode existir (ou não) além de há pelo menos 50 mil anos. Essa arte imagética, muitas vezes sequencial, era essencial na vida dos povos antigos na alvorada da humanidade. Eles investiam um tempo impressionante e muitos recursos vitais, como sangue, para semear o útero da Mãe Terra com imagens que dariam frutos nos campos, pastos e ventres das mães do lado de fora. Milhares de anos depois, mesmo uma das principais religiões surgidas da proibição ao culto das imagens, o catolicismo, financiou alguns dos melhores artistas do mundo para que desenhassem nos vitrais e paredes das igrejas as histórias bíblicas que só o clero alfabetizado tinha capacidade de entender no livro santo. Hoje, com a popularização e acesso a aparelhos digitais de produção e distribuição de imagens, cada vez mais nos comunicamos por memes, gifs e emoticons.

Desde sua graduação, entre 2016 e 2020 na Universidade Federal de Mato Grosso, Suzana pesquisa o poder das imagens associadas a textos escritos para o enfrentamento das questões sociais derivadas do Capitalismo, Colonialismo e Patriarcado que marcam sociedades periféricas como as latino-americanas. Seu Trabalho de Conclusão de Curso, “Análise do discurso do empoderamento feminino presente nos cartuns: A linguagem ressignificando experiências”, refletiu essa trajetória. Antes disso, em 2018, ela fez parte da equipe de estudantes que produziu a reportagem multimídia “Rastros Digitais: a rede de exploração sexual infantil em Barra do Garças”, agraciada com o

importante Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão, do Instituto Vladimir Herzog.

O livro que agora vocês têm em tela é não somente a sequência, não poderia se ater apenas aos textos escritos. Era fundamental também desenhar as pertinentes análises que Suzana faz sobre uma obra em quadrinhos que retrata parte da vida de uma das mais importantes ativistas das causas sociais, raciais, de gênero e sexualidade no Brasil de hoje: Marielle Franco.

Por tudo isso, o livro de Suzana é em si uma vitória. Ela é revolucionária! Injeta força, sentimento, diversidade, acessibilidade e humanidade nas lutas sociais. É de pessoas assim que precisamos mudar os rumos de nossa sociedade. Afinal, como dizia Vilém Flusser no seminal “O universo das imagens técnicas - Elogio da superficialidade”, “Os novos revolucionários são fotógrafos, filmadores, gente do vídeo, gente do software, e técnicos, programadores, críticos, teóricos e outros que colaboram com os produtores de imagem. Toda essa gente procura injetar valores, ‘politizar’ as imagens, a fim de criar uma sociedade digna de homens” (2008, p. 71). Se Flusser tivesse conhecido Suzana, certamente acrescentaria à lista acima os, e principalmente AS, desenhistas de histórias em quadrinhos.

Vinicius Souza

Jornalista, fotógrafo, professor e imaginador.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
UMA VIDA DE LUTAS E BUSCA POR REPRESENTATIVIDADE	16
PARTE I	22
PRIMEIROS OLHARES	23
HISTÓRIA DOS QUADRINHOS	34
Pioneirismo feminino nas HQs	38
Pioneirismo e representatividade da mulher negra nas HQs	44
Quadrinhos enquanto um meio ativista durante sua história	60
QUADRINHOS COMO ARTE SEQUENCIAL	63
Definição de quadrinhos	64
Construção da arte sequencial - quadrinhos	70
Gêneros dos Quadrinhos: Graphic Novel, Autobiografias e Biografias	79

PARTE II	86
EXPERIÊNCIAS QUE CONSTRUÍRAM O “SÍMBOLO MARIELLE” EM REQUADROS	87
A interseccionalidade aplicada à biografia em HQ	90
Eixos de privilégios	111
Autodefinição: Uma forma de resistência às imagens de controle	119
UMA SEMENTE PLANTADA	129
REFERÊNCIAS	146

PRÓLOGO

Um trabalho possível

Antes de começar, é importante dizer que escrever não é algo fácil, nem mesmo para quem gosta da tarefa. Eu vivi essa dificuldade na prática, houve o bloqueio criativo, a preocupação com os prazos e tentar encontrar o melhor caminho para se colocar em texto e desenhos todas as ideias, frases e conceitos que passam pela cabeça no momento em que se está de frente para uma tela em branco no computador.

Ademais, escrever e criar, em tempos de pandemia, crise social, política, econômica, psicológica e tantas outras questões que aconteceram entre 2020 a 2023, foi no mínimo desafiador. Vários e vários dias essas páginas ficaram em branco, não só por bloqueios ou por falta de organização de ideias, mas porque era um momento difícil para sentar, digitar e desenhar. Apesar dos desafios, este livro saiu.

A proposta inicial era uma produção completa em quadrinhos, porém, devido às dificuldades citadas, isso não foi possível de se realizar. Contudo, concluí-lo em linguagem textual e quadrinhos, foi uma forma de expandir a criatividade e também o senso crítico e político que existe dentro dos quadrinhos.

Este livro aborda críticas sociais sobre gênero, raça e desigualdades de classe em um formato acessível. Afinal, essas são questões presentes na estrutura social que atravessam, interseccionam e afetam a vida de mulheres negras e periféricas ao longo dos anos, inclusive mulheres como eu. O intuito é debater sobre esses eixos e também apresentar os quadrinhos como uma ferramenta eficaz para o compartilhamento de ideias e de conscientização social. Assim, esta obra envolve pesquisa histórica, definições, ideias críticas, mas também

o poder da arte sequencial para quebrar os muros institucionais. Midiativismo sobre midiativismo.

A interseccionalidade é algo que permite compreender as desigualdades sociais e a sobreposição das opressões e das discriminações, questões que nos rodeiam e estão em todos os âmbitos de nossa sociedade de alguma forma. E mesmo com os estudos interseccionais, práticas de conscientização e debates sobre problemáticas que orientam a formação estrutural, existe uma importante necessidade de continuar trabalhando nessas discussões porque ainda vivemos em uma sociedade desigual e preconceituosa em suas estruturas e significações.

A linguagem textual/imagética, próxima da fonte e objetiva das produções em HQ, sempre me despertaram a curiosidade, questionamentos e reflexões críticas, através desse sentimento compreendi que os quadrinhos iam além do entretenimento comercial. A partir de então passei a considerá-los como um meio de comunicação social que possibilita debates, compartilhamento de ideias, conscientização e também um discurso ativista. Através deste formato é possível debater questões sensíveis e complexas presentes no nosso cotidiano utilizando uma abordagem lúdica, criativa e objetiva sem precisar explorar meios sensacionalistas.

A partir desta reflexão, compreendo que mesmo as HQs sendo bastante associadas ao público infantil, “quadrinhos são coisa séria” – frase expressa por meu amigo Vinícius Souza ao conhecer a ideia deste livro. Sendo assim, apresento o quanto esta arte sequencial pode ser importante ao mostrar como o movimento feminista negro luta, transforma e se desenvolve também nessa linguagem. Sem esse movimento não seria possível desenvolver produções que abordam sobre raça, gênero e classe. Debate repetitivo, porém, essencial.

Por fim, cumpre destacar que os quadrinhos de fato envolvem vários fatores sérios: história, ativismo, luta e resistência dentro de uma sociedade desigual e controversa em suas estruturas. E sua própria

definição artística e trajetória histórica contribuíram e contribuem para o debate sobre existência, resistência e reexistência nesta sociedade. O processo de conhecer essas raízes trouxe a seguinte compreensão: resistir é muito mais que uma arte, mas a arte pode ser um ponto de partida para resistir.

Uma vida de lutas e busca por representatividade

Os quadrinhos, enquanto uma ferramenta de debate para abordar questões sociais, trazem diferentes compartilhamentos de ideias, opiniões e conhecimento das e nas mais diversas áreas. Assim sendo, as HQs podem ser um meio midiativista, considerando que em algumas produções em quadrinhos a linguagem imagética diz muito sobre conscientização, sobre estrutura social, estereótipos, transformações do mundo e os eixos interseccionais presentes na nossa sociedade.

Pensando por esse viés, apresenta-se em quadrinhos a segunda parte desta obra. A proposta é destacar a capacidade comunicativa das HQs, que vai além do conteúdo textual, trazendo uma linguagem lúdica, objetiva e criativa, o que amplia seu potencial de alcance. Os quadrinhos podem, de fato, ampliar as possibilidades de acesso e divulgação científica no campo em questão, além de contribuir significativamente para aproximar os estudos acadêmicos da sociedade em geral, abordando suas problemáticas, realidades e lutas, por exemplo, a luta da mulher negra.

A revista “Marielle Franco Raízes”, é fiel ao apresentar a realidade da mulher negra. Trata-se de uma História em Quadrinhos biográfica, distribuída de forma gratuita, produzida por pessoas majoritariamente negras e que tem o objetivo de inspirar meninas negras a mudarem suas realidades. A revista foi lançada após três anos de sua morte, é a primeira de uma possível série e vem com o intuito de apresentar quem foi Marielle Franco desde o seu nascimento, como superou as desigualdades e os desafios para conseguir se formar como socióloga.

A HQ foi desenvolvida com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). Foi lançada

pelo Instituto Marielle Franco no dia 27 de julho de 2021, dia em que ela faria 42 anos. Trata-se de uma história em quadrinhos narrada por ela mesma, simulando uma autobiografia em HQ, que surgiu como uma forma de responder às fake news que foram compartilhadas sobre a ex-vereadora do Rio de Janeiro, assassinada em 14 de março de 2018 juntamente com seu motorista Anderson Gomes.

O material é uma maneira de desconstruir as imagens e informações falsas, criminosas e distorcidas compartilhadas em redes sociais, mas também é uma produção ativista, tendo em vista o objetivo de ser inspiração para meninas e mulheres negras continuarem resistindo, lutando por seus sonhos, direitos e espaços na sociedade. Nesta perspectiva, a HQ representa um trabalho significativo na vida de crianças e jovens negras da periferia, permitindo que se enxerguem nessa produção, reconhecendo sua rotina e seus desafios. Assim, ninguém melhor do que ela mesma, ou outras mulheres negras com histórias semelhantes, para criar uma obra imagética e textual que garanta o legado de representatividade política e social das mulheres negras e periféricas por ela construído.

Os quadrinhos analisados mostram, que assim como muitas meninas negras e moradoras da favela, Marielle assumiu responsabilidades, compromissos e desafios em sua infância e adolescência. Após apresentar suas raízes e os desafios que enfrentou, a revista finaliza com a sua formação em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

A produção não aborda (talvez faça isso em um segundo volume), mas Marielle também fez mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua dissertação teve o tema “UPP – A redução da favela a três letras: Uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”, e revela uma mulher ativista e militante dos direitos humanos. Seu tema colocava

em evidência as pessoas que eram marginalizadas e violentadas pela política estatal neoliberal.

Era mulher, preta, mãe, filha, irmã, esposa de Mônica Benício e cria do complexo da Maré – um conjunto com o total de oito favelas da cidade do Rio de Janeiro-RJ. Em meio aos desafios de ser uma mãe jovem, preta e moradora da favela, Marielle conseguiu estudar, se envolver na política, lutar por direitos sociais e entrar para a história como um símbolo ativista do movimento negro feminista.

O fundamental, ao se pensar em uma política de segurança cidadã, está em manter o foco em investimentos em iluminação, pessoas nas ruas, praças ocupadas, esquinas de encontro, atividades públicas de esporte e lazer, como demonstrações de práticas de segurança pública. Políticas públicas nesse campo devem predominar nas ações das várias instâncias do Estado (no caso do Brasil, prefeituras, estados federativos e nível federal). No entanto, o predomínio do neoliberalismo, com as políticas de privatização e maximização do capital, contribuíram para esvaziar essa postura pública (Franco, 2014, p. 123).

Para Marielle, o ativismo e os debates sobre políticas públicas e de segurança, iam além da pesquisa acadêmica – tratava-se de um direito. Segundo Rocha (2018), este ativismo e a luta por direitos humanos começaram bem antes de Marielle se filiar a partidos políticos. Quando era adolescente, Marielle perdeu uma amiga assassinada durante um confronto entre policiais e traficantes no complexo da Maré – “A dor e a indignação com essa morte foram fundamentais para levar Marielle para a vida política” (Rocha, 2018, p. 276).

Infelizmente violências como essas acontecem cotidianamente nas favelas do Brasil. A luta por direitos humanos se torna, portanto, uma luta pela própria sobrevivência e uma forma organizada de resistência. A desigualdade econômica e a violência contra pessoas

pretas e pobres tomam conta desses territórios. E é possível que cada morador das favelas brasileiras já tenha perdido um amigo ou familiar da mesma forma, ou de maneira parecida. Então, assim como Marielle, aprendem desde cedo a lidar com desafios, desigualdades e lutar para se manter vivos.

Por este caminho, de militante e ativista em direitos humanos, Marielle tornou-se vereadora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ela foi reconhecida em sua carreira política por propostas de projetos e pautas que envolviam a defesa dos direitos da população LGBTQIA+ e também das mulheres pretas e faveladas. Tornou-se, ainda, a presidente da Comissão de Defesa das Mulheres da Câmara do Rio de Janeiro, levando temas dessa comissão para o debate legislativo.

Sua atuação na política do estado foi fundamental e seus discursos na bancada eram bem impactantes, pois carregavam representatividade, luta e resistência. De acordo com Rocha (2018), através dela a bancada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) denunciou esquemas de corrupção existentes na cidade relacionados a transportes públicos e empreiteiras na construção de obras públicas. Como vereadora de um partido consideravelmente pequeno e de oposição, “sempre foi muito difícil para Marielle aprovar leis. Dos dezesseis projetos de lei que apresentou enquanto foi vereadora, sete foram aprovados, sendo que cinco foram aprovados somente depois de sua morte” (Rocha, 2018, p. 277). Ou seja, apesar de toda a garra, representatividade, espírito de liderança e debates sobre direitos humanos, que são fundamentais para a sociedade e o estado, os projetos de Marielle tinham dificuldades para serem realizados. Como muitas outras e outros ativistas, ela ganhou mais reconhecimento e visibilidade quando já não estava mais aqui.

Entende-se que, a partir de todas as características e debates ativistas que faziam Marielle ser quem ela era, sua carreira política tinha muito a contribuir para o país e muito para dar certo. No entanto, sua vida foi interrompida no dia 14 de março de 2018. Treze tiros atingiram

o seu veículo, quatro acertaram a sua cabeça e três mataram o seu motorista Anderson Pedro Gomes. Desde então, mais de cinco anos se passaram sem sabermos quem mandou matar Marielle e o porquê. Apesar de tudo, sua morte teve repercussão para além dos morros do Timbau, lugar onde nasceu. Seu nome ganhou rumos nacionais e internacionais. Por causa desta tragédia, muitas pessoas passaram a conhecer quem foi Marielle Franco e a gostar dela devido às suas ideias, lutas por causas sociais e sua representatividade. “Quem teve a sorte de conhecer Marielle viva sabe a força que ela transmitia no olhar e no sorriso, sempre aberto e caloroso” (Rocha, 2018, p. 275).

Enquanto para algumas pessoas era só mais uma morte de uma mulher preta no país, para outras, o sentimento e a palavra “luto” ganharam novos significados. Quem mandou matar Marielle não sabia que ela era uma semente que, enterrada, iria crescer e frutificar. Ela deixou seu legado na política, nas favelas, nos seus discursos e nos momentos de luta por melhores condições sociais. Sua morte despertou uma mistura de sentimentos: raiva, tristeza e revoltas, mas também despertou a vontade de continuar lutando.

A frase “Lute como Marielle Franco”, se tornou uma marca, um emblema e uma fonte de inspiração para muitas mulheres pretas, bissexuais e periféricas em diferentes cantos do mundo. Marielle não foi calada! A partir de seu trabalho, mulheres entraram na política dizendo ser Sementes de Marielle, outras se engajaram em movimentos sociais, abraçaram causas ativistas e continuaram sua luta por direitos humanos e melhores condições de vida, principalmente para mulheres pretas e periféricas. Seu legado tem sido fonte de inspiração para todas, todos e todes e está presente na política, nas ruas, escolas, comunidades, em casa, ou nos corredores das universidades. Ela ensinou a resistir, continuar e lutar por direitos. É o que suas sementes têm feito desde então.

Como contribuição para essa luta, o objetivo deste livro é analisar interseccionalmente como os quadrinhos podem ser uma

importante ferramenta de comunicação ativista, destacando a HQ “Marielle Franco Raízes”. E para alcançar este intuito, contextualizam-se as representações e representatividade de mulheres negras em quadrinhos ao longo do tempo; aborda-se sobre como materiais no formato em HQ podem inspirar mulheres negras a ocuparem espaços, lutarem por seus ideais e terem o controle de suas imagens; e apresenta-se de que maneira os discursos ativistas presentes nos quadrinhos contribuem para compreender eixos interseccionais que atravessam a sociedade.

Esses pontos ajudam a responder a seguinte problemática: Como os quadrinhos, e especificamente a HQ “Marielle Franco Raízes”, possibilitam a divulgação de ideias ativistas, a reconstrução de imagens de mulheres negras e a quebra de estereótipos dentro de uma sociedade opressora?

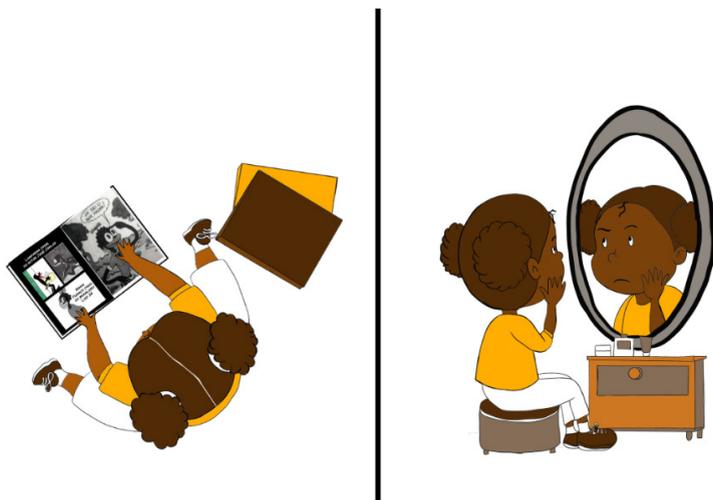
Reflete-se também sobre a proposta ativista da revista e como esse material contribui para a autodefinição da mulher negra, promovendo reflexões e inspirações baseadas em experiências reais. Trata-se de retratar e construir uma produção alinhada à realidade (Hall, 2016). Neste sentido, entende-se que narrar a história de mulheres negras dentro dos quadrinhos, é uma forma de resistência frente a uma estrutura social opressora, além de conscientizar e fortalecer as raízes ativistas em desenvolvimento, criando, assim, condições para que novas sementes sejam plantadas e colhidas no futuro.



PRIMEIROS OLHARES

*Apenas mudando coletivamente o modo como olhamos
para nós mesmos e para o mundo é que podemos mu-
dar como somos vistos.*
(hooks, 2019, p. 39).

Quadrinho 1 – Reflexão



Fonte: Produção autoral (2023).

O primeiro passo para a construção deste livro foi o recorte do tema: História das HQs e debates ativistas dentro dos quadrinhos. No início, a análise era um site em quadrinhos, Mina de HQ, que trabalha temáticas ativistas sobre gênero e sexualidade. Porém, à medida que eram abordados os aspectos teóricos sobre interseccionalidade, autodefinição e raça, algumas ideias foram amadurecidas, aprofundadas

e alteradas. Desta forma, a HQ perfeita para a discussão teórica sob essa nova perspectiva foi a revista “Marielle Franco Raízes”.

Delimitar uma base bibliográfica e aprofundar os conhecimentos teóricos sobre a história, como são produzidas, a linguagem narrativa e o processo de criação das HQs foi fundamental para conhecer produções de pioneiras, como Jackie Ormes, Nair de Teffé e Cida Godoy, foram mulheres que conquistaram um espaço na história dos quadrinhos. Em suas produções abordaram questões ativistas, resgataram sua imagem e romperam estereótipos em um meio predominantemente masculino e branco (Kisuke, 2021).

Na sequência, uma vez explorada a fundamentação e após uma minuciosa avaliação das características da já mencionada revista sobre Marielle, incluindo os quadros presentes nessa HQ, a obra foi separada em três fases: 1) a apresentação de suas origens; 2) adolescência; e a fase 3) jovem universitária. Em seguida uma análise crítica da HQ e, para esta etapa, utiliza-se a roleta interseccional de Fernanda Carrera (2021) a fim de identificar três domínios fundamentais: a formação interseccional discursiva do sujeito, para detectar quais os eixos se sobressaem no indivíduo e quais eles silenciam; o ethos interseccional para identificar qual imagem o sujeito tem de si; e as negociações interseccionais, que tratam do processo comunicacional entre a imagem de si e os eixos sociais que se sobressaem.

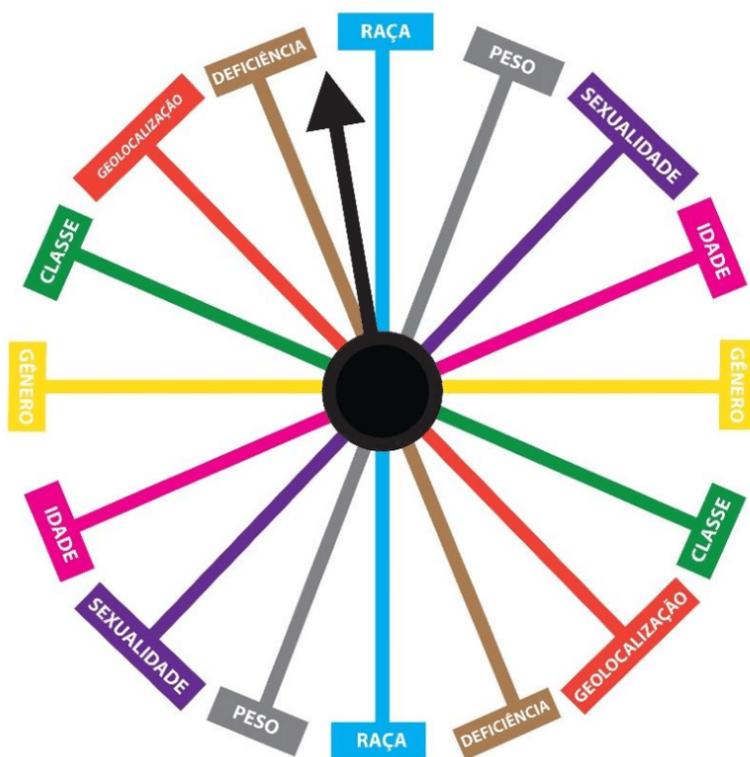
Desta forma a interseccionalidade permite pensar em eixos que interagem entre si, definem e atravessam uma pessoa, condicionando-a estruturalmente a determinados grupos. Ao identificar e conhecer esses eixos, é possível desenvolver estratégias, debates e ferramentas de conscientização como, por exemplo, os quadrinhos.

A roleta interseccional atribui cores aos eixos de opressão. Através dela, podemos compreender como o sujeito analisado, neste caso a Marielle, durante sua trajetória apresentada na HQ biográfica, é atravessado por eixos fundamentais de opressão (cores primárias) e

é possível visualizar as combinações desses eixos (cores secundárias, formadas pela mistura de cores primárias, e terciárias, formadas pela mistura de cores primárias e secundárias).

Gênero, raça, classe e geolocalização foram as cores primárias encontradas na HQ. As combinações dessas cores foram essenciais para a composição identitária de Marielle e importantes também para torná-la símbolo de luta e resgatar a sua imagem. A imagem a seguir apresenta a divisão de cores da roleta interseccional, segundo Carrera (2021):

Imagem 1 – A roleta Interseccional



Fonte: Carrera (2021).

Desta forma compreende-se melhor, inclusive, visualmente que:

[...] a constituição do sujeito subalternizado, atravessado por diversas avenidas de opressão, a partir da metáfora das cores. Ao tomar o azul, cor primária, como matéria do racismo, por exemplo, e atribuir ao amarelo o construto do sexismo, mulheres negras se constituem não como metade amarelo e metade azul, mas como a cor verde. Se as políticas antirracistas se baseiam nas experiências de homens negros e as teorias feministas se preocupam com as vivências das mulheres brancas, mulheres negras são um construto subjetivo apartado, que sofre a fusão dos dois domínios de opressão, mas não é contemplado por nenhum deles. A cor verde, portanto, é outro universo subjetivo, gerado a partir das duas cores, fundamentado e constituído por elas, mas que reluz distinto, singularizado (Carrera, 2021, p. 11).

Além das cores e eixos, a roleta é composta pela vareta que gira à procura de um atravessamento que faz parte do sujeito. Durante o giro da roleta, o sujeito analisado fica no centro de modo a identificar o isolamento das opressões que o cruzam. Na análise em questão a roleta esteve presente durante as três fases de Marielle abordadas na HQ. Sobre os isolamentos que cruzam o indivíduo a autora explica: “é papel do pesquisador em Comunicação identificar, seja com inspirações etnográficas ou a partir de debruçamentos textuais, aqueles que saltam aos olhos” (Carrera, 2021, p. 12).

Sendo assim, na primeira fase da HQ, momento de apresentação das origens de Marielle e sua infância, os eixos que saltam os olhos são: Classe e Geolocalização. Na segunda fase, que aborda o processo escolar e adolescência, os eixos de Gênero, Raça e Classe são destacados. E na última fase, momento de juventude e formação universitária, os eixos encontrados são Classe, Gênero, Raça e Geolocalização.

A cada momento que a vareta é acionada um debate sobre os eixos que atravessam Marielle é desenvolvido. Nesta perspectiva pensa-se no contexto social em que ela está, suas dificuldades, oportunidades e pensamento crítico. Observa-se ainda como os eixos fundamentais estão conectados, e é essa conexão que aproxima a história de Marielle da realidade de outras meninas negras, pobres e que moram em comunidade. Esse é exatamente o perfil de jovens que a revista quer alcançar.

Em seguida a formação interseccional discursiva de Marielle é identificada, processo por meio do qual verifica-se que ela reconhece suas raízes nordestinas, tem orgulho delas e toma consciência de que seus pais se deslocaram de João Pessoa-PB para a cidade do Rio de Janeiro-RJ e trabalharam muito em busca de melhores condições de vida. É a fase na qual o reconhecimento e a valorização de suas origens a fizeram criar laços fortes com sua família, com sua história, sua luta e a entender melhor os desafios sociais. O ethos interseccional também está presente nessa etapa, ao refletir especificamente sobre como Marielle se vê. Assim, a correspondente imagem de si explorada pela HQ é a de uma menina forte o tempo todo, participativa, dedicada, que desde cedo assumiu responsabilidades e enfrentou desafios sociais.

Neste sentido, a HQ tem um peso representativo muito importante para o público que se propõe a atingir ao retratar o indivíduo de forma tão subjetiva, simbolicamente política, e ao explorar os desafios, realidades e alegrias de uma jovem negra da comunidade periférica. É importante ressaltar que a representação de algo ou alguma coisa é a produção de sentidos através da linguagem, a qual se caracteriza por ser um espaço cultural que pode utilizar de signos para simbolizar, ou referenciar uma pessoa, um movimento social e um objeto que faz parte do mundo real. Entretanto, a linguagem também pode representar coisas imaginárias, discursos e ideias abstratas que não fazem sentido óbvio no mundo real (Hall, 2016). A questão é que, à medida que se

sustenta socialmente e produz sentidos, ela constrói uma cultura de significados que interpretam o mundo e regulam práticas sociais. Ou seja, conforme fazemos as coisas, dizemos, sentimos e pensamos, damos significados a elas. Ainda de acordo com Hall (2016), os significados se dão a partir das interpretações de cada um e também das respectivas práticas do cotidiano.

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto (Hall, 2016, p. 31).

Enquanto a representação envolve quem a está produzindo, a representatividade envolve a qualidade e a condição de como aquele indivíduo e/ou grupo estão sendo representados. Por exemplo, ao trazer essa questão para a imagem das mulheres negras dentro dos quadrinhos, por muito tempo as representações foram produzidas por quem não sabia como era ser uma mulher negra. Assim, suas imagens distorcidas provocaram sentidos inversos de como realmente eram, e esses sentidos inversos resultam em um conceito de imagem preconcebida, padronizada e generalizada por um senso comum, ou seja, produzem os estereótipos. A figura da mulher negra ficou presa e relacionada a um padrão que não foi desenvolvido por ela e que não fazia parte do mundo real dela. Um dos mais acabados exemplos de tal desvio é a personagem “Maria Fumaça” (1950) do brasileiro Luiz Sá (homem, branco e cis-heteronormativo), que em suas produções carregava discurso e imaginários absolutamente deturpados do que era ser uma mulher, preta e pobre na década de 50 do século passado.

Hall (2016), explica que as representações midiáticas que são produzidas do mundo real sempre trazem modelos de significação que

fazem parte da cultura e da história das sociedades. No entanto, as representações da população negra, feitas por pessoas brancas, se dão principalmente pela construção de estereótipos muitas vezes degradantes. Quando se trata de mulheres negras, por exemplo, as produções culturais carregavam questões racistas, sexistas e machistas. Nos quadrinhos não foi diferente, ao longo da história, tendo em vista o fato de estes serem uma produção cultural e ainda um espaço de domínio não somente branco, mas masculino e cis-heteronormativo, segundo a quadrinista Kisuke em entrevista ao canal “Social Comics” no *YouTube*.

Deste modo, para se atingir uma melhor representatividade, e não apenas representação, da trajetória de uma mulher multifacetada como Marielle Franco, é preciso quebrar as imagens de controle construídas.

[...] pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder (...) [e] são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir das categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às iniquidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade (Bueno, 2020, p. 73).

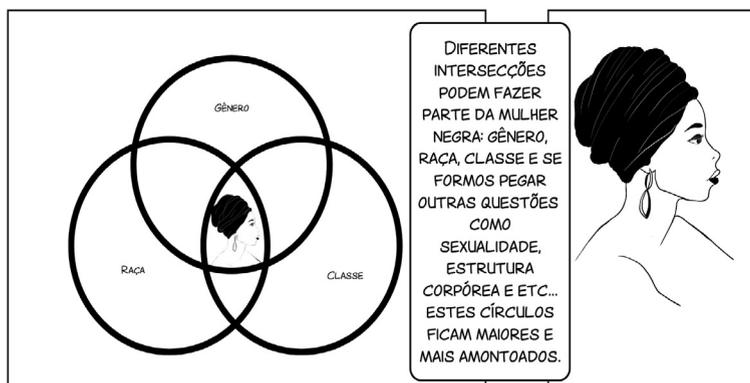
A interseccionalidade pode ser considerada como uma ferramenta analítica importante para desconstruir esses imaginários e provocar debates sobre as relações sociais de raça, gênero, sexualidade, classe e outros eixos que atravessam os indivíduos sociais. Contribui, também, na concepção e adoção de políticas públicas eficazes para as pessoas que mais precisam. Outro ponto importante a se destacar sobre interseccionalidade é o desenvolvimento de ações contra tipos de opressão de eixos distintos e excludentes. O racismo e o patriarcado, por exemplo, são diferentes. No entanto, podem se sobrepor criando uma complexa intersecção. “Nessa linha investigativa, o tema da mulher

negra ganha centralidade e as reflexões sobre o feminismo negro passam a ter maior densidade e representatividade [...]” (Gonzalez, 2020, p. 12).

A interseccionalidade é uma análise sensível do meio social, pensada pelo movimento feminista negro, “cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor focado nos homens negros” (Akotirene, 2019, p. 14). Conforme Crenshaw (2018), a interseccionalidade não se apresenta como uma nova teoria totalizante da identidade, mas, ao reforçar as intersecções de raça e gênero em estudos e debates, ressalta a importância de explicar como o mundo social é construído por múltiplas identidades e como elas se colidem. Ou seja, esse método analítico sensível permite enxergar as colisões das estruturas e as interações simultâneas.

A seguir apresenta-se um quadrinho no qual se ilustram as colisões que atravessam uma mulher negra e pobre:

Quadrinho 2 - Interseccionalidade



Fonte: Produção autoral (2022).

Enxergar e entender esses atravessamentos permite lutar contra diversas formas de opressão e não apenas uma. Não dá para escolher lutar por uma causa e/ou por um grupo apenas, quando igualdade social precisa ser um direito de todas, todos e todes.

Lorde exemplifica sobre esses atravessamentos em uma mulher lésbica e negra:

Dentro da comunidade lésbica eu sou Negra, e dentro da comunidade Negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são Negros. Não há hierarquias de opressão (Lorde, 2009, não paginado).

O processo de pesquisa dos eixos sociais não envolve separar as identidades, mas sim analisar as condições estruturais que atravessam os seus corpos, quais são suas situações e subjetividades, tendo em vista que a estrutura social foi baseada em formação e interação colonialistas, machistas, preconceituosas e opressivas. Akotirene (2019) explica que esta articulação metodológica recupera bagagens ancestrais perdidas há muito tempo e estimula, também, o pensamento complexo, a crítica social, a criatividade, evitando a produção de novos essencialismos sociais. Acredita-se, ainda, que o desenvolvimento desses debates no âmbito social e acadêmico resulta na formação de ações conscientizadoras, discussões e projetos antirracistas.

Neste sentido ressalta-se que desenvolvimento de ideias e ações conscientizadoras vem de uma formação crítica social, por exemplo, a formação de pessoas feministas, pois: “Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições

políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação” (hooks, 2019, p. 25).

Desta forma, desenvolver uma consciência social é parte crucial do processo de compreender os objetivos da interseccionalidade uma vez que “A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cis-heteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões” (Akotirene, 2019, p. 29).

A atuação dos coletivos feministas negros tem sido primordial, para descolonizar mentes e criar gestos de resistência em meio a uma cultura dominante. Afinal, essa é uma forma de pensar a sociedade com outro formato, outra história e outros olhares, mais igualitária, diversa e justa. “Apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos” (hooks, 2019, p. 39).

Ao analisar a HQ, observa-se que, além de abordar eixos sociais e opressões, ela também traz a perspectiva de controle da própria imagem: “a verdade sobre mim eu mesma posso dizer” (Bueno, 2020, p. 145). Por meio da revista, apresenta-se uma Marielle narradora de sua própria história, que, mesmo atravessada por múltiplas opressões sociais, buscou justiça, resistiu e desafiou formas de dominação.

Reflexões nesse sentido são exploradas na segunda parte desta obra, por meio de análises, desenhos e imagens, ao abordar como e por que determinadas opressões sociais ocorrem na vida de mulheres negras. Além disso, destaca-se a importância de construir ferramentas de debate para promover uma conscientização social capaz de contestar imagens e imaginários que, historicamente, excluem mulheres negras de forma sistemática.

Portanto, a análise interseccional aqui realizada destaca os eixos sociais de Gênero, Raça, Classe e Geolocalização. A partir deles observa-se que a imagem que Marielle tem de si é da mulher

forte, resistente, proativa e pronta para qualquer desafio. Dentro da estrutura social a mulher, neste caso mulher negra, não escapa da figura sobrecarregada da família e, mesmo assim, encara essa situação com coragem e altivez. Tendo as opressões fundamentais destacadas, o passo seguinte é apresentar como os produtores negociaram a imagem de Marielle e os eixos que lhe atravessaram.

Para além da análise, os acessos e oportunidades que Marielle teve durante esse período foram fundamentais para sua luta, para alcançar os espaços sociais e trazer outras mulheres para ocupar espaços acadêmicos, sociais e políticos. Nessa perspectiva é necessário ressaltar a importância de não romantizar o sofrimento excessivo como um requisito para atingir metas básicas. Não é normal uma mulher negra ter que fazer tanto esforço pelo mínimo necessário, para alcançar um espaço cujo acesso é livre a outras pessoas. Atribuir a responsabilidade apenas a uma pessoa (ou a um grupo) é ignorar uma sociedade profundamente desigual e marcada pelo racismo.

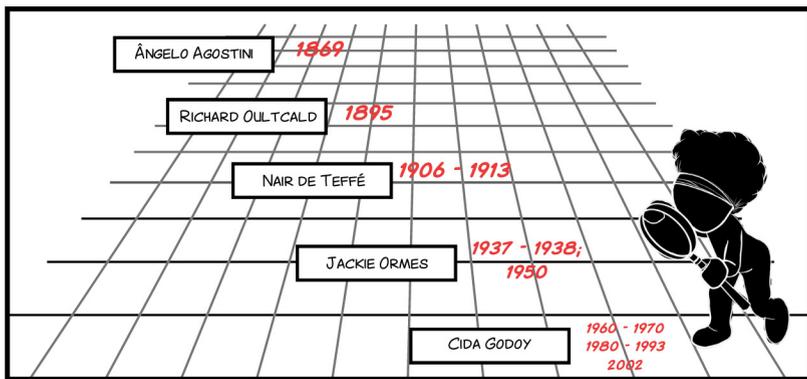
Além disso, verifica-se que as lutas por representatividade podem se beneficiar, e muito, da união entre texto e imagem presente nos quadrinhos. O mesmo vale para outras formas de expressão, como as pesquisas acadêmicas, tendo em vista o potencial de compartilhamento, acesso e linguagem objetiva proporcionado pela narrativa dos desenhos sequenciados. Diante de todo o exposto, evidencia-se que trabalhar questões sociais e de representatividade em quadrinhos é uma das maneiras de conscientizar a sociedade a partir de uma arte ativista, democrática e inclusiva.

HISTÓRIA DOS QUADRINHOS

*Para fazer a revolução é preciso muitas ideias,
também muita imaginação!*

(Sybille Titeux de la Croix, 2020).

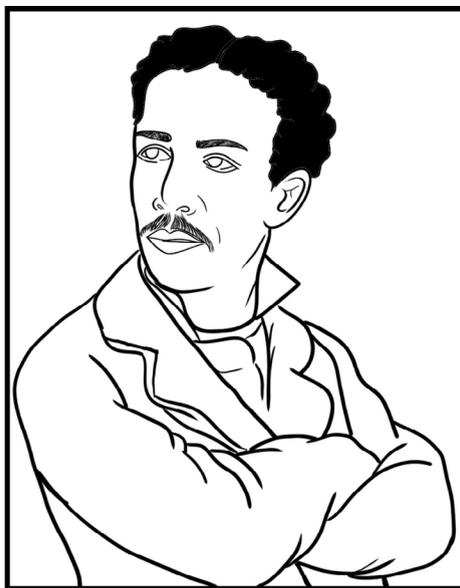
Quadrinho 3 - Pioneiros e pioneiras nas HQs



Fonte: Produção autoral (2023).

As produções em arte sequencial, como os quadrinhos, já passaram por diferentes etapas na sociedade mundial. Tiras, charges, cartuns e ilustrações estão presentes nos meios de comunicação há muito tempo, tanto que estudos sobre as primeiras manifestações em HQ podem chegar a divergências. Sendo assim, levantam-se algumas das primeiras manifestações imagéticas na imprensa que abordam críticas sociais e ativistas em quadrinhos, deixando de lado alguns gêneros clássicos da arte sequencial como o *bang bang*, a fantasia e os super-heróis. Portanto, nesta obra estão presentes nomes da história das caricaturas, charges e HQs como: Ângelo Agostini, Richard Outcault, Nair de Teffé, Jackie Ormes e Cida Godoy.

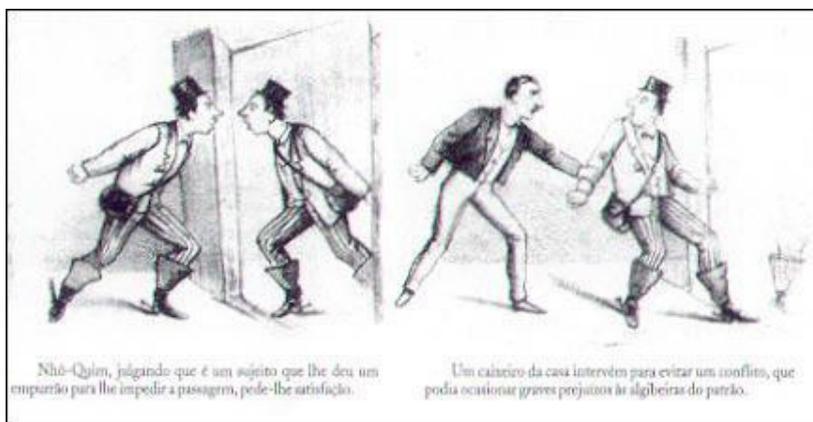
Ilustração 1 - Ângelo Agostini



Fonte: Produção autoral (2023).

Ângelo Agostini era um caricaturista que desenvolvia retratos satíricos de personagens da elite e da sociedade brasileira. Em 1869 ele publicou a primeira história em quadrinhos do país e também considerada a mais antiga no mundo: “Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte”, publicada na revista *A Vida Fluminense* (Vergueiro, 2007). Nela criticavam-se os costumes da elite brasileira e as diferenças de classe social com um humor satírico.

Quadrinho 4 - Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte



Fonte: Vergueiro (2007).

O quadrinho narra a história de um personagem caipira que vai para a cidade do Rio de Janeiro e se impressiona com a realidade e os costumes da vida urbana na época. A publicação deste quadrinho se tornou tão importante para o universo das HQs, especialmente as brasileiras, que a data de sua publicação (30/01) é comemorada como o Dia Nacional dos Quadrinhos. Desta maneira, Ângelo Agostini passou a ser considerado o pai dos quadrinhos nacionais (Vergueiro, 2007).

Outro pioneiro dentro deste campo foi o autor e ilustrador Richard Outcault, que criou uma narrativa em quadrinhos baseada na história de um garoto que vivia nos guetos de Nova York, *Yellow Kid* (1895), sempre vestido com um pijama amarelo. O projeto ficou conhecido como o primeiro quadrinho colorido e foi publicado inicialmente no jornal “*New York Word*” (Lucchetti, 2001). Na época o *New York Word* começou a inovar nas suas edições. Apesar das impressões coloridas serem caras e o processo complicado, as edições de domingo eram repletas de ilustrações e cores. Foi nesse contexto de novidade que o jornal passou a publicar os quadros humorísticos de Outcault. “Na sátira, um garoto de feições orientais que vestia um camisolão fazia severas críticas sociais” (Estúdio Nanquim, 2022).

Ilustração 2 - Richard Outcault



Fonte: Produção autoral, 2023.

Quadrinho 5 -Yellow Kid



Fonte: Estúdio Nanquim, 2022.

Em meio a esses ilustradores do universo dos quadrinhos, a representação feminina internacional e nacional também fez parte da construção da história das HQs e, assim como Agostini e Richard, também abordou críticas sociais e de classe. Mas as mulheres incorporaram, ainda, questões de representatividade, gênero e raça em períodos históricos e contextos sociais diferentes.

Pioneirismo feminino nas HQs

Além de um pai, os quadrinhos brasileiros também tiveram uma mãe: Nair de Teffé Von Hoonholtz. Nascida em 1886, a artista era filha de Antônio Luís von Hoonholtz, o Barão de Teffé, e de Maria Luísa Dodsworth. Ela também se tornou primeira-dama do Brasil em 1913 ao se casar com o então Presidente da República, Hermes da Fonseca.

Ilustração 3 - Nair de Teffé Von Hoonholtz



Fonte: Produção autoral, 2022.

Assim como Ângelo, Nair era caricaturista e após muitos anos foi reconhecida como a primeira mulher caricaturista do mundo. Infelizmente, como naqueles tempos as mulheres que trabalhavam em

“ofícios considerados masculinos” eram malvistas socialmente, para publicar suas caricaturas nos jornais ela utilizou de um pseudônimo e escolheu Rian, o seu nome escrito ao contrário.

No início Nair era só uma menina prodígio de uma família aristocrática. Ela produzia suas caricaturas para rir das pessoas de quem não gostava. Sua primeira caricatura, feita aos nove anos, retrata Madame Carrier, uma senhora idosa da alta sociedade que sempre visitava sua família. Nair cresceu e queria se desenvolver artisticamente em diversas áreas. No entanto, em seu período histórico social, a educação das mulheres no Brasil era voltada somente para o matrimônio e, de acordo com os julgamentos da sociedade da época, temas como sociologia, política, economia e até mesmo arte, não deveriam ser de interesse feminino.

Contudo, Nair recebeu apoio da sua família para estudar arte, teatro e música na França por um longo período. Quando retornou ao Brasil em 1906, após anos vivendo no exterior, produziu e publicou caricaturas para os jornais locais. Foi então que renasceu como “Rian” e seguiu produzindo caricaturas de personagens da sociedade, criticando o estilo de vida luxuoso de políticos, militares e da elite brasileira. “Ela entendeu que podia utilizar as artes, ensinadas às garotas de elite como ela, para dizer o que pensava” (Amaral, 2007, p. 07). Assim, a menina rebelde levou seu comportamento e ideologias para dentro de suas produções. Nair empregava linguagens satíricas e traços exagerados como ferramentas para a construção do seu trabalho. Por mais que soubesse reproduzir perfeitamente aqueles representados, ela fazia questão de desenhar seus personagens com algumas deformações para ganhar a atenção.

Sua primeira publicação foi na revista *Fon-Fon*, em 1906. Desde então suas caricaturas foram reproduzidas em jornais como *Gazeta de Notícias* e *Gazeta de Petrópolis*. Em 1910 Nair publicou duas séries de

caricaturas na imprensa carioca chamadas “Galeria das Elegâncias” e “Galeria das Damas Aristocráticas” (Amaral, 2007).

Quadrinho 6 - Primeira caricatura - Madame Réjane

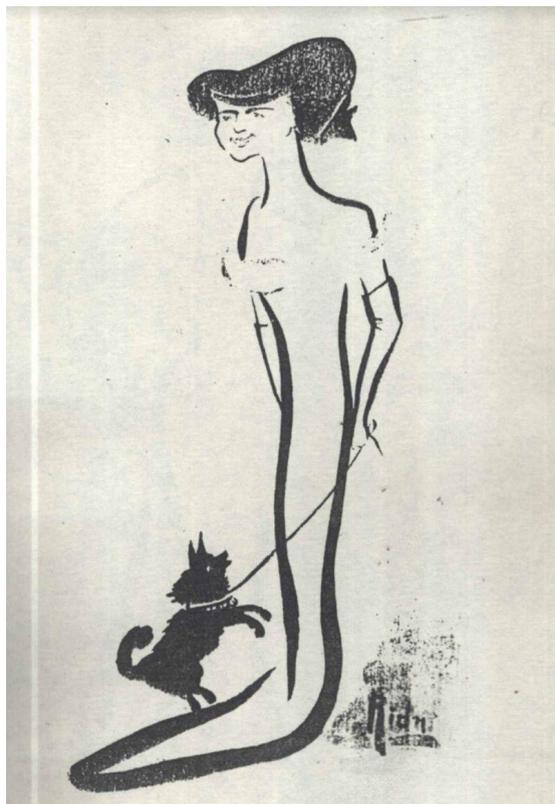


Fonte: Amaral (2007).

Apesar do sucesso, ela não recebia por suas obras, pois ter uma fonte de renda a partir de suas atividades era sinônimo de independência financeira para as mulheres, fator que a sociedade na época também criticava (Amaral, 2007). Ainda assim, Nair se tornou uma militante ativista e provocou muitos incômodos, comentários e olhares negativos da elite brasileira, por manifestar suas ideias e lutar pelo direito das mulheres de serem independentes e livres. Mesmo com todos esses olhares de reprovação, as questões críticas que pensava sobre a sociedade e as ideias sobre as diferenças de gênero continuavam

presentes em suas caricaturas, às vezes de forma simbólica, mas sempre humorística e ideológica. Por exemplo, nas caricaturas a seguir de “A Dama” e “O Militar”, observam-se símbolos do que significava ser uma mulher e ser um homem na época, seguindo os valores morais da sociedade. A imagem da mulher é construída com movimentos, expressões e curvaturas, já os homens são representados de forma rígida, tensa e apática.

Quadrinho 7 - Caricatura - Dama



Fonte: Amaral (2007).

As mulheres desenhadas nas caricaturas de Nair pertenciam à alta sociedade, eram representadas cobertas de jóias, luxos, roupas e adereços da moda. Seus traços e suas expressões quase sempre eram

de desdém. Os apetrechos usados por elas significavam feminilidade, beleza e como ser uma dama em seu contexto social.

Quadrinho 8 - Caricatura O militar



Fonte: Amaral (2007).

Enquanto isso, seus personagens masculinos eram representados de forma rígida, tensa e séria, sem movimento e com pouca expressão. Seus acessórios eram sempre armas na cintura, ou na mão, além de livros, guarda-chuvas e chapéus. Esses apetrechos significavam a classe social à qual pertenciam, quais poderes tinham em mãos e como isso os diferenciava dos outros.

Desta forma, a menina rebelde e com o espírito perspicaz de Rian utilizou da criatividade para “usar e abusar da noção completa de espelho: foi fiel na retratação da sociedade, mas com olhar crítico e criativo revelou seus tipos, suas damas, seus ideais e gostos burgueses” (Nogueira, 2011, p. 10). O intuito do seu trabalho era provocar risos ao

apresentar uma elite que os jornais e as pessoas não estavam acostumados a ver. Ao fazer rir, criticava, sendo, portanto, uma pioneira também do midiativismo. Com seus desenhos, mostrou que a elite não era um grupo perfeito como se descrevia a si mesma, além da crítica da utilização do dinheiro público para ostentar riquezas e uma vida de luxo.

Apesar das sátiras e provocações, suas caricaturas tiveram uma repercussão positiva dentro dos jornais impressos e editoriais. Mas esse sucesso durou somente até 1913, ano de seu casamento com o Presidente da República. Acredita-se que foi difícil manter o trabalho nos jornais devido aos desafios sociais de ideias machistas, sem receber o prestígio ou o reconhecimento pelo seu trabalho. Além disso, ainda havia a ideia que a sociedade tinha de que uma mulher independente financeiramente era sinônimo de escândalo social, desacato e contra as normas morais da sociedade da época.

Após seu casamento, ela recebeu apoio do marido para continuar no ramo das artes, mas de uma forma “menos política”, talvez por isso Nair tenha abandonado as caricaturas e seguido em outros trabalhos na área de arte e cultura, transformando-se em um dos destaques na Semana da Arte Moderna em 1922 (Nogueira, 2011). As críticas sociais e questões de gênero continuaram sendo as principais temáticas de suas produções. Foi através delas que Nair desafiou ideias machistas e costumes da sociedade, debateu sobre feminismo, organizou manifestações e mobilizou mulheres a lutarem por seus direitos e independência.

Logo, ela utilizou de forma perspicaz sua posição privilegiada para abordar questões de gênero e fazer críticas sociais sobre os costumes morais corruptos e opressores da elite brasileira, seja por meio das caricaturas, seja por meio de outro formato artístico. Por fim, a arte em suas mãos foi uma ferramenta para expor o sexismo social e um dos eixos opressores da sociedade: o patriarcado. Contudo, não se pode negar, também, que Nair era uma “menina prodígio, fruto de uma

família aristocrática, criada como princesa, a quem as excentricidades eram perdoadas e justificadas” (Nogueira, 2011, p. 12).

Pioneirismo e representatividade da mulher negra nas HQs

Zelda Mavin Jackson, ou Jackie Ormes, como ficou conhecida, nasceu em 1911 na cidade de Pittsburgh, Pennsylvania, Estados Unidos. Em 1937 era jornalista e trabalhava no jornal semanal afro-americano *Pittsburgh Courier*. Suas publicações saíam todos os sábados num dos principais jornais negros dos Estados Unidos, vigente entre 1907 e 1966 (Geledés, 2015).

Ilustração 4 - Jackie Ormes



Fonte: Produção autoral (2021).

Jackie começou como revisora no jornal, e logo se tornou quadrinista. Ficou conhecida posteriormente como a primeira mulher negra a produzir histórias em quadrinhos. Para Jackie, produzir e vender seus quadrinhos para a população negra era muito importante, pois

não se tratava apenas de um meio de entretenimento, mas também de conscientização, afinal era uma mulher negra literalmente desenhando como ela era, e ainda abordava problemáticas que envolviam classe, gênero, raça e representatividade. Em vista disso, era tão importante publicar em um jornal como o *Pittsburgh Courier*, ativista e voltado para as causas raciais (Gelédes, 2015).

Jackie vivia em um contexto social problemático. A população negra não era só criminalizada, mas era também perseguida por grupos extremistas, além de não ter suporte das instituições governamentais, empregos, moradias e políticas públicas. Ormes criticava toda essa falta de estrutura e acesso nesse jornal ativista. Dentro de seus quadrinhos ela abordava representação e representatividade, seus trabalhos apresentavam a imagem da mulher negra desenhada por uma mulher negra. Isso contrariava um sistema social que reproduzia a imagem da mulher negra com objetificação, criminalização e racismo. Esse estereótipo imagético “trata-se de ideias que informam práticas, estabilizadas em instituições, que reiteram padrões de comportamento destinados a pôr as mulheres negras em situação subalterna” (Bueno, 2020, p. 15).

Durante esse contexto social, tais questões problemáticas necessitavam de debates efetivos e de atenção, pois as políticas de segregação anteriores aos movimentos por direitos civis dos anos 1960 violentavam as pessoas negras de forma psicológica, física e moral. Então, observa-se aqui que o seu trabalho em quadrinhos não tinha só o peso representativo, mas também ativista.

Conforme Nogueira (2013), as representações dos negros em quadrinhos norte-americanos existem desde o século XIX. Apesar de fazer parte desse meio de comunicação desde as suas primeiras produções, os negros só eram representados como personagens secundários e que muitas vezes só serviam para compor o fundo de cena.

Como simples figurantes, os negros eram representados, geralmente, de forma estereotipada.

Olhos e bocas eram tão exagerados que chegavam a passar a impressão de estarem deformados. As meninas negras tinham, ainda, os cabelos representados como “molinhas”, muitas vezes arrepiados, outras vezes adornados com um laço (Nogueira, 2013, p. 23).

A imagem da mulher negra representada já nos primeiros quadrinhos de Jackie, publicados a partir de 1937, era completamente diferente do padrão até então. Conforme o quadrinho a seguir, esse trabalho, de fato, quebrou os estereótipos de figura negra presentes nos jornais impressos. Assim, a partir desse projeto ela trouxe questões de gênero, política, raça e representatividade, além de elaborar uma personagem que não reforçava os estereótipos da mulher negra.

Quadrinho 9 - Projeto *Torchy Brown* - Primeira Fase



Fonte: Nogueira (2013).

Neste ponto é importante ressaltar que mulheres negras são historicamente estereotipadas pela sociedade, não só nos quadrinhos, mas em outros meios de comunicação, lugares e instituições. Ou elas são sexualizadas ou representadas como empregadas domésticas, deformadas e/ou ridicularizadas, por estarem fora dos padrões socialmente aceitos (Nepomuceno, 2016).

Para além das questões ativistas de classe e gênero presentes nas caricaturas da primeira caricaturista Nair de Teffé, Jackie trouxe para o universo dos *comics* outros debates, inclusive pontos-chave que contribuem com o desenvolvimento deste estudo, que são os eixos interseccionais de raça, gênero e classe, presentes em suas produções desde os primeiros projetos em HQ.

O projeto *Torchy Brown*, que estreou em 1937 no jornal *Pittsburgh Courier*, em que Jackie trabalhava, com o título “*Torchy Brown in Dixie Harlem*”, é um divisor de águas. Os quadrinhos tiveram enorme repercussão na comunidade negra, tendo sido distribuídos para mais de 14 jornais, também voltados para o público negro, e espalhados por todo o país (Nogueira, 2013). A jovem Torchy representa a primeira personagem negra independente da qual se tem notícia, cujo quadrinho gerou um total de 12 tirinhas publicadas entre 1937 e 1938.

Quadrinho 10 - *Torchy Brown in Dixie Harlem*



Fonte: Geledés (2015).

De acordo com a quadrinista Trina Robbins (2001), neste período existiam apenas três afro-americanos cartunistas que conseguiam romper estereótipos com relação à cor nos quadrinhos, todos eram homens. Então, quando Jackie publicou o seu primeiro

projeto, além de enfrentar a barreira racial, também enfrentou as questões de gênero, pois poderia ter o seu trabalho recusado a qualquer momento simplesmente pelo fato de ser mulher.

Em um contexto dividido entre Sul e Norte, com divergências políticas, sociais e econômicas, em que de um lado prevalecia uma ideologia fundamentalista e de segregação, e do outro lado um contexto mais liberal e industrial, Jackie desenvolveu no projeto *Torchy Brown* a história de uma jovem negra do Mississippi que busca por estabilidade e novas oportunidades nas metrópoles do Norte. Ao chegar em Nova York, vira cantora em um clube no Harlem (Nogueira, 2013). Para esse projeto a quadrinista utilizou o humor e a autenticidade da personagem como formas de refletir sobre a vida de quem sai do Sul para buscar novas oportunidades no Norte (Robbins, 2001).

De acordo com Nogueira (2013), o personagem *Torchy Brown* é quase que uma autodefinição da autora, seus traços físicos, sua personificação, ideias e críticas sociais. Desta forma, por ser a primeira mulher negra a publicar em quadrinhos uma personagem à sua imagem e também negra, Ormes trouxe para dentro desse meio de comunicação críticas fundamentais sobre a estrutura social, questões ativistas de desigualdade, representatividade, gênero, raça e política.

Mesmo com a boa repercussão, o projeto foi interrompido em 1938. *Torchy Brown* só iria retornar em 1950. Nessa nova etapa, Jackie Ormes reinventa sua personagem com uma nova história em quadrinhos: *Torchy in Heartbeats*. Agora utilizando desenhos coloridos, a série é publicada no *Chicago Defender*, um jornal ativista também voltado para o público negro. Nessa fase Jackie remodelou a personagem de menina ingênua que sai do Sul e chega à grande metrópole de Nova York para uma personagem heroína (Nogueira, 2013).

Quadrinho 11 - *Torchy in Heartbeats* - Segunda fase



Fonte: Nogueira (2013).

Quadrinho 12 - *Torchy in Heartbeats II*



Fonte: TERRA VERSO (2020).

A personagem é uma enfermeira que vive aventuras e procura por um amor romântico (Nogueira, 2013). É uma mulher independente, que se enaltece e se valoriza. Este também é o momento em que Jackie expõe o seu talento para moda e o empoderamento de uma mulher

negra, reafirmando que elas vão além dos estereótipos pré-estabelecidos pela sociedade.

Quadrinho 13 - *Torchy in Heartbeats III*



Fonte: Geledés (2015).

Essa fase de autoafirmação e valorização da mulher negra se tornou uma forma de resistência dentro dos quadrinhos, desconstruindo as imagens que se estabelecem estruturalmente sobre a mulher negra, aplicadas e baseadas em estereótipos sobre raça e gênero. Segundo Bueno (2020), essas imagens são utilizadas por grupos dominantes com o objetivo de estabelecer e reproduzir um padrão de violência e dominação, constituídas para que permaneçam sempre no poder. “Isso se dá porque as imagens de controle estão articuladas no interior da histórica matriz de dominação que caracteriza a dinâmica interseccionada na qual as opressões se manifestam” (Bueno, 2020, p. 73).

Através dessa valorização da mulher negra, nas duas etapas do projeto, Jackie trouxe uma produção bem diferente das que repercutiram na época e alternavam a imagem da mulher negra entre o animalesco, o grotesco e o risível (Oliveira, 2015). Temos como exemplo de contraponto

a personagem Lamparina (1928) do autor José Carlos, presente na revista infantil Tico-Tico como figurante e que possuía traços grotescos, bem como a personagem Maria Fumaça (1950) do brasileiro Luiz Sá, que trouxe o estereótipo da empregada doméstica faceira, publicada na revista infantil Cirandinha. Eram personagens que divergiam do que era ser uma mulher negra. Segundo Hall (2016), essa é uma forma que alimenta sentidos e significados de uma cultura estereotipada, evidenciando diferenças brutais nas características humanas entre as representações de mulheres negras e brancas.

Quadrinho 14 - Lamparina e Maria Fumaça



Fonte: Requadro autoral. Imagens: Oliveira Neto (2015).

Além de trazer uma personagem segura, confiante e que quebra estereótipos do imaginário social, Jackie também explora outros campos, como o relacionamento de *Torchy* com um médico branco, lembrando que na época casamentos inter-raciais eram proibidos em boa parte

do país. Juntos, eles encaram uma luta contra o racismo, o machismo e ainda entram em debates políticos e ambientais, detalhe, 40 anos antes do início das discussões públicas sobre aquecimento global e mudanças climáticas. Trata-se de uma história em quadrinhos que não só apresenta a busca pelo amor romântico, mas também questões de ativismo social muito à frente de seu tempo.

A consciência política e social da personagem era um diferencial. Ormes abre espaço para discutir relações afetivas, sociais, políticas e ambientais, em uma tira estrelada por uma mulher negra, o que torna a sua personagem ainda mais rica, tendo em vista o contexto no qual foi concebida (Nogueira, 2013, p. 30).

A partir dessa consciência política de Ormes, seus personagens produzidos nos projetos em quadrinhos se desenvolvem ao longo dos anos, se refazem, abordam novos debates sociais e amadurecem discussões importantes. Trata-se, portanto, de produções ousadas no sentido de propor debates transformadores, levantar temáticas de mudanças sociais e ativismo. São trabalhos ousados, também, quando retratam uma mulher negra fora dos padrões pré-estabelecidos socialmente. Os quadrinhos de Ormes apresentam uma mulher independente financeiramente, ativa socialmente e que não vive um papel secundário ou de ilustração de fundo, lugar destinado a personagens negros desde as primeiras HQs.

Nepomuceno (2016) explica que, especialmente na primeira metade do século XX, muitas mulheres negras se valeram apenas de trabalhos ligados à cozinha ou áreas afins. Buscar algo além desse patamar era quase impossível de se imaginar. Sendo assim, quando Jackie ousou fazer algo diferente, ela foi para além do imaginável socialmente.

Neste ponto, observam-se questões de representação, representatividade e interseccionalidade na história das HQs, não

só pelo fato de apresentar debates sobre gênero, raça e classe social, eixos que são o foco desta obra, mas também por mostrar como todos esses eixos afetam a mulher negra opressivamente em vários níveis de perspectiva social e de futuro, por exemplo, em relacionamentos, profissões, representatividade e acessos. Torchy, assim como Ormes, precisou se esforçar duas ou três vezes mais para conseguir seu espaço na sociedade e o que fez foi transformador, revolucionário e imaginável.

Dentro desse universo dos quadrinhos é muito difícil catalogar as pioneiras, tendo em vista que, assim como outros espaços da sociedade, quadrinhos são um lugar predominantemente masculino e machista (Arruda, 2020). Porém, entende-se que a resistência dentro dos quadrinhos busca conhecer suas raízes e, na sequência, aborda-se outra pioneira, uma das primeiras mulheres negras dos quadrinhos brasileiros a roteirizar HQs de terror durante um dos períodos mais tensos da nossa história, a ditadura militar.

Ilustração 5 - Cida Godoy



Fonte: Produção autoral (2023).

Maria Aparecida Godoy nasceu em Guaratinguetá, interior de São Paulo, e fez sucesso em um gênero bem diferente de quadrinhos: o terror. Cida Godoy, como ficou conhecida, iniciou sua carreira escrevendo roteiros para HQs nas décadas de 1960 a 70 para as revistas brasileiras Calafrio e Mestres do Terror. Nessas revistas, ela trazia histórias que exploravam um subgênero pouquíssimo reconhecido e valorizado nos quadrinhos brasileiros até hoje: o folclore.

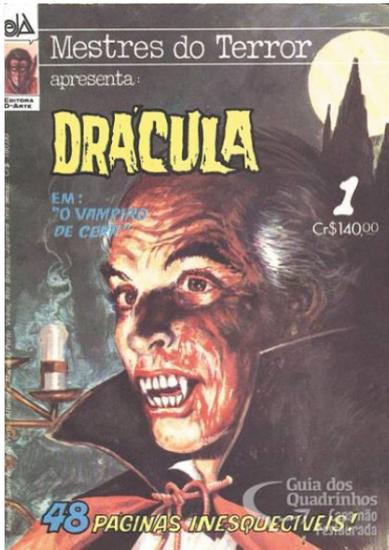
Arruda (2020) explica que ela era uma menina de origem pobre, sua família não tinha condições para comprar uma TV. Então, suas opções de informação e entretenimento eram rádio e as reuniões noturnas em família para escutar histórias aterrorizantes que contavam uns para os outros. Dessa forma, Cida baseou seus roteiros de terror nas conversas de assombração escutadas e nos filmes de terror dos quais também ouvia falar em sua infância.

Além das mencionadas reuniões em casa, ela também conversava com as pessoas simples da região de Guaratinguetá, entre elas, roceiros, benzedeiros e donas de casa, pessoas que na época tinham um profundo conhecimento, medo e respeito pelo sobrenatural. É principalmente dessa experiência e vivência que nasce o seu talento para a escrita de roteiros de terror.

Revistas do gênero terror faziam muito sucesso nas décadas de 1960 e 70, e Cida passou a escrever diversas cartas com as histórias para as editoras da capital de São Paulo. Ela tentou, mesmo sem saber fazê-lo, escrever um roteiro na estrutura de uma produção. Rodolfo Zalla, diretor de arte da editora Taika, gostou de uma das suas histórias intitulada “A vingança da Escrava” e decidiu lhe dar uma oportunidade. Além disso, também lhe enviou modelos de roteiros para adequar suas histórias. Era o que Cida precisava, e não demorou para que a roteirista fosse requisitada para produzir mais trabalhos. Junto com os desenhos de Nico Rosso, construiu diversas histórias e abordagens com temas diferentes que envolviam folclore, terror e cinema. Dois exemplos de

sua produção textual são “As aventuras de Drácula”, para a editora Taika, e “Zora, a mulher lobo”, para a editora GEP.

Quadrinho 15 - As aventuras de Drácula e Zora, a mulher lobo



Fonte: Quadracomics.

Segundo Hahn (2017), seus textos tinham originalidade, imaginação e criatividade. Como exemplo, ela cita uma das edições das Aventuras de Drácula na qual o vampiro se encontra com Joana D'Arc, uma camponesa que se tornou heroína francesa na Guerra de Cem Anos e foi queimada viva. Ou seja, suas inspirações também vinham dos filmes de terror produzidos na época, às vezes um lugar representado no filme, a característica de um personagem, ou uma história cinematográfica. Tais roteiros renderam mais ou menos 50 edições de revistas em quadrinhos e colocaram Cida no auge da produção de HQs de terror na época.

Suas obras não envolviam problemáticas sociais, como as de Jackie Ormes, mas já era algo inovador e, no mínimo, revolucionário só o fato de ser uma mulher, negra, pobre e sem muito recursos, produzindo

para as principais editoras de histórias de terror e em quadrinhos da época, e tudo isto dentro de um contexto social brasileiro problemático.

Quando Cida estava no ápice de suas produções, o contexto social ao seu redor era bem turbulento. O Brasil estava vivendo a fase de ditadura militar, entre 1964 e 1985. Com a justificativa de evitar a instauração do comunismo no país, governos ditatoriais da época instauraram censura, perseguições, violências, prisões arbitrárias, torturas e assassinatos. Essa censura chegou a diversos campos sociais: na música, no cinema, na arte e também nos quadrinhos. Assim, as produções de Cida foram interrompidas, pois nem o gênero terror conseguiu escapar da censura imposta na década de 1970.

Mesmo sem conseguir publicar, Cida continuou escrevendo e não perdeu a esperança de que os quadrinhos voltassem. Em entrevista à revista *Calafrio* (1983), a quadrinista relatou:

Tudo o que eu podia fazer naquela época era continuar exercitando a imaginação, escrevendo histórias mesmo que elas não tivessem oportunidade de chegar ao público. Vim para a capital [de São Paulo] e trabalhei como desenhista na Sabesp, mas continuei esperando uma nova chance nos quadrinhos (Calafrio, 1983 *apud* Plaf, 2020).

Segundo Almeida (2011), essa foi também uma ação influenciada pelo Código de Censura instaurado na década de 1950 nos Estados Unidos, a *Comics-Code Authority*, que ainda atuava entre os anos 1960 e 70, e de certa forma foi adaptado ao Brasil no contexto da Ditadura para o selo “Código de Ética”, de 1960. Todas as revistas em quadrinhos tinham que se adequar a esse selo de aprovação. Segundo Santos (2021), foi a imensa repercussão de obras das grandes editoras de quadrinhos na época que levou o governo ditatorial à necessidade de criar órgãos que regulamentassem a distribuição do material impresso. A censura

foi estabelecida de modo a definir quais conteúdos poderiam ou não ser publicados.

Algumas entre as diversas regras do código previam que o casamento e os valores familiares e domésticos fossem enaltecidos, enquanto o divórcio, quando mencionado, deveria ser sempre depreciado; os personagens considerados do bem deveriam sempre vencer e ser recompensados, enquanto os vilões deveriam ser sempre derrotados e punidos (Santos, não paginado, 2021).

Além de controlar os conteúdos dando prioridades àqueles que abordavam “de maneira correta” a família, a moral e os bons costumes sociais, essa regulamentação estabelecia quais cores usar, imagens, capa e tema. Por exemplo, HQs de terror que usavam cores vermelhas para representar a roupa do Drácula, o sangue, ou uma bandeira, não eram aprovadas. As revistas com o selo *Comics-Code Authority* (1950), ou o selo Código de Ética no Brasil (1960), tinham um padrão normativo de produção a ser seguido.

Após anos de controle, aos poucos essa regulamentação foi perdendo a força. Segundo Almeida (2011), muitas editoras abandonaram o selo, muitos quadrinistas brasileiros passaram a desenvolver trabalhos de forma independente, parecidos com as produções dos EUA, que davam destaque ao movimento contracultural e *underground* no início dos anos 1970. Algumas editoras foram retomando projetos antigos, como a editora D’Arte que em 1980 retornou com a HQ de histórias de terror Calafrio e para tal projeto convidou Cida Godoy.

A seguir apresentam-se algumas de suas histórias em quadrinhos publicadas na revista pela a editora D’Arte:

Quadrinho 16 - História de Cida Godoy I “Tia Amélia”



Fonte: Calafrio - HQ de terror em nova dimensão, Nº 01 (1981).

Quadrinho 17 - História de Cida Godoy II “A coisa que rasteja”

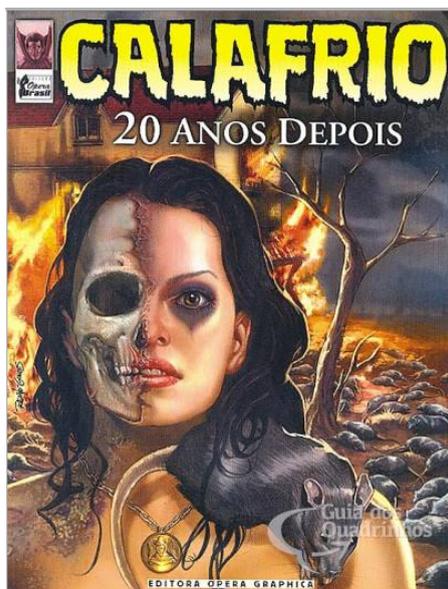


Fonte: Calafrio - HQ de terror em nova dimensão, Nº 12 (1982).

A revista circulou até 1993. Após esse período, pouco se ouviu falar de produções em quadrinhos com roteiros assinados por Cida. De acordo com a reportagem de Arruda (2017) na revista “O Grito”, em uma matéria especial sobre a roteirista, ela chegou a ganhar o prêmio Ângelo Agostini em 1997. Trata-se de uma das mais prestigiadas premiações brasileiras voltadas exclusivamente para as histórias dos quadrinhos, criada como homenagem ao pai das HQs nacionais. Cida foi prestigiada naquele ano como mestre da categoria nacional por seus roteiros e produções, ocasião em que também foi reconhecida como uma das primeiras mulheres pretas brasileiras a roteirizar histórias para produções em quadrinhos.

Cinco anos depois, em 2002, os editores da Calafrio voltam a chamar a roteirista para uma edição especial em comemoração aos 20 anos da revista. Nessa produção especial ela escreve o roteiro da história “Noturno”, publicada na edição a seguir:

Quadrinho 18 - Edição especial de 20 anos da revista Calafrio



Fonte: Guia dos Quadrinhos (2007).

Após esses acontecimentos, Cida interrompeu suas produções em quadrinhos e começou a se dedicar a outros projetos que tinham o objetivo de resgatar e preservar as raízes afro-brasileiras. Em 2022, ela participou do minidocumentário “Museu do Bixiga”, uma produção do Teatro Sérgio Cardoso que mostra a história, a fundação e a diversidade de um dos bairros mais tradicionais da capital paulista, o Bixiga.

Se antes era Cida quem resgatava as histórias do folclore brasileiro, agora cabe a essa geração manter viva na memória a contribuição desta artista notável que conquistou seu espaço sendo uma mulher negra em um mercado em que ainda há um número reduzido de mulheres e, principalmente, de mulheres negras (Arruda, 2017).

Quadrinhos enquanto um meio ativista durante sua história

Rompendo fronteiras entre quadrinhos e ativismo, observa-se que ao longo da história das HQs sempre houve uma construção de discursos em prol de causas sociais, incluindo produções de pioneiros e pioneiras do formato. Com exceção da brasileira Cida Godoy, os demais projetos apresentados nesta obra destacaram o inconformismo de autores e autoras com as questões sociais de gênero, classe e raça, cujos quadrinhos foram utilizados como ponte para expor ideias, protestos e críticas sobre a estrutura social.

Cida não trouxe nenhuma dessas questões em suas produções enquanto estava no seu auge. Contudo, segundo Mazetti (2018), as produções ativistas envolvem não só o produto em si, mas também quem está produzindo. Então, o fato de ser uma mulher negra, do interior e sem estrutura, roteirizando histórias para quadrinhos, torna-se algo muito significativo para o seu contexto social – por isso, é tão importante abordar a trajetória desta mulher.

Tais produções trouxeram à tona problemáticas, vivências e experiências do cotidiano desses pioneiros e pioneiras. Ao abordarem questões sensíveis para um meio de comunicação social de destaque, seja em revistas *mainstream*, editoras independentes, ou jornais impressos, esses artistas trouxeram uma visibilidade para problemáticas sociais, que muitas vezes não tinham espaço nas colunas textuais ditas “sérias”. Assim, reflexões e debates políticos foram se construindo gradativamente dentro do universo dos quadrinhos, e muitas vezes, de forma vanguardista.

Essas são características possíveis de serem relacionadas com o midiativismo, pois essas abordagens críticas sobre a sociedade condizem muito com a essência do que é midiativismo (Mazette, 2018). Segundo Braighi (2018), há muitos conceitos que caracterizam uma produção como midiativista, a destacar: aquelas com o objetivo de mudar a sociedade; as que questionam e combatem a cultura dominante; que buscam representação e representatividade; que têm uma conexão com os movimentos sociais; provoca mobilização; e o uso das tecnologias de informação para compartilhamento de ideias. A partir desses conceitos, observa-se que o midiativismo é uma categoria ampla do ativismo social, é uma ação que mobiliza, provoca, participa, questiona e constrói uma diferença.

Desta forma, apesar de as abordagens críticas sobre a sociedade terem exercido influência sobre as HQs nesse período, é delicado afirmar que todos esses projetos pioneiros são midiativistas. Por outro lado, tal pioneirismo ensejou os quadrinhos a se tornarem um meio de comunicação alternativo que, de forma primordial e gradativa, adotaram opiniões ativistas importantes sobre a sociedade e se transformaram em uma ferramenta para refletir, debater e questionar as diferenças sociais, assim como a representatividade e o desenvolvimento de uma conscientização.

Além do mais, converteram-se em uma inspiração e referência para a criação de quadrinhos considerados midiativistas atualmente, por

exemplo, o site *Cartoon Movement*, que expõe quadrinhos de profissionais do mundo todo abordando diversos temas sobre problemáticas sociais. Outro exemplo é o *Mina de HQ*, que prioriza a publicação de grupos socialmente minorizados dentro dos quadrinhos (mulheres, pessoas não binárias, negras e LGBTQIA+s).

A HQ “*Marielle Franco Raízes*” é uma produção com essas características, um trabalho coletivo, representativo, com o objetivo de inspirar meninas negras a mudarem estatísticas sociais, a revista carrega o orgulho de suas raízes e sem jamais esquecer das suas origens. Nessa perspectiva midiativista, é importante ressaltar que HQs produzidas de forma coletiva e representativa, como essa biografia de Marielle ou como os projetos de Jackie Ormes, trouxeram para o mundo dos quadrinhos o que Patrícia Hill Collins chama de autorreferenciação da mulher negra (Bueno, 2020). Trata-se de um conceito de obras e espaços nos quais a mulher negra fala sobre si mesma. Essa autorreferenciação desconstrói ideias e imagens com estereótipos sociais reproduzidos, como por exemplo as personagens brasileiras “*Maria Fumaça*” e “*Lamparina*”. Mulheres negras desenhando, falando sobre si e escrevendo para outras mulheres negras são ações muito significativas para a construção de projetos midiativistas, porque trazem mudanças de mundo, abordagem política, falas direcionadas para um público específico e o protagonismo negro dentro das HQs, as quais atualmente ainda são um espaço ocupado de forma desigual.

Pensar em produções de quadrinhos midiativistas é pensar transformações sociais. A fim de que tais mudanças estejam cada vez mais presentes nas HQs e na sociedade, é necessário continuar a desconstruir imagens, levantar questionamentos, romper estereótipos, papéis e modelos femininos dentro dos quadrinhos, no seu processo de produção e no ambiente social. Dessa forma, é possível demolir estereótipos presentes no imaginário social e desenvolver ferramentas que mobilizem a representação em direção a uma mudança.

QUADRINHOS COMO ARTE SEQUENCIAL

O muro da ignorância que impede tantos de se verem com clareza só pode ser atravessado pela comunicação. E a comunicação só funciona quando compreendemos a forma que ela pode assumir.

(Scott McCloud, 2005).

A análise da revista realizada nesta obra teve por base duas definições fundamentais: a de Interseccionalidade e a de Quadrinho, as quais serviram de parâmetro para a construção das críticas ora apresentadas e para a compreensão do processo de produção em quadrinhos, cujo embasamento teórico será explorado brevemente na sequência.

Rahde (1996) afirma que os quadrinhos possuem uma linguagem acessível para compartilhamento de ideias ativistas e de conscientização social, tendo em vista seus elementos visuais e sua linguagem direta. Acrescenta-se a essas características, o fato de estarem presentes na sociedade há muitos anos e terem a imprensa como principal meio de desenvolvimento e disseminação de suas produções.

Sob a perspectiva de Sousanis (2017), os quadrinhos também têm uma função bem ativa no pensamento humano, o qual se desdobra em um emaranhado de complexidades sociais. Os quadrinhos têm uma forma de apresentar pontos de vistas e uma maneira de compreender “os modos desaplanados em que esse pensamento se desdobra” (Sousanis, 2017, p. 66). Ainda conforme o autor:

[...] viemos conduzindo essa discussão de maneira anfíbia – respirando nos mundos de imagens e dos textos - enxergando dos dois lados. O texto imerso na imagem. As figuras ancoradas nas palavras. Nem sempre é dessa forma (Sousanis, 2017, p. 53).

Para o autor, que defendeu a primeira tese de doutorado em educação totalmente feita em quadrinhos na Universidade de Columbia em 2014, o formato de associação de textos e imagens dos quadrinhos ajuda a enxergar as questões abordadas além das formas “tradicionais”.

A seguir serão apresentadas breves definições, narrativas e exemplos de quadrinhos biográficos.

Definição de Quadrinhos

Pela caracterização de McCloud (2005), o mundo dos quadrinhos é rico e enorme; contudo, a fim de conhecer o seu potencial ilimitado e emocionante, é preciso encontrar uma definição adequada. Para tanto, ele utiliza Will Eisner (1985), que classifica os quadrinhos como “arte sequencial”, porém, de maneira mais específica McCloud (2005, p. 9) estabelece que estes são “imagens pictóricas e outras justapostas em seqüência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”. Assim, ele inclui na definição de quadrinhos o papel de meio de transmissão de mensagens, efeitos e o fato de criar novas imagens a partir de elementos visuais e escritos, superando assim uma perspectiva linear e funcionalista dos meios de comunicação e adicionando a experiência estética à centralidade do processo.

Em entrevista ao “Social Comics”, a quadrinista Kisque (2021) pontua que os quadrinhos também possuem uma linguagem rápida e objetiva, o que facilita o desenvolvimento de um debate público sobre críticas sociais. Na visão da autora, eles ajudam a compreensão e o acompanhamento do que acontece no contexto atual através do olhar do outro.

Tendo em vista as suas diferentes construções de texto, imagem e linguagem, quadrinhos é um termo que merece ser definido. Primeiro, por sua ancestralidade profunda (nossas primeiras expressões midiáticas

foram desenhos nas paredes das cavernas). Segundo, que a história dos quadrinhos também é a história da sociedade. Além disso, “desaplanar” o mundo é uma forma de lidar com a experiência de nossas vidas, antes mesmo de darmos um nome a ela (Sousanis, 2017). Ou seja, “a definição [de quadrinhos] se refere ao meio em si, não a um objeto específico como ‘revista’ ou ‘gibi’” (McCloud, 2005, p. 4).

A linguagem dos quadrinhos pode ser uma produção artística, crítica, informativa, um meio de entretenimento, reflexivo e também transmissor de mensagens utilizando elementos verbais e não verbais. Por exemplo: um único quadrinho pode apresentar uma problemática do contexto social, promover um debate, levantar questões ativistas e provocar uma reflexão utilizando apenas uma sequência de imagens sem textos verbais (Quadrinho 19).

Quadrinho 19 - “Representatividade Importa”



Fonte: May Solimar (2022), Portal Mina de HQ

Ou seja, devido a essas características, a HQ é um meio que pode ir além do simples entretenimento, como ficou popularmente conhecida. Além das suas propriedades intrínsecas (associação de texto e imagem, imagens sem texto, imagens sequenciais), a linguagem em quadrinhos pode ser usada para o ativismo.

Segundo Rahde (1996), além do simples entretenimento, desde as primeiras manifestações, críticas sociais estiveram presentes nos quadrinhos, principalmente em produções que ficavam à margem da

cultura central. Por meio deste formato é possível discutir racismo, gênero, política, representatividade, estrutura social, sexualidade etc. Assim, questões de ativismo e crítica social se tornaram uma importante característica para a formação e desenvolvimento das HQs (Rahde, 1996).

Abordar o discurso ativista dentro desta linguagem, mesmo que à margem de uma sociedade, para Muanis (2006) é fundamental, pois a partir desse modo é possível trabalhar a experiência e vivência de um grupo. Ainda segundo o autor, os quadrinhos ganham esse conceito de arte sequencial por três de seus recursos. O primeiro é o uso gráfico subordinado à narrativa: seu texto pode ter uma densidade dramática; o uso de tipologias variadas; e suas cores e tamanhos diferenciados, assim como seu formato, traços e diagramação. O segundo ponto é a mudança que ocorre nos quadrinhos: suas características podem criar efeitos únicos; criar diferentes formatos; e até mesmo refletir o estado de espírito de um personagem.

O terceiro ponto é a temporalidade: o leitor visualiza vários quadrinhos em uma página e a ação se desloca no tempo. Esse fator reforça a ideia de ritmo. “Se o olhar do leitor está em um quadro, ele vê, simultaneamente, o tempo passado da ação, representado pelo quadro anterior; bem como o tempo futuro, representado pelo quadro posterior ao observado” (Muanis, 2006, p. 5). Esse terceiro ponto é fundamental para compreender os quadrinhos como modo de leitura e as diferenças verbais e não verbais.

Souza (2022) afirma que estamos vivenciando uma mudança na própria hegemonia da forma de pensamento da humanidade, passando do raciocínio tempo-histórico-linear, baseado em textos verbais, para o mágico-imagético-circular, calcado em imagens. Ambas formas convivem, mas a atual era da supremacia das imagens afeta profundamente a maneira como nos relacionamos com o mundo real, com as linguagens, interpretações e compreensões. Desse

modo, abrir mão do poder das imagens para se comunicar, seja no ativismo, ou mesmo no âmbito acadêmico, é deixar de lado uma ferramenta poderosa que tem sido usada com sucesso, por exemplo, na disseminação de *fake news*.

Na ótica de Sousanis (2017), a diferença do modo verbal para o visual é que o verbal se desenvolve de forma linear, um passo a passo apresentando uma sequência distinta de palavras que vai guiando o olhar até o final. Já o modo visual apresenta tudo ao mesmo tempo de modo simultâneo e disperso, porém relacional. Desta maneira, nada impede que o leitor foque sua atenção em uma imagem e ao mesmo tempo volte seu olhar para as imagens periféricas, ou seja, passeie entre a página e pelas temporalidades que os quadrinhos presentes nela permitem. Isso acontece sem subverter, ou criar problemas de compreensão e comunicação na mensagem pretendida pelo autor/ autora do texto.

[...] através da atenção central e da atenção periférica. O espectador foca sua atenção em determinado ponto da imagem. Mas a atenção periférica permite que ele capte também a informação visual ao redor. Existe, portanto, uma percepção total da imagem, ainda que variada, em função das desigualdades entre a captação da imagem central e periférica e ainda, do que o espectador elege como atenção central em detrimento ao que é periférico (Aumont, 2004, p. 86).

Sobre a linguagem visual e temporalidade dentro dos quadrinhos, Sousanis (2017) explica que a imagem não é só uma descrição de algo, mas ela é este algo, e nesse caminho é importante ressaltar que essa simultaneidade contribui para tornar visível algo que nas palavras está falhando. Na definição de quadrinhos, a questão apresentada e aprofundada pelo autor é: “O que não temos notado?

E o que pode se tornar visível quando trabalhamos com uma forma que não é só sobre algo, mas também é este algo?” (Sousanis, 2017, p. 59). Tal aprofundamento leva a observar que, a partir da linguagem visual, dos recursos simultâneos e da temporalidade que os quadrinhos proporcionam, é possível tornar visíveis experiências, vivências, complexidades e problemáticas da nossa história.

O quadrinho a seguir é um exemplo de requadros abordando uma problemática social, nos quais os olhos dos leitores podem ver os recursos simultâneos e podem passear entre o tempo passado, presente e futuro ali apresentados:

Quadrinho 20 - Sequência temporal das memórias de Angela Davis



Fonte: Miss Davis: A vida e as lutas de Angela Davis. Textos Sybille Titeux de la Croix e ilustrações de Amazing Ameziane (2020, p. 38-39).

Tendo em vista a apresentação de seus recursos, os quadrinhos estão relacionados com duas outras mídias que fazem parte da sua história e da sua construção enquanto meio de comunicação: a imprensa

e o cinema. Antes da fotografia, os desenhos já eram utilizados na imprensa e faziam parte de uma determinada tradição para informar, criticar, ilustrar e testemunhar (Silva, 2020). O uso de desenhos cresceu e se diversificou para tomar seu lugar com produções de charges e tiras não somente nos jornais, mas também nas revistas ilustradas. Formaram-se, então, profissões na área da comunicação como, os ilustradores e uma categoria profissional chamada de artista-repórter.

Apesar dos seus aspectos jornalísticos e a sua participação na imprensa, a HQ é uma mídia *pop* e também é possível relacioná-la com outra linguagem: a do cinema. “O cinema é a mídia que mais tem proximidade com os quadrinhos, seja na linguagem, nas influências mútuas e hibridizações de forma e conteúdo” (Muanis, 2006, p. 4). McCloud (2005) concorda que a HQ de fato possui uma abordagem de cinema, pois oferece versatilidade, recursos e potencial. Sendo assim, quadrinhos e cinema possuem elementos em comum, já que ambos lidam com palavras e imagens. No entanto, os dois possuem singularidades. Por exemplo, o cinema reforça o som, movimento e tenta transmitir a experiência do real, enquanto os quadrinhos narram e se utilizam de um meio estático para construir as suas histórias. “Essas singularidades, claro, afetam as tentativas de aproximação do cineasta e do cartunista” (Eisner, 1985, p. 75), porém são relações que contribuem para a compreensão do que são quadrinhos.

Construção da arte sequencial - quadrinhos

Conforme descrição anterior, quadrinhos são um encadeamento de imagens em sequência, dispostas a contar uma história ou passar uma informação. Portanto, produzir a imagem como um meio comunicador requer compreensão social, contexto, o uso de elementos gráficos, criatividade e imaginação. A partir desses elementos é possível, “contar uma história apenas através de imagens, sem ajuda de palavras” (Eisner,

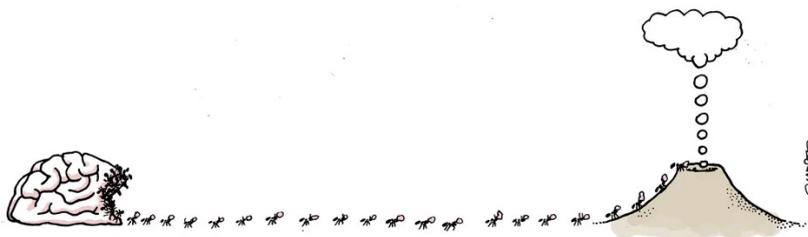
1985, p. 16). Nas tirinhas, às vezes uma única imagem estática permite a percepção da passagem do tempo (Quadrinho 21 e 22).

Quadrinho 21: Manual do Minotauro I



Fonte: Acervo Laerte, 2020.

Quadrinho 22 - Manual do Minotauro II



Fonte: Acervo Laerte, 2020.

Uma arte em que “o visual se expressa onde as palavras falham” (Sousanis, 2017, p. 59) é composta por elementos fundamentais que contribuem na sua produção, responsáveis por fazer dos quadrinhos uma forma de linguagem sem igual. Sendo assim, a seguir abordam-se quatro componentes que contribuem para a construção de uma HQ, inclusive para aquela ora em análise: o timing, o enquadramento, os requadros e os balões.

Timing é um fenômeno utilizado para representar o tempo, espaço e ritmo da narrativa. A partir dele é possível prolongar uma cena, enquadrar uma fala e o tempo dela, com o objetivo de realçar

a emoção da cena. Trata-se de um dos componentes fundamentais na construção de uma HQ, pois esta ganha vida quando o timing se torna um componente ativo dentro da história. Essa capacidade de representar a passagem de tempo é decisiva para o sucesso da narrativa, pois o artista precisa saber quando é necessário estender o tempo de uma cena, dividindo-a em vários quadros, e quando não o é.

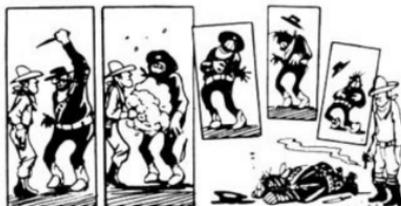
Quadrinho 23 - Tempo e Timing

TEMPO



Uma ação simples cujo resultado é imediato... segundos.

TIMING



Uma ação simples em que o resultado (apenas) é prolongado para realçar a emoção.

Fonte: Eisner (1985, p. 25).

Já o enquadramento é uma habilidade que também encontramos na fotografia e no cinema. A partir dele é possível definir o tamanho e posição de um objeto, ou de um personagem dentro de um quadro. Nos quadrinhos, o enquadramento se torna uma habilidade de prender a atenção do leitor para uma sequência específica de quadros da página. É um componente que se divide em sete planos.

No plano Geral há uma amplitude cujo enquadramento permite mostrar simultaneamente um espaço, um local e vários objetos.

Quadrinho 24 - Plano Geral



Fonte: Produção autoral (2023).

Plano Aberto é um enquadramento que permite mostrar um personagem de corpo inteiro, com seus respectivos detalhes e características.

Quadrinho 25 - Plano aberto



Fonte: Produção autoral (2023).

Plano Americano é um enquadramento que, segundo Nanquim (2021), se popularizou devido às produções cinematográficas de *bang bang*. Nele vemos o personagem do joelho até a cabeça (Quadrinho 26).

Quadrinho 26 - Plano Americano



Fonte: Produção autoral (2023).

Plano Médio trata-se de quando o personagem é enquadrado próximo da cintura, recurso muito utilizado em diálogos (Nanquim, 2021).

Quadrinho 27 - Plano Médio



Fonte: Produção autoral (2023).

O Close é o momento em que se ressaltam expressões do rosto:

Quadrinho 28 - Plano Close



Fonte: Produção autoral (2023).

O Super Close é o enquadramento que enfatiza as expressões do rosto do personagem, expresso como um zoom bem próximo da boca, ou olhos.

Quadrinho 29 - Super Close



Fonte: Produção autoral (2023).

E por último, o Plano Detalhe, no qual se enquadra um objeto em específico que faz parte do ambiente retratado.

Quadrinho 30 - Plano Detalhe



Fonte: Produção autoral (2023).

Outro componente que é fundamental para a construção de uma HQ é o requadro. O layout básico de tiras em quadrinhos é uma forma em que tanto seu tamanho quanto sua proporção são rígidos e iguais (Eisner, 1985). No entanto, é possível utilizar esse componente de diferentes maneiras (recurso narrativo, suporte estrutural) e apresentar tempos passados, futuros e presentes. “Além da sua função principal de moldura dentro da qual se colocam objetos e ações, o requadro do quadrinho em si pode ser usado como parte da linguagem ‘não verbal’ da arte sequencial” (Eisner, 1985, p. 44).

Segundo a já referida abordagem, utilizar requadros como recurso narrativo da produção é essencial para a construção das HQs. A partir da linguagem narrativa dos requadros apresenta-se a tristeza, closes, solidão, ação, tempo presente e passado, lembranças, dentre outros momentos que dão vida, sentido e emoção à história.

A seguir, apresenta-se um exemplo de requadro como recurso narrativo.

Quadrinho 31 - Requadro como recurso narrativo



A. O traçado denteado sugere uma ação emocionalmente explosiva. Expressa um estado de tensão e está relacionado com a sonoridade áspera associada à transmissão de som do rádio ou do telefone.



B. O quadro comprido reforça a ilusão de altura. A posição dos vários quadrinhos pequenos imita um movimento de queda.



C. Fazendo-se com que o ator rompa os limites do quadrinho, transmite-se a ilusão de força e ameaça. Como se pressupõe que o requadro de um quadrinho é inviolável, isso aumenta a sensação de ação desenfreada.

Fonte: Eisner (1985, p. 46).

Temos também o requadro como suporte estrutural, quando este se apresenta como uma janela ou porta, por exemplo, mas tais elementos também fazem parte da estrutura de um cenário que compõe a história.

Quadrinho 32 - Requadro como suporte estrutural



Fonte: Produção autoral (2023).

Como último componente: os balões, um recurso gráfico utilizado para representar diálogos e pensamentos de uma narrativa em quadrinhos. Da mesma forma que os requadros, seus traçados também podem significar tempo passado, presente, futuro, emoção da trama e ação.

Quadrinho 33: Balões

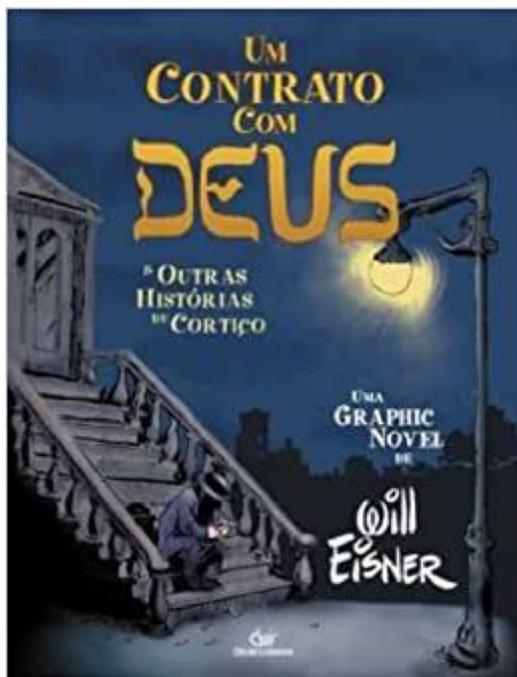


Fonte: Produção autoral (2023).

Gêneros dos Quadrinhos: *Graphic Novel*, Autobiografias e Biografias

Para falar sobre produções autobiográficas e biografias em quadrinhos, é necessário abordar antes as *Graphic Novels*, ou romances gráficos. Trata-se de uma produção em quadrinhos mais longa e elaborada, que pode ou não ser uma ficção. O que a difere das outras é justamente a respectiva trama, narrativa e traços complexos, além da proximidade com obras literárias. Segundo Wasserstein (2021), a definição *Graphic Novel* ficou popularmente conhecida através de Will Eisner com a produção semiautobiográfica “Um Contrato com Deus”. A obra retrata uma trama complexa, extensa, produzida com um pouco de ficção e algumas lembranças que o autor tem da infância.

Quadrinho 34 - Um Contrato com Deus e Outras Histórias de Cortiço - 1978



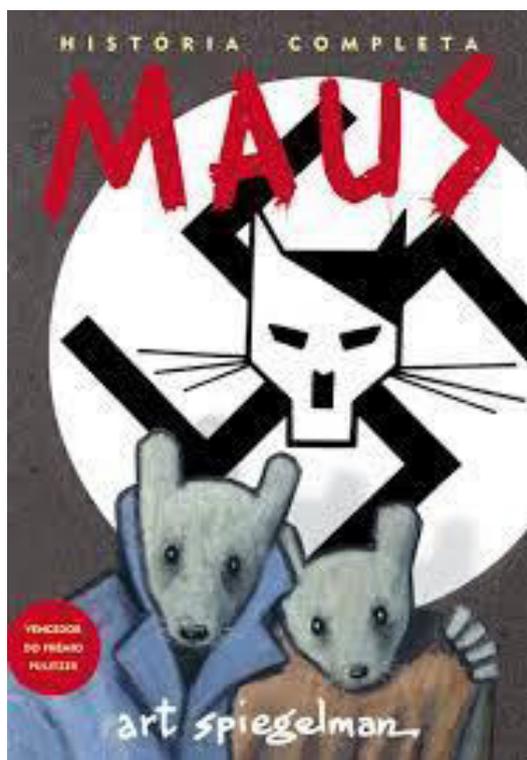
Fonte: Will Eisner (2009).

O selo *Graphic Novel* surgiu como uma tentativa de diferenciar as produções mais extensas, ficcionais, biográficas ou autobiográficas, daquelas menos extensas e seriadas. Ou seja, apesar de a arte sequencial ser muito associada às produções de ficção científica, fantasia e histórias de super-heróis, o gênero de biografia e autobiografia também prosperou dentro dessa arte.

Com o passar dos anos, muitas produções biográficas e autobiográficas foram se destacando, ganhando espaço e também abordando debates sobre complexidades sociais a partir de suas experiências e vivências. Uma obra de grande importância para esse gênero é *Maus*, do quadrinista Art Spiegelman, produzida entre 1980 e 1991. *Maus* é uma biografia e autobiografia que conta a história

do pai do autor, um judeu polonês sobrevivente do holocausto, mas traz como fundo a relação difícil entre os dois. Maus também foi a primeira obra em quadrinhos a ganhar o prestigiado prêmio Pulitzer, em 1992, mas numa categoria especial, já que os promotores da premiação não conseguiam decidir quanto ao caráter biográfico, ou não, da obra. De qualquer modo, a produção também se encaixa como subgênero dos quadrinhos jornalísticos por ser uma narrativa que transita entre entrevistas, lembranças, momentos passados e o presente. Seus personagens são representados por animais: os judeus são os ratos, os nazistas são gatos e os poloneses são porcos, utilizando a mesma representação que os nazistas davam aos povos para denunciar a opressão do regime de Hitler.

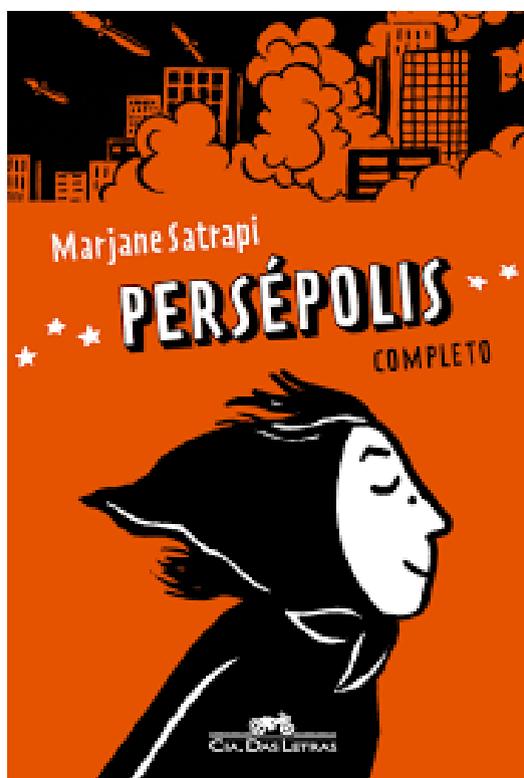
Quadrinho 35 - Maus - 1980 e 1991



Fonte: Art Spiegelman (2005).

Outra obra em quadrinhos marcante e que traz uma história de testemunho em meio ao caos político e social de um país é Persépolis, uma produção de 2000 da autora Marjane Satrapi. Nesse caso temos uma autobiografia autêntica. A partir dela mergulhamos na história sobre a transformação do Irã em um país mulçumano fundamentalista e os reflexos disso na vida de Marjane, uma garota iraniana de classe alta que se mudou para a Europa e teve que se adaptar a uma nova realidade social à qual ela não estava acostumada. A narrativa em primeira pessoa da produção é fluida e traz toques leves, humorados e criativos apesar da complexidade da temática. Ela aborda questões do cotidiano, costumes, família, política e o uso obrigatório de véus.

Quadrinho 36 - Persépolis - 2000

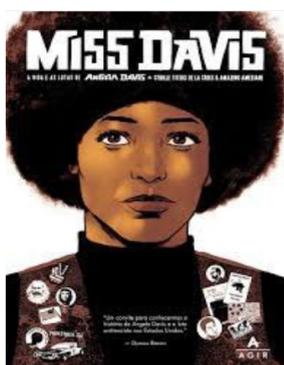


Fonte: Marjane Satrapi (2005).

Já uma produção um pouco mais recente e também um tanto parecida com a HQ em análise, no sentido de representatividade e material biográfico, é a história de Angela Davis em formato de *Graphic Novel* biográfica. “Miss Davis: A vida e as lutas de Angela Davis”, uma produção de 2020, escrita por Sybille Titeux de la Croix, com ilustrações de Amazing Ameziane. Ali se retrata a infância de Davis, seus desafios para estudar e viver em uma sociedade de segregação racial, sua entrada na universidade, a participação no grupo “Panteras Negras” e a sua prisão.

Negra, ativista e revolucionária, Angela foi presa por lutar por igualdade racial. Sua luta por direitos civis e melhores condições de vida para a população negra a converteram em símbolo do movimento negro e do feminismo negro. A HQ refaz essa jornada de forma séria, centrada e documental, desde a sua infância, adolescência, juventude, passando pelos ataques que sofreu de grupos supremacistas brancos, e segue até a mobilização social para tirá-la da cadeia.

Quadrinho 37 - Miss Davis: A vida e as lutas de Angela Davis



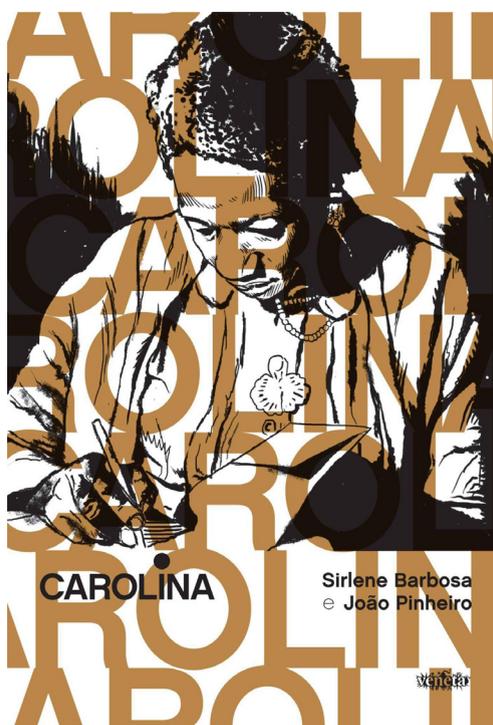
Fontes: Sybille Titeux de laCroix e Amazing Ameziane (2020); produção autoral (2022).

Em uma perspectiva nacional, a história sobre a vida de Carolina Maria de Jesus representa outro exemplo de produção desse gênero ao retratar uma mulher negra, símbolo de resistência, representatividade, que provocou reflexões sobre classe, raça e gênero nas pessoas. A personagem central, nesse caso, é uma poetisa brasileira, compositora e escritora de grande destaque por suas obras, dentre as quais, o livro também autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960.

A *Graphic Novel* “Carolina”, produzida em 2017, tem autoria de João Pinheiro e Sirlene Barbosa, é uma breve biografia em quadrinhos e apresenta o amor de Carolina pela literatura. A necessidade de desenvolver essa biografia surgiu após uma observação de Sirlene sobre a desvalorização das obras literárias de mulheres negras no Brasil. Ainda que a obra seja inovadora, significativa e necessária, o material produzido por mulheres negras, especialmente as brasileiras, têm visibilidade sensivelmente menor quando comparado, inclusive, com autorias de mulheres negras estadunidenses.

Às vezes parece que é necessário vir uma expoente das feministas negras da sede do “Império Ocidental”, como a ativista e acadêmica Angela Davis, para questionar: “Vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Eu não compreendo. Eu não compreendo. Eu acho que aprendo mais com Lélia Gonzales do que vocês poderiam aprender comigo” (Davis, 2019). (Souza, 2022, p. 131).

Quadrinho 38 - Carolina 2017



Fonte: João Pinheiro e Sirlene Barbosa (2017).

Dessa forma, o gênero de biografias e autobiografias em quadrinhos vai além de relatar a história de vida do autor e/ou do personagem. A partir dessas produções é possível levantar também questões sobre contextos atuais, políticos, vivências e resistências. Da mesma maneira são favorecidos debates e reflexões sobre a sociedade antiga e contemporânea a partir de um olhar diferente e com uma ferramenta lúdica: os quadrinhos.

Na sequência, denominada de Parte II, apresenta-se o processo inovador desta obra por trabalhar a linguagem em quadrinhos como narrativa possível de uma produção científica na qual se destaca mais uma mulher negra que se tornou símbolo político de resistência, inspiração e luta por igualdade racial.

PARTE II



EXPERIÊNCIAS QUE CONSTRUÍRAM O “SÍMBOLO MARIELLE” EM REQUADROS

*Meu canto nunca foi só meu, vem de longe, papo de séculos e eu não
carrego o mundo só, mesmo quando é só eu e meus cadernos [...]
(Emicida; Matuê; Drik Barbosa, 2023, canção Sobe Junto).*



A HQ biográfica “Marielle Franco: Raízes” é uma produção em quadrinhos ativista com representação e representatividade negra. Uma obra que aborda eixos sociais, representatividade, autodefinição e diferenças sociais.

Utiliza-se a análise da roleta interseccional Carrera (2021), para relacionar as opressões distintas e construir conhecimento a partir das experiências pessoais de Marielle. Portanto, não se trata de analisar apenas a HQ em questão, mas sim construir conhecimento a partir das experiências vividas descritas por meio da linguagem dos quadrinhos e sob o olhar da autora.

GÊNERO,
RAÇA, CLASSE E GEOLOCALIZAÇÃO

A large black silhouette of a woman's head and shoulders, facing left. The silhouette is positioned on the right side of the page. Overlaid on the silhouette is the text 'GÊNERO, RAÇA, CLASSE E GEOLOCALIZAÇÃO' in a white, sans-serif font, arranged in a curved path following the contour of the woman's head.

Esta obra é desenvolvida sob o olhar de uma pessoa que vivenciou desafios e problemáticas de...

Desafios que também fizeram parte da vida de diversas mulheres negras, inclusive Marielle Franco.

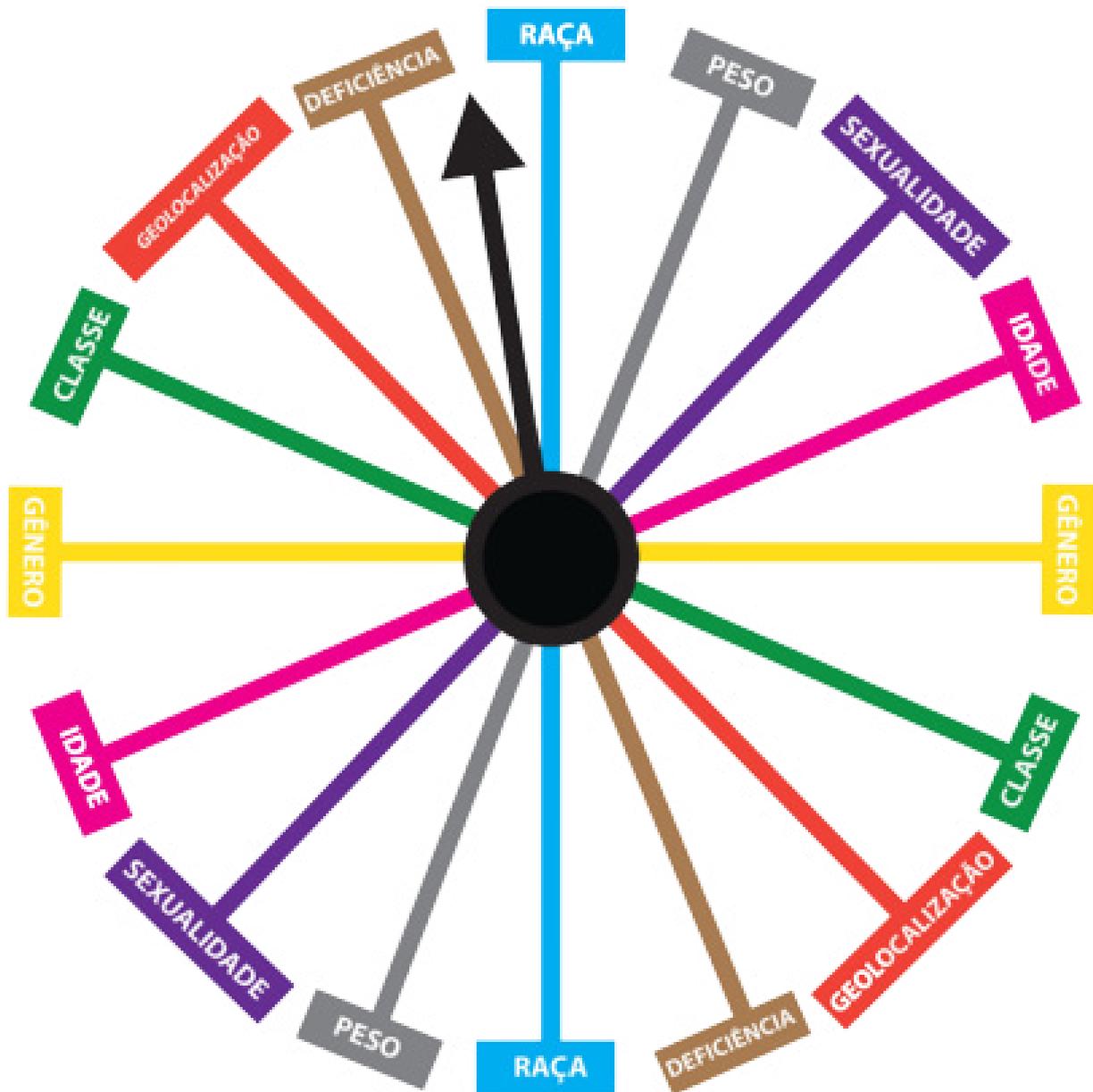
raça,

Gênero,

sexualidade e

classe.

A interseccionalidade aplicada à biografia em HQ

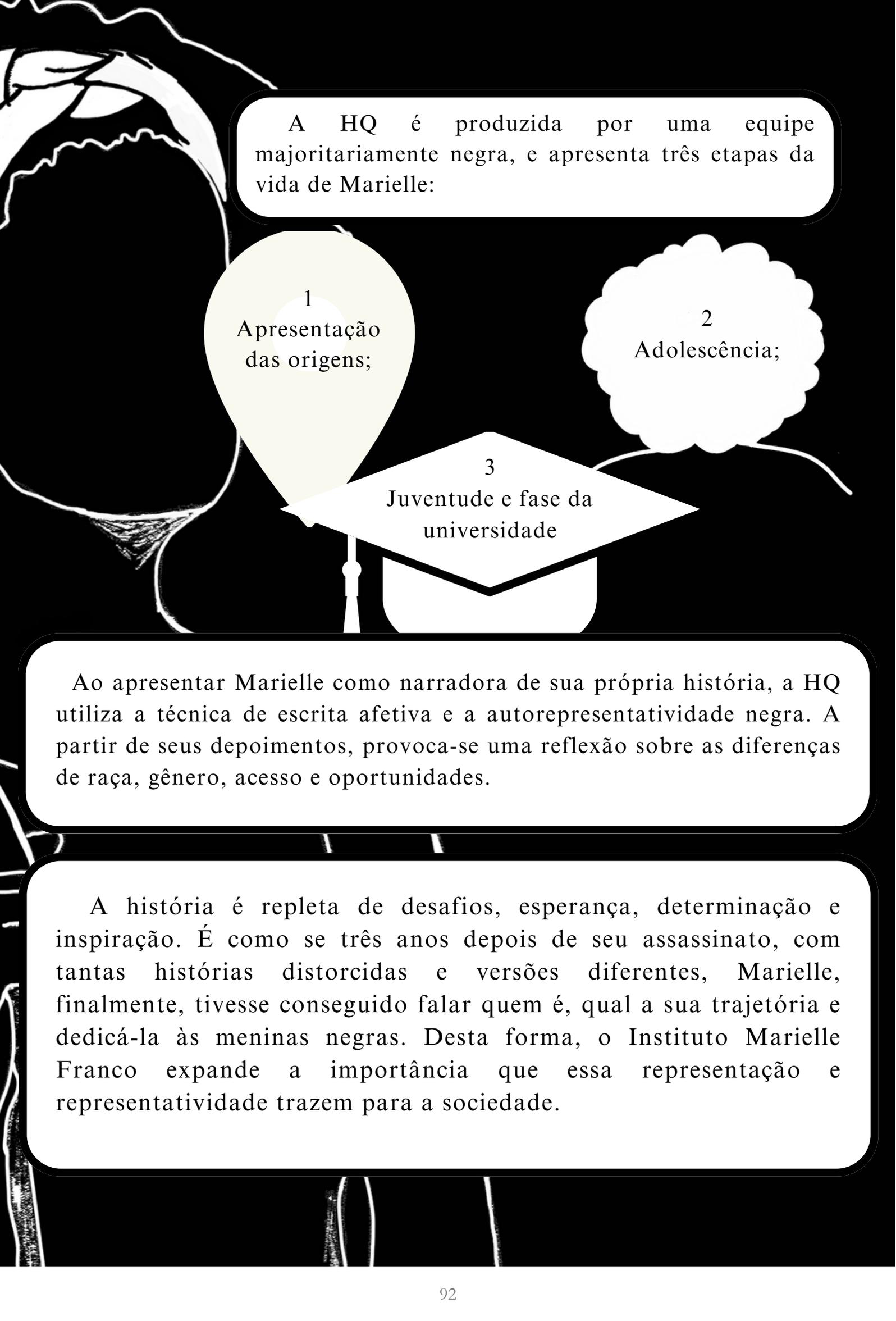


A HQ biográfica “Marielle Franco: Raízes” é uma produção em quadrinhos ativista com representação e representatividade negra. Uma obra que aborda eixos sociais, representatividade, autodefinição e diferenças sociais.

Utiliza-se a análise da roleta interseccional Carrera (2021), para relacionar as opressões distintas e construir conhecimento a partir das experiências pessoais de Marielle. Portanto, não se trata de analisar apenas a HQ em questão, mas sim construir conhecimento a partir das experiências vividas descritas por meio da linguagem dos quadrinhos e sob o olhar da autora.

Ao interseccionar as vivências e alguns questionamentos, esse ponto de partida mostra-se fundamental na análise realizada. Nesse percurso, a cada giro da roleta interseccional (Carrera, 2021), mostram-se passos necessários para ressaltar os marcadores relevantes da HQ (gênero, raça, classe e geolocalização).

E, por fim, ao apresentar o ponto de partida, na sequência serão analisados os elementos que compõem o escopo de interesse nesta obra.



A HQ é produzida por uma equipe majoritariamente negra, e apresenta três etapas da vida de Marielle:

1
Apresentação
das origens;

2
Adolescência;

3
Juventude e fase da
universidade

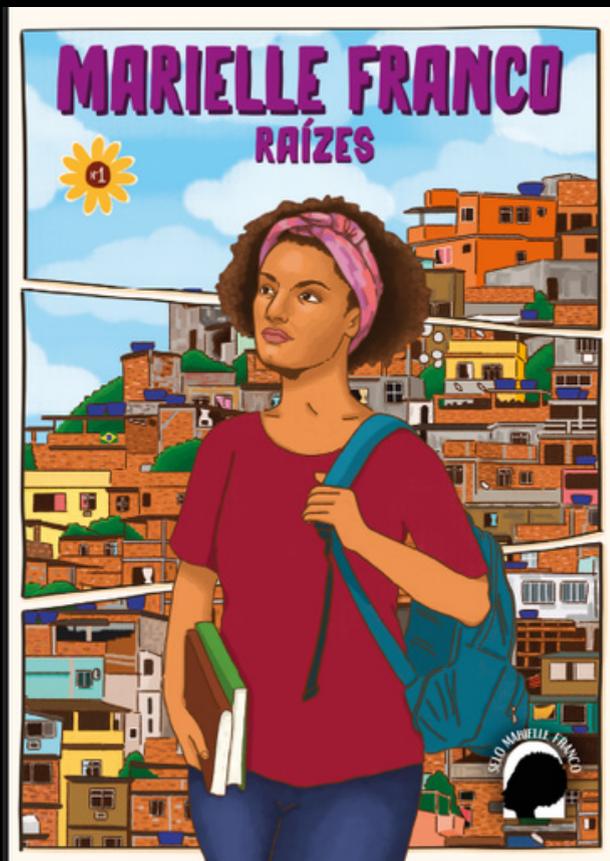
Ao apresentar Marielle como narradora de sua própria história, a HQ utiliza a técnica de escrita afetiva e a autorepresentatividade negra. A partir de seus depoimentos, provoca-se uma reflexão sobre as diferenças de raça, gênero, acesso e oportunidades.

A história é repleta de desafios, esperança, determinação e inspiração. É como se três anos depois de seu assassinato, com tantas histórias distorcidas e versões diferentes, Marielle, finalmente, tivesse conseguido falar quem é, qual a sua trajetória e dedicá-la às meninas negras. Desta forma, o Instituto Marielle Franco expande a importância que essa representação e representatividade trazem para a sociedade.

A HQ é rica em questões de representação, representatividade e temáticas de gênero e raça. São questões presentes na redação; roteiro; ilustração; coloração; diagramação; letramento e revisão. Além disso, na produção também existem diversas tonalidades de pele negra. Usar essa diversidade de tons, em vez do clássico preto e branco, é uma forma de ser atraente para o seu público, alcançar o objetivo representativo e aplicar a linguagem em quadrinhos como forma de ativismo político, social e estético.

É uma produção diferente, comparada com as que já existiram durante o percurso histórico das HQs. Por mais ativistas que algumas tenham sido, em alguns requadros os estereótipos eram reproduzidos nos quadrinhos, por exemplo, “Nhô Quim” de Agostini (1869).

Quadrinho 39 - Marielle Franco: Raízes



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Nesta HQ as questões ativistas e representativas de Hall (2016) são ativas, pois é uma mulher negra real, como personagem principal e narradora de sua própria história. Essa ideia representativa, ativista e fora dos estereótipos está presente em seus recursos visuais desde a capa, com os elementos visuais representando Marielle (mulher negra), sua origem, sua geolocalização e sua classe.

Os primeiros quadrinhos apresentam o início da história de Marielle e estão presentes as questões de classe e geolocalização. Mostra uma família pobre, periférica e de origem nordestina (João Pessoa, PB), no início formada apenas por Dona Marinete e Seu Antônio. Eles se mudam para o conjunto de favelas da Maré (Rio de Janeiro, RJ) e buscam por oportunidades e melhores condições de vida.

Marielle conta que, após um ano de casados, seus pais a tiveram. Ela era um bebê grande, alegre e forte. E apesar das adversidades que passavam, sempre lhe deram suporte, estiveram presentes e, mesmo trabalhando bastante, fizeram de tudo para aquele bebê crescer feliz e saudável. Essa é uma parte da HQ que transpira afeto, amor e dedicação, através da descrição das cenas, lembranças e na escrita, suas raízes nordestinas e origem periférica se tornam uma lembrança orgulhosa de se relatar.

Quadrinho 40 - Família



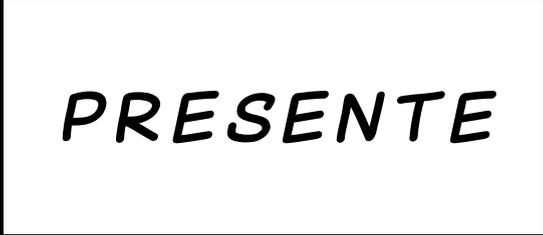
Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

No início da produção, não há uma preocupação com o uso correto dos quadros. Sua função principal é de moldura, dentro dele colocam-se ações, objetos, momentos presentes, passado e futuro. Conforme a sua temporalidade, o estilo do quadro muda. Por exemplo, no passado suas linhas são onduladas, no presente suas linhas são retas (Eisner, 1985). Nos quadrinhos apresentados não há essa preocupação. Mesmo a ação se tratando de uma lembrança, seus quadros apontam para o momento presente.

Ou seja, além de a produção utilizar os quadros como recurso narrativo para a construção da história, seu layout não se limita a formas e formatos rígidos, pois “em criatividade não existe ‘certo’ e ‘errado’” (Eisner, 1985, p. 124).



LEMBRANÇA



PRESENTE

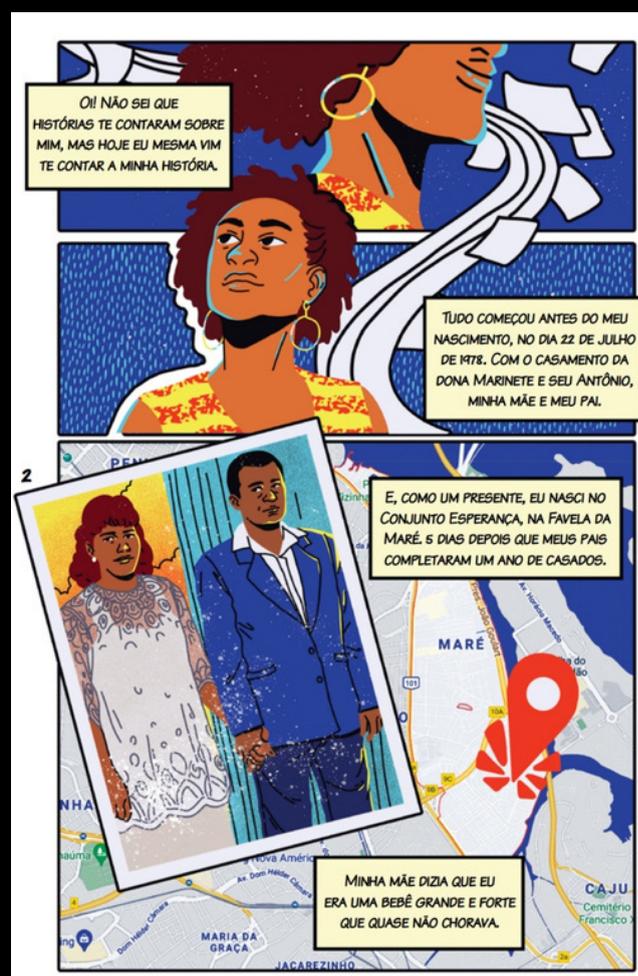


**AÇÃO
ATENÇÃO**

A HQ é uma produção não muito normativa e mais flexível, utilizando seus recursos visuais, como os requadros, para dar impacto, ação e complemento na construção da história. Em alguns momentos não será visto linhas de requadros e, em outros, os elementos visuais ultrapassam as linhas, porém, ainda assim será uma narrativa em quadrinhos.

Quadrinho 41 - Raízes e Origens

O quadrinho a seguir mostra Marielle, a foto de seus pais e o caminho que a família trilhou ultrapassando todos os limites do requadro. Esse conjunto de elementos visuais apresenta as raízes de Marielle.



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

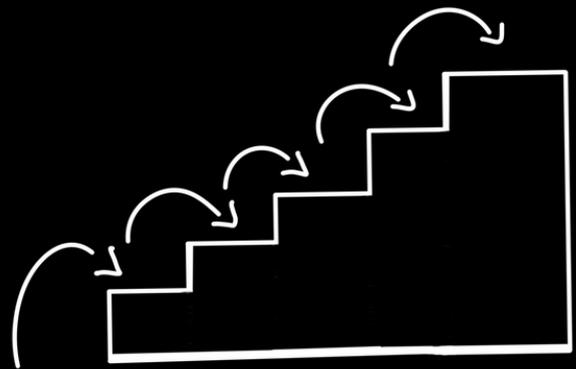
A próxima fase da HQ apresenta a infância, na qual desde cedo Marielle precisou assumir responsabilidades, por exemplo, tomar conta de sua irmã (Anielle). Aqui já se observa uma realidade comum entre meninas e jovens: a necessidade de amadurecer e assumir mais cedo compromissos, cuidados e afazeres em casa enquanto a mãe trabalha fora. Essa é uma questão desafiadora, mas também rende boas lembranças.

Quadrinho 42 - Amadurecimento Precoce

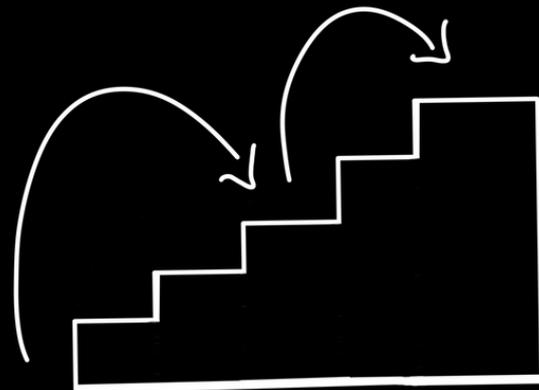


Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Esses momentos bons que a HQ destaca quebram o estigma de que a vida da mulher negra e periférica é só sofrimento e desafio. Porém, não se pode deixar de abordar as consequências de assumir responsabilidades cotidianas precocemente. Segundo Morais (2019), no Brasil mulheres negras são orientadas para amadurecer mais rápido. Elas são direcionadas a ocupar trabalhos mal remunerados, a contribuir com o sustento do lar e se tornarem “donas de casa” bem mais cedo. Mesmo Marielle tendo suporte e estrutura familiar, fatores importantes na vida de qualquer ser humano, ela não fugiu dessa realidade.



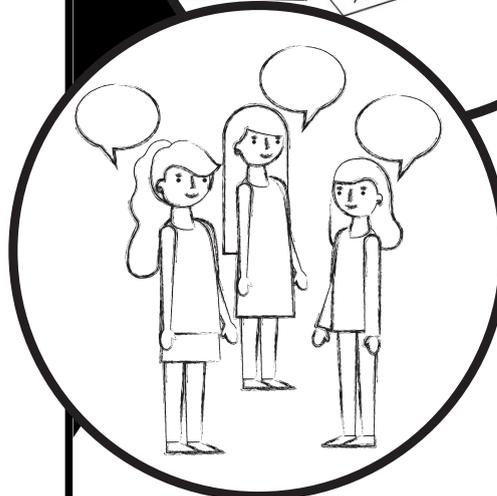
AMADURECIMENTO



AMADURECIMENTO

Tais fatores conduzem-se à ratificação de um dos mitos a rondar meninas pretas: a mulher madura. Tal mito, faz-se presente em comunidades e repete-se igualmente nas grandes cidades do país, apesar de apresentar nuances diferenciadas. Por um lado, a mulher madura não manifesta-se somente na aquisição de maiores responsabilidades, mas também, na rápida secção entre a infância e adolescência na qual meninas negras são inseridas. Comumente relacionadas ao mito da ‘força’ e ‘promiscuidade’, tais garotas são incentivadas a abdicar de comportamentos infantis e incorporar um papel ‘amadurecido’, ainda em idade infantil. (Morais, não paginado, 2019).

Com o passar dos anos, mais responsabilidades vieram: reuniões escolares da irmã, ajudá-la nas atividades e continuar o papel de figura materna e responsável do lar enquanto seus pais trabalhavam fora. Para jovens como Marielle, entre as consequências desse amadurecimento precoce encaixa-se a difícil socialização com outras meninas da mesma idade. Nessa fase, Marielle se sentia diferente das outras meninas. Este fato tinha um lado positivo e outro negativo. Positivo porque isso a tornava proativa e dedicada. Negativo porque essas qualidades causavam exclusão, ciúmes e desavenças entre as colegas de classe.



Quadrinho 43 - Escola



Neste mesmo recorte, a biografia explora cores e sombras mais escuras, para representar um momento triste e solitário. No entanto, a escrita afetiva deixa a ideia de que é algo passageiro, que chegou e logo vai embora.

Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

O ethos interseccional descrito na HQ é de proatividade uma pessoa forte e participativa. Tanto na escola, quanto nas atividades religiosas, nessa fase ela continua sendo a menina que está sempre pronta. E apesar dos conflitos e ciúmes entre as jovens da sua idade, seu jeito de ser lhe rendeu oportunidades, como uma bolsa de estudos, primeiro emprego em uma escola e monitorias, destacados nos quadrinhos a seguir.

Quadrinho 44 - Primeiro emprego

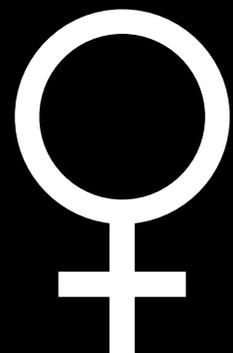
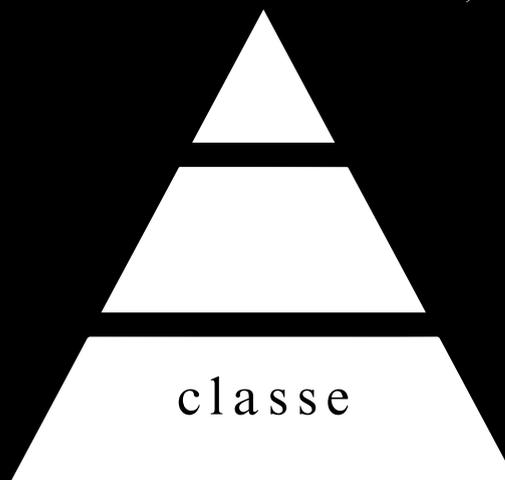


Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Quadrinho 45 - Religiosidade



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.



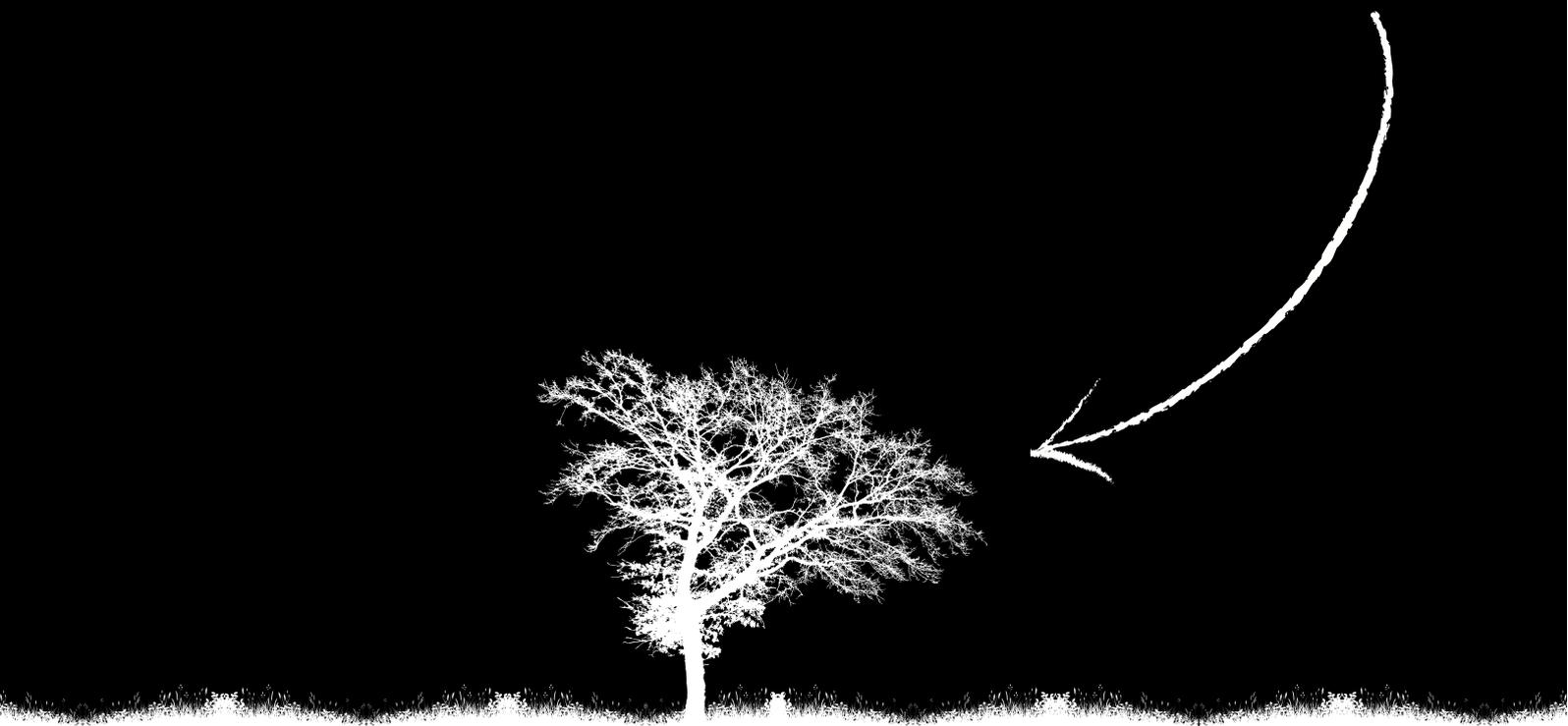
Durante a infância e adolescência, estão presentes as opressões e intersecções em **gênero, raça e classe**, questões como: o amadurecimento precoce e o fato de ter que se esforçar duas vezes mais para alcançar um espaço. São experiências comuns na vida de meninas negras, pobres e/ou periféricas e, infelizmente, são fatores estruturais que geram impactos em uma fase adulta.

O uso do requadro como recurso narrativo, também está presente no quadrinho 45.

Neste recorte, Marielle aparece dentro de uma reunião de catequese e a cena seguinte é um ambiente sem requadro.

“A ausência de requadro tem intuito de expressar espaço ilimitado” (Eisner, 1985, p. 47). Estratégia fundamental para trazer uma sensação de amplitude (como no quadrinho 45), extensão e, em alguns casos, serenidade.

Um breve exemplo é mostrado a seguir.



Nas páginas seguintes, os momentos alegres continuam em destaque,

e Marielle compartilha os eventos marcantes de sua vida: os namoros, a festa de 15 anos e o pré-vestibular. Fases comuns na vida de uma adolescente,

que contribuíram para moldá-la na mulher que se tornou.

mas acompanhadas de desafios

Os requadros diferenciados continuam aparecendo. O quadrinho a seguir, por exemplo, retrata uma lembrança. Marielle conta o que gostava de fazer e como era sua adolescência em forma de recordação, mas sem necessariamente utilizar o recurso de *flashback*. Entende-se que é uma lembrança pela escrita e como a narradora descreve a pequena cena que faz parte do fundo.

Nessa fase destaca-se

Quadrinho 46 - Lembranças

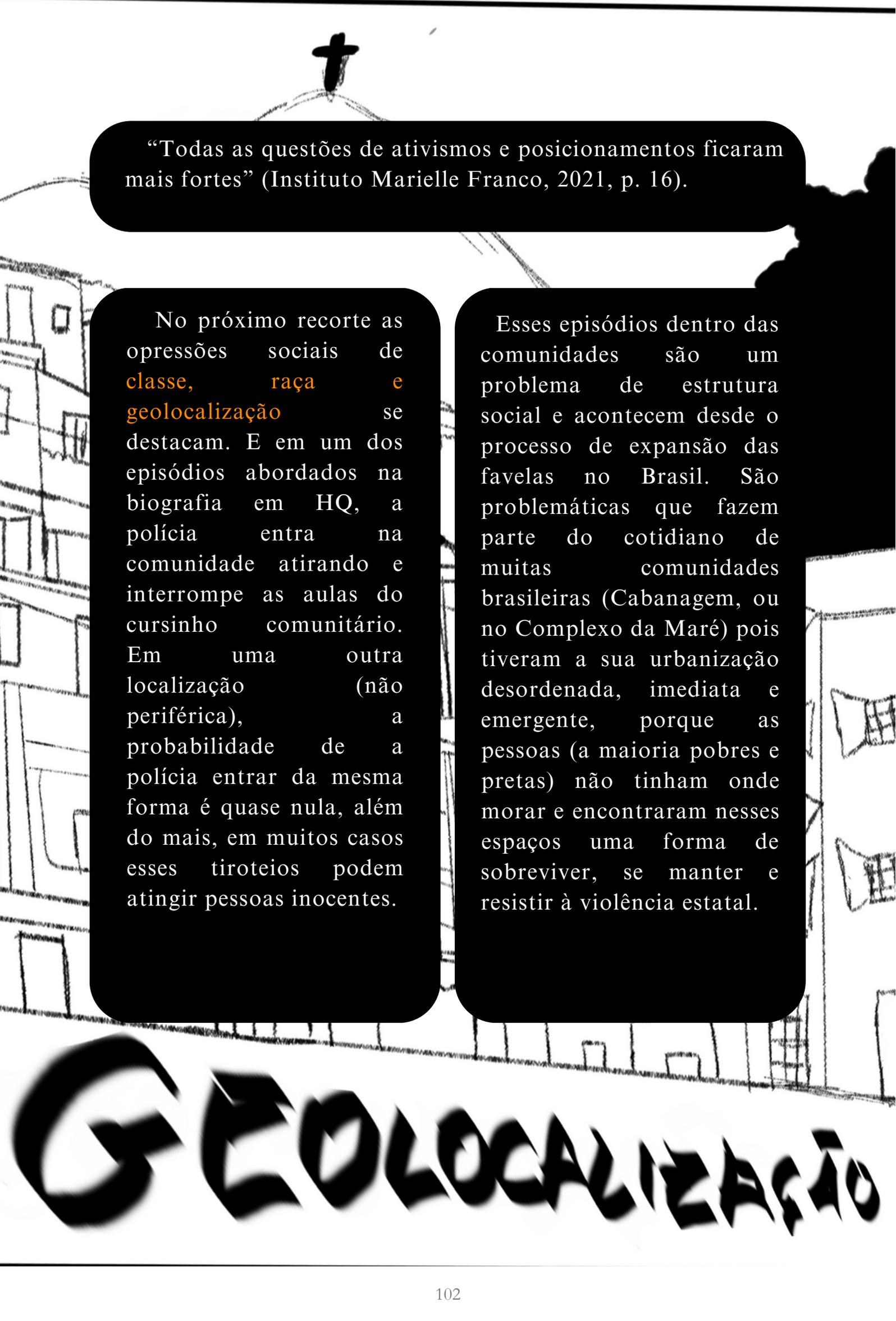


a dedicação aos estudos, a conciliação da vida de estudante com o emprego e as responsabilidades de casa.

Apresenta-se também sua participação no cursinho pré-vestibular comunitário. Uma resistência dentro da periferia e onde aconteceram duros episódios.

Foi uma fase de contato com o ativismo, com o pensamento crítico e a militância.

Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.



“Todas as questões de ativismos e posicionamentos ficaram mais fortes” (Instituto Marielle Franco, 2021, p. 16).

No próximo recorte as opressões sociais de classe, raça e geolocalização se destacam. E em um dos episódios abordados na biografia em HQ, a polícia entra na comunidade atirando e interrompe as aulas do cursinho comunitário. Em uma outra localização (não periférica), a probabilidade de a polícia entrar da mesma forma é quase nula, além do mais, em muitos casos esses tiroteios podem atingir pessoas inocentes.

Esses episódios dentro das comunidades são um problema de estrutura social e acontecem desde o processo de expansão das favelas no Brasil. São problemáticas que fazem parte do cotidiano de muitas comunidades brasileiras (Cabanagem, ou no Complexo da Maré) pois tiveram a sua urbanização desordenada, imediata e emergente, porque as pessoas (a maioria pobres e pretas) não tinham onde morar e encontraram nesses espaços uma forma de sobreviver, se manter e resistir à violência estatal.

GEOLOCALIZAÇÃO

Neste episódio, Marielle ultrapassa as linhas dos quadros, em uma forma de comunicação ativa, representando as experiências vividas, repressões, problemáticas enfrentadas e incômodos gerados. Os primeiros passos para o ativismo se iniciam; no entanto, ela também se depara com outro desafio: uma gravidez inesperada.

Quadrinho 47 - Tiroteio



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Gravidez inesperada é uma problemática social comum entre as meninas e jovens, uma adversidade que afeta, limita e transforma nossas vidas de forma mais precoce.

Quadrinho 48 - Gravidez

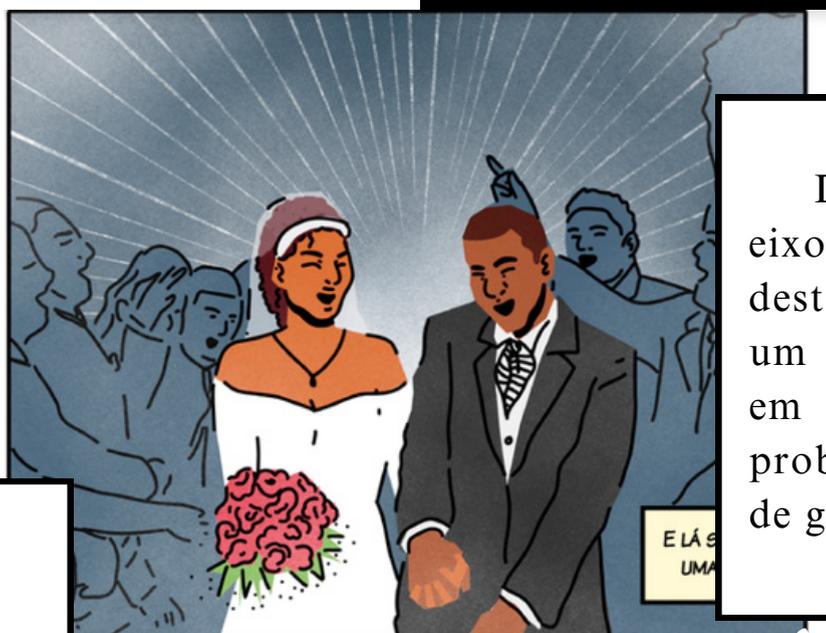


Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Marielle teve que se reinventar, adiar a ideia de prestar vestibular e entrar para a faculdade. Focou em casar e formar uma família. A maioria de meninas e jovens dentro dessa estatística também precisam abrir mão de alguns dos seus sonhos para encarar a nova realidade.

O momento do seu casamento é destacado em um quadrinho com linhas, cores e fundo escuro, que traz a noção de profundidade, movimento e distância (McCloud, 2005).

Quadrinho 49 - Casamento



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

É o início de uma nova fase, com momentos tranquilos, com conquistas e a família estava mais unida à espera de Luyara.

No entanto, também se destacam as problemáticas de

Dentre os eixos sociais destacados, há um secundário em relação à problemática de gênero:

e gênero,

mãe solo.

geolocalização,

classe,

raça,

No quadrinho a seguir, o recurso de flashback aparece no requadro com linhas onduladas, o mais indicado para descrever lembranças e/ou uma cena no passado, “embora não exista nenhuma convenção de consenso universal para a expressão do tempo através do requadro” (Eisner, 1985, p.44).

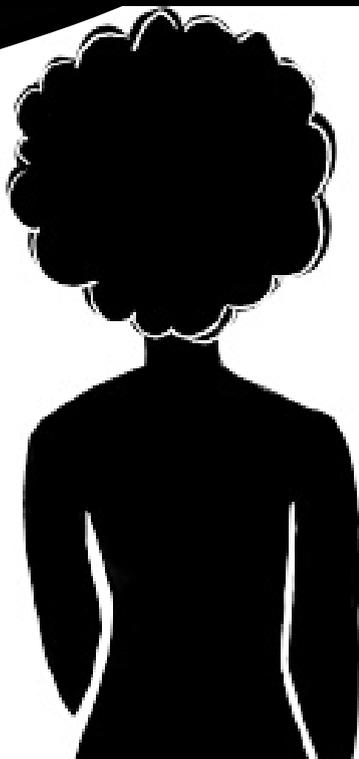
Marielle aparece em destaque rompendo os limites desse requadro, contribuindo para transmitir uma comunicação ativa.

Quadrinho 50 - Fim do casamento

Relata o fim do seu casamento. E novamente tem que se reinventar.



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.





Ela voltou para o cursinho pré-vestibular, começou a dar aulas, teve que se esforçar e trabalhar para tornar possível o sonho de entrar para a faculdade. Até que ele se tornou real, “mulher, negra, mãe e moradora da Maré, estudar em um lugar onde na época pouquíssimas pessoas como eu conseguiam acessar” (Instituto Marielle Franco, 2021, p. 25).

Na universidade, as problemáticas dos eixos interseccionais da roleta se encontram. A jovem negra alcançou um espaço e buscou uma forma de mudar a realidade social. Um processo de resistência, criando novas resistências e novas formas de resistir.

Nesse espaço, Marielle encontrou realidades diferentes. As desigualdades de classe, raça e geolocalização ficaram mais visíveis entre os corredores e salas de estudos, pois se trata de um lugar historicamente elitista. Ao entrar, ela ressignificou esse espaço, não desanimou e mostrou possibilidades, sem esquecer suas raízes, origem, fenótipos e lutas ativistas que aprendeu durante a vida.

Quadrinho 51 - Universidade



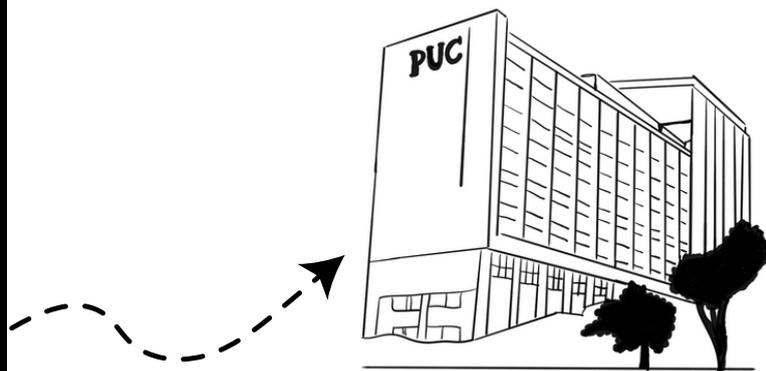
Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Quadrinho 52 - Universidade II



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Observa-se que os episódios de preconceito racial, de gênero e classe são abordados de forma leve. As adversidades acabam sendo motivadoras.



Isso não significa, contudo, facilidade para superar obstáculos como o desafio do caminho de ida e volta da faculdade pelo qual ela passou devido à localização. Em algumas regiões pequenas e/ou periféricas não há transporte coletivo para chegar a alguns pontos da cidade, ou é preciso passar horas só no processo de deslocamento até o pretendido destino.



Outra problemática é a questão de gênero e, dentro dessa perspectiva, Marielle vive a realidade de uma mãe solo, que divide sua vida entre trabalho, casa, família e filhos. Em algumas situações era preciso trabalhar em dois turnos diferentes para se manter, e às vezes era necessário estudar com a filha no colo. Nesse momento o ethos interseccional, de mulher que precisa ser forte o tempo todo e vive uma rotina tripla é presente.

Essa é uma problemática de geolocalização, fator que influencia e afeta significativamente a permanência de estudantes periféricos dentro das universidades.

Quadrinho 53 - Estudante e mãe solo



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Os eixos interseccionais gênero, raça, classe e geolocalização se cruzam mais uma vez. E o desafio de uma mulher preta para conciliar o estudo, o trabalho, a casa e a família, também.

Da mesma forma o sentimento de deslocamento, por ocupar um espaço em que a maioria das pessoas são brancas, as adversidades do caminho de casa até a universidade e a necessidade de trabalhar, às vezes em mais de um emprego, para se manter, estudar e criar a filha.

Esse também é o momento no qual a HQ vai finalizando com a promessa de que haverá uma continuação.



Mesmo com as adversidades, Marielle conseguiu se formar em Ciências Sociais. Uma mulher, negra, mãe jovem, cria da Maré e de classe pobre, agora formada.



Quadrinho 54 - A formatura



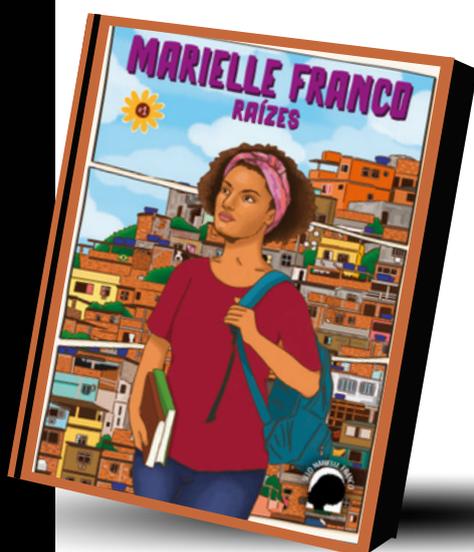
Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

naquele momento sabia que precisaria fazer ainda muito mais por famílias que nem a minha! Meu caminho de transformação começava assim, da favela para o mundo (Instituto Marielle Franco, 2021, p. 31).

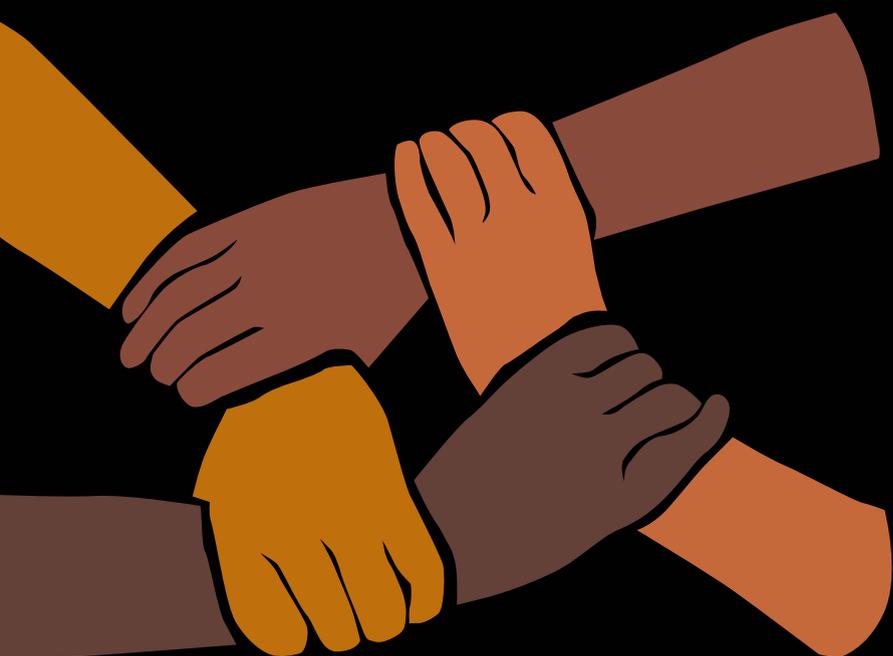
Do início ao fim, a HQ propõe uma escrita afetiva, aborda a história de forma leve e inspiradora. Mesmo com as adversidades, o foco é sempre a alegria. Em alguns pontos, a biografia às vezes soa quase como um abraço. E assim, ela finaliza com um sonho realizado e a consciência de que sua formação acadêmica foi o primeiro passo para construir uma perspectiva de futuro diferente para a sua vida, sua família e outras meninas como ela.



A HQ também se torna uma importante ferramenta alternativa de midiativismo, sendo distribuída de forma gratuita física e on-line, e assim a ideia de representatividade e inspiração é facilmente compartilhada.



Representa inspiração para grupos minorizados, propõe debates sociais e conscientização sobre mudanças importantes em um sistema social político.

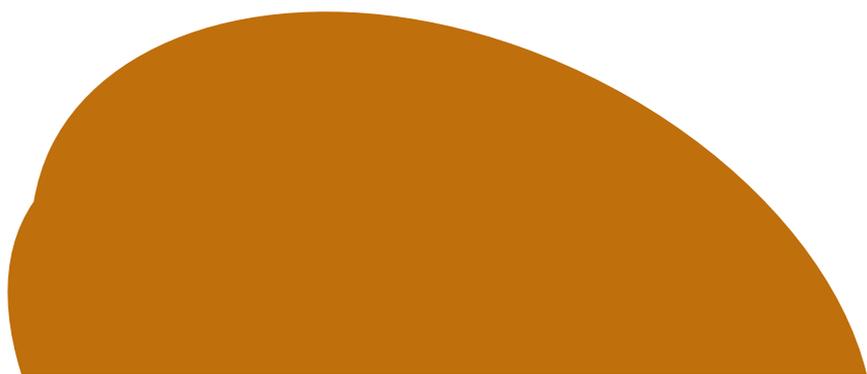


Essa ação coletiva questionou hierarquias sociais e buscou uma forma inovadora de compartilhar suas ideias críticas e deixá-las disponíveis gratuitamente para o acesso de todas, todos e todes. Portanto, é um meio de criar redes, identificações e coletividade.

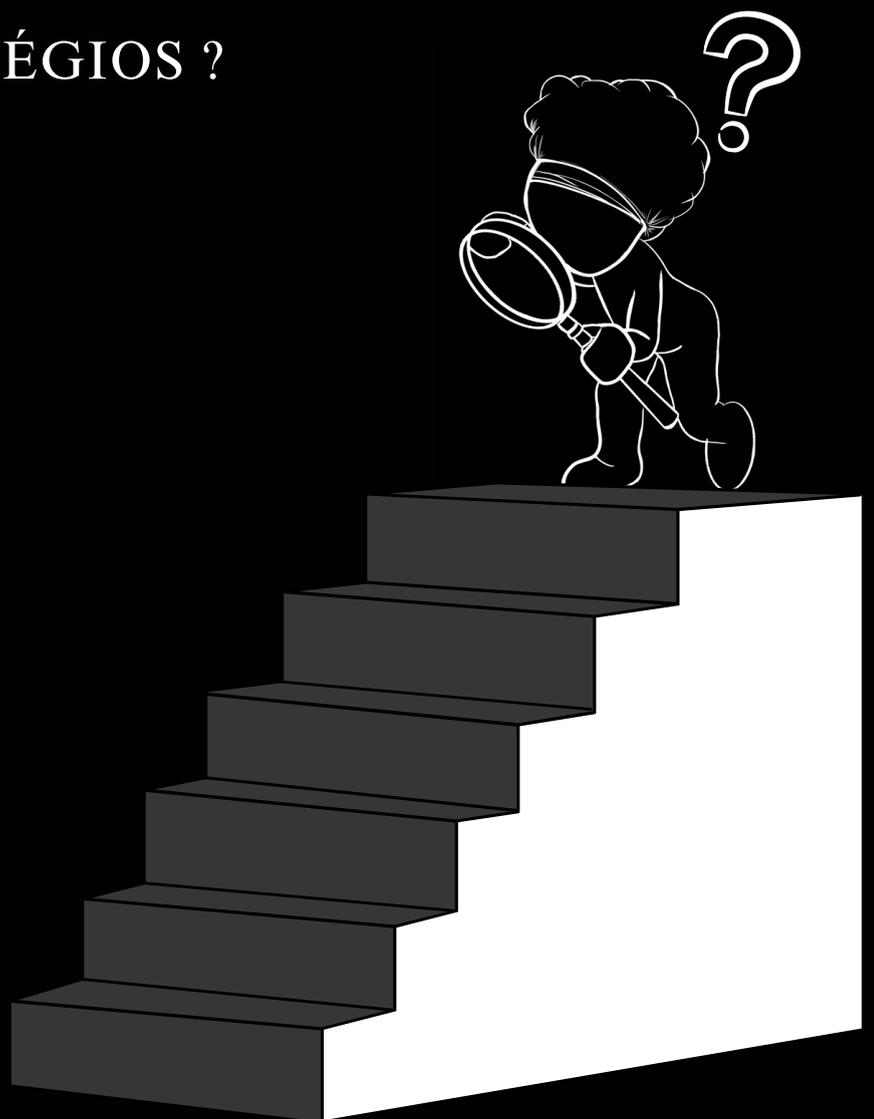


A experiência coletiva 'abre' o indivíduo para novas possibilidades, e permite que ele fale, expresse sua cultura, suas frustrações, seu desejo de luta e mudança (Moraes, 2021, p. 71).

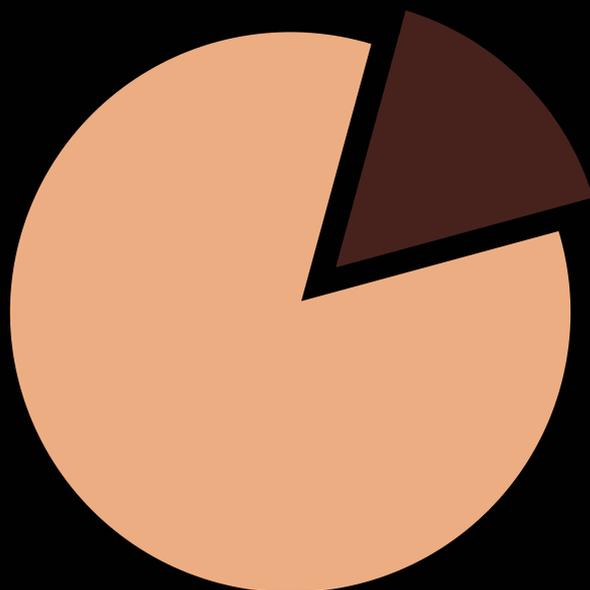
A produção busca, a partir da sua escrita afetiva, trazer reflexões sobre gênero, raça, geolocalização, diferenças de classe e os desafios de ser uma mãe jovem e estudante. Também incentiva meninas negras a realizarem seus sonhos, a romper estatísticas, estruturas sociais e a plantar sementes.



EIXOS DE PRIVILÉGIOS ?



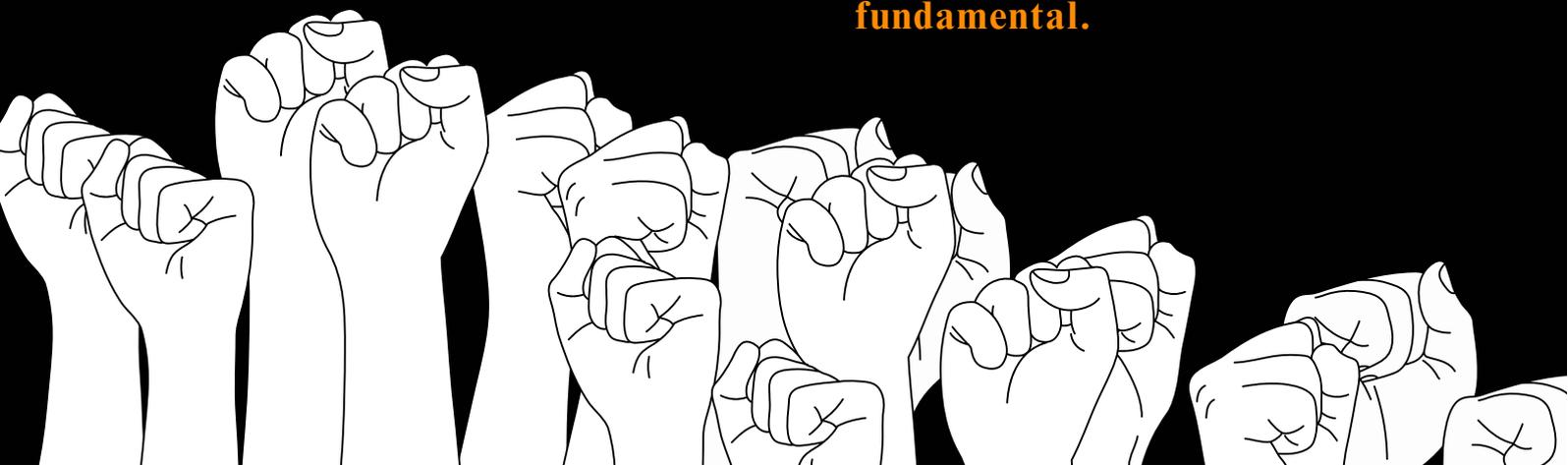
A interseccionalidade também permite pensar em eixos de privilégios. Dependendo dos marcadores, o indivíduo social também tem acesso a oportunidades e vantagens que o diferenciam de outras pessoas.



Trazendo a proposta para a HQ, ao pensar em privilégios, é preciso levar em consideração a estrutura social, sua origem e questões que fizeram parte da sua história. E por esse olhar, perceber que algumas pontuações não são bem um privilégio.

A partir dessa reflexão, é possível separar algumas questões sociais que eventualmente proporcionaram alguma vantagem em relação a outras meninas negras.

Questões de dignidade humana, que deveriam ser consideradas um **direito fundamental**.



• Primeira questão

Família estruturada e suporte familiar;



A primeira questão é Marielle ter tido suporte dos pais e apoio da família em diferentes fases da vida.

• Segunda questão

Ensinaamentos críticos sociais desde a infância;

Quadrinho 55 - Relação com a avó



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

A segunda é sobre os ensinamentos que Marielle recebeu da avó, cujo papel foi especial em sua formação interseccional-discursiva. A partir das experiências da avó, ela aprendeu sobre diferenças sociais, conheceu as suas raízes nordestinas e ativistas. “Minha avó era uma mulher negra, nordestina, militante e que participava ativamente combatendo qualquer tipo de desigualdade” (Instituto Marielle Franco, 2021, p. 07).



Receber influência de mulheres fortes, ativistas e militantes, como ela recebeu, é uma das principais questões vantajosas que levou Marielle a se conectar com suas raízes e nunca esquecer o porquê de lutar por melhores condições igualitárias para todas as mulheres.

• Terceira questão

Conjunto de situações -
Educação e Trabalho;

A primeira deste conjunto é a bolsa de estudos durante o ensino fundamental em uma escola privada.

Quadrinho 56 - Escola



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

- 1ª - Bolsa de estudos

- 2ª Primeiro emprego como estagiária da direção escolar

Mulheres negras são automaticamente encaminhadas para ocupar posições de subempregos, trabalhos informais e/ou domésticos. Inclusive esse é um termo machista, pois se refere à mulher como aquela que precisou de corretivos para ser domesticada.

Essa é uma realidade vista no documentário “Mulheres Negras - Projetos de Mundo” (2017), direção de Day Rodrigues e Lucas Ogasawara, que aborda de forma crítica este caminho predestinado e o racismo estrutural na sociedade. A produção traz o depoimento de nove mulheres negras que falam sobre suas experiências e vivências. Juntas exemplificam o racismo estrutural ao falarem sobre meninas negras trabalhando em situações de subempregos.

Dados do IBGE (2019) indicam que 40% dos brasileiros com mais de 25 anos não têm ensino fundamental, e o analfabetismo persiste entre negros e pobres.

Tendo em vista essa realidade social, Marielle teve uma dignidade escolar, diferente da maioria.

“Não é errado a mulher preta ser empregada doméstica. O problema é que não pode ser esse o único caminho para ela” (Preta, 2017).



Em um dos trechos, Preta Rara relata que sua bisavó era escrava doméstica, sua avó era empregada, sua mãe também trabalhava assim. E apesar de tentar não seguir o mesmo caminho, ela também precisou exercer a mesma função, não por falta de qualificação, mas por questões raciais.

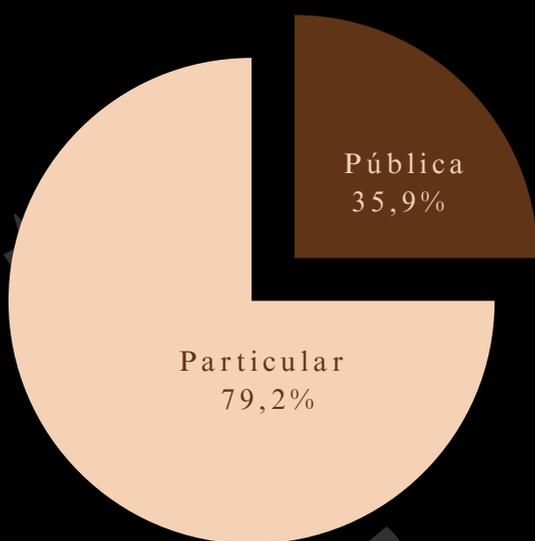
Desta forma, quando Marielle teve a oportunidade de o primeiro emprego ser um estágio em uma direção escolar, ela se tornou uma exceção em meio à maioria de meninas do seu perfil com um destino predestinado por um sistema racista.

- 3ª - Pré - vestibular

Jovens que entram direto na universidade:

A terceira e última situação que contribuiu para a sua formação educacional e crítica, foi poder participar de um cursinho preparatório para o vestibular dentro da comunidade.

Gráfico Pizza - Escola



Fonte: IBGE, 2018.

Uma pesquisa desenvolvida pelo IBGE (2018) mostra que 79,2% dos estudantes que completam o segundo grau em uma escola particular conseguem entrar para a universidade, enquanto na escola pública esse percentual é de 35,9%. Esse dado envolve fatores como a falta de investimentos e de estrutura que afeta as redes públicas. Nesse caso, fazer um cursinho preparatório se torna uma opção para os estudantes das redes públicas que querem entrar para a universidade.

Nem todo estudante de escola pública consegue pagar por um cursinho preparatório para o vestibular, por isso a importância dos comunitários: apoiam aqueles que não têm condição de acesso ou custeio no setor educacional privado.

Muitos desses espaços são fonte de resistência e ativismo, contribuem para o compartilhamento de ideias, pensamento crítico e lutas sociais. Foi assim com a Marielle.

Em uma sociedade que frequentemente condiciona meninas negras a ocupar posições subalternas e negligencia o investimento em uma educação pública de qualidade, acessar e ocupar espaços educacionais torna-se não apenas um ato de resistência, mas também uma forma de transformar sonhos em realidade.



• Quarta questão

Apoio familiar durante a gravidez inesperada;

Quadrinho 57 - Família



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Ao passar pela fase da gravidez inesperada, ela teve total apoio da família, dos pais e do pai da criança. Infelizmente essa não é uma realidade comum para muitas adolescentes e jovens que se encontram na mesma situação.

Sendo negras ou não, muitas são expulsas de casa, tornam-se mães solo e não conseguem apoio de uma única pessoa.

• Quinta questão

Chegar na faculdade, manter e terminar.

Essa questão se torna uma vantagem porque, mesmo com o sistema de cotas e a universidade se transformando, entrar para uma faculdade, manter e terminar o curso, ainda é uma realidade difícil para jovens negras no Brasil. No entanto, Marielle conseguiu: ela passou em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ), com uma bolsa 100% integral, formou-se e com isso buscou expandir sua luta.



“Apesar de tudo, coloquei na minha cabeça que tinha que estudar para transformar a realidade do meu território e da minha família!” (Instituto Marielle Franco, 2021, p. 25).

Quadrinho 58 - Sonho realizado



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

**Autodefinição: uma forma de resistência às
imagens de controle**

EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS



Nesta última parte, serão tratadas outras características que fazem parte da biografia em análise: a escrita afetiva, a representação e representatividade. Com um diferencial que tornou a HQ significativa: é a Marielle falando de si mesma, atuando como narradora de suas experiências e vivências. Expõem-se questões relacionadas com o conceito de Stuart Hall sobre representação e representatividade e o conceito de Patricia Hill Collins sobre **imagens de controle**.



As 'imagens de controle' aprisionam as pessoas, simbólica e materialmente, a uma certa posição subalterna. (Bueno, 2020, p. 14).



O conceito de representação, segundo Stuart Hall, passou a ocupar um novo e importante lugar na cultura, isto porque envolve usar a linguagem e a imagem para representar e/ou expressar algo ou alguma coisa para outras pessoas.

É um processo que envolve significados a partir das interpretações de mundo e também a partir das práticas do cotidiano.

A questão é que também há, entre produções e interpretações, a reprodução de estereótipos, que prendem indivíduos a padrões, conceitos e **imagens**. Por exemplo, representações específicas de mulheres negras, que se articulam a partir de padrões estabelecidos por uma cultura branca e eurocêntrica não são apenas discursos, mas práticas e construções de imaginários que se reiteram em padrões de comportamento sociais.

Um exemplo são as ilustrações representativas de mulheres negras que foram produzidas no início da história dos quadrinhos. Elas tinham apenas duas possibilidades de representação imagética: ou eram pano de fundo das cenas, vistas como objetos para ocupar o cenário; ou representadas de forma grotesca.



Essas imagens reproduzidas, publicadas e compartilhadas, aprisionam a mulher negra a uma posição subalterna e carregada de estereótipos de uma estrutura social racista, sexista e preconceituosa.

Essa representação diz muito sobre a falta de representatividade, ou seja, reconhecer e escutar mulheres negras dizendo como realmente são.

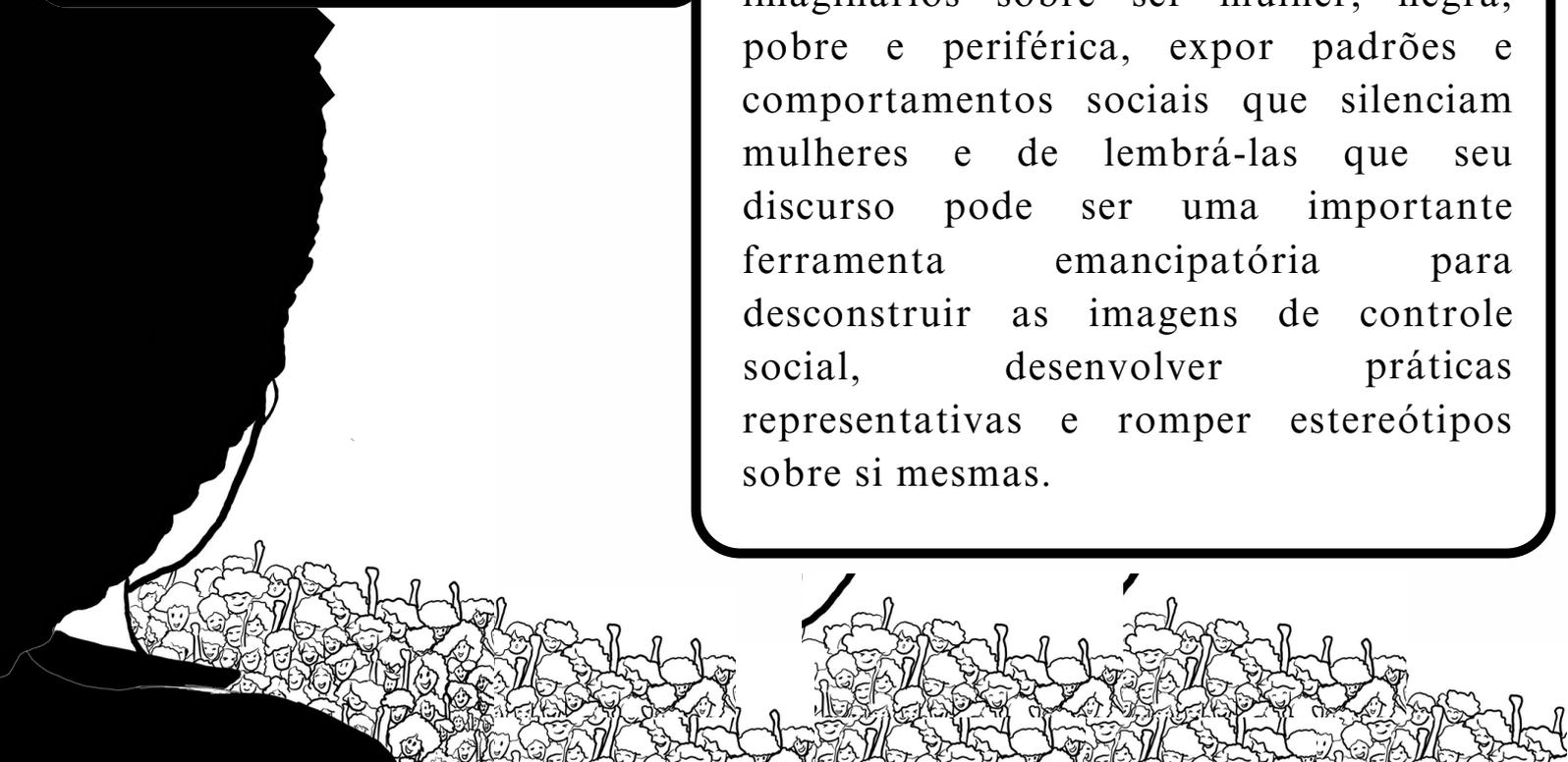
Representações grotescas como Maria Fumaça e Lamparina trouxeram para o universo das HQs, ao longo da história, o fortalecimento de imagens de controle social que se estabeleceram sobre elas. Meninas e jovens negras consumiam conteúdo como este, e isso reafirma um processo de silenciamento de suas vozes, imagens e ideias, até chegar a um ponto de mulheres adultas negras esquecerem sua rica história, não se reconhecerem e acreditarem na cruel representação que um quadrinho pode mostrar.



As imagens de controle que cercam as mulheres negras não apenas impõem um silenciamento cruel, mas também sufocam a voz que um dia floresceu como a primavera. Silenciar uma mulher negra é limitar o florescer de uma estação inteira.

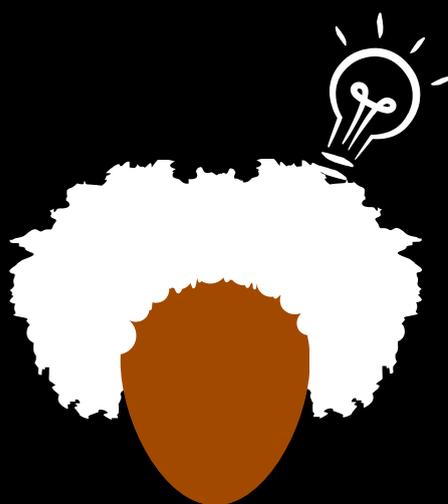
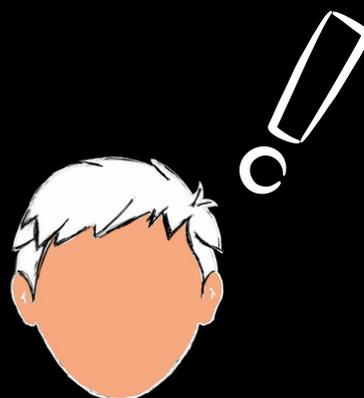
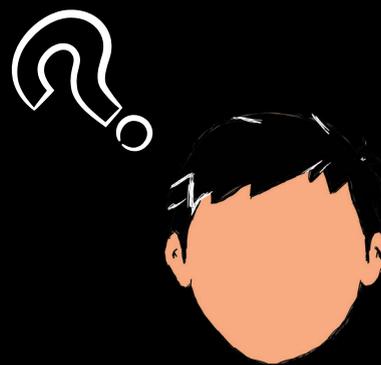
E “a maneira com que os processos de inferiorização e silenciamento se dão, são tão profundos que ocasionalmente esquecemos que possuímos uma voz e que ela pode se constituir como uma importante ferramenta emancipatória” (Bueno, 2020, p. 46).

Portanto, ter Marielle como narradora da sua história, foi uma maneira de desconstruir práticas e discursos sobre sua imagem, uma forma de romper imaginários sobre ser mulher, negra, pobre e periférica, expor padrões e comportamentos sociais que silenciam mulheres e de lembrá-las que seu discurso pode ser uma importante ferramenta emancipatória para desconstruir as imagens de controle social, desenvolver práticas representativas e romper estereótipos sobre si mesmas.

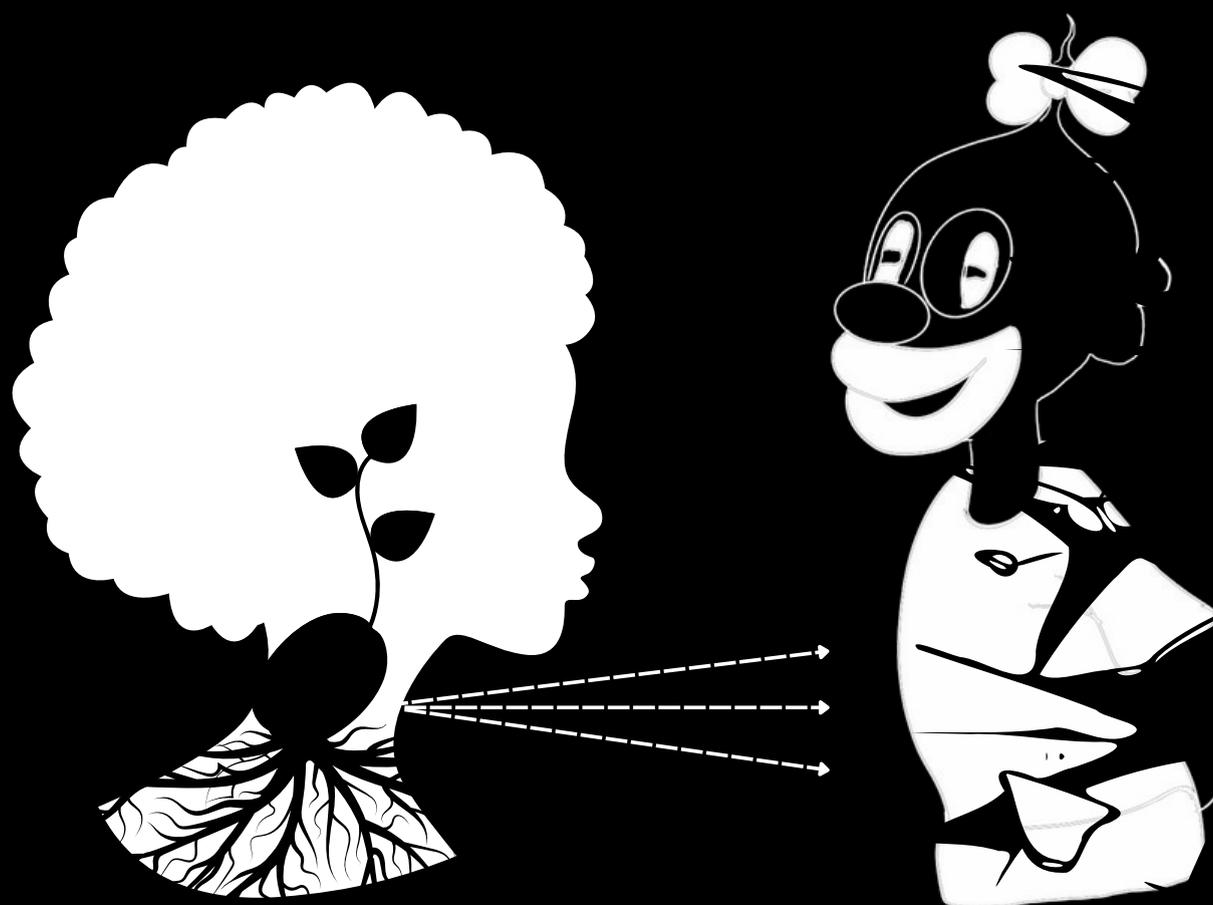


Por essa perspectiva, os quadrinhos se tornam um exemplo de práticas inovadoras, em relação à construção de narrativas e imagens compatíveis com a realidade de meninas e mulheres negras.

No entanto, apesar deste potencial e de retratar críticas sociais durante sua história, Trina Robbins (2001) explica que os quadrinhos ainda são um espaço ocupado por pessoas majoritariamente encaixadas a um padrão (branco, homem cis e hetero). E este detalhe também contribui para o desafio de produzir conteúdos desconstruídos.



Tendo em vista esse desafio, produções como a biografia em HQ aqui discutida se tornam muito significativas, por suas questões de representação e representatividade, na perspectiva de Stuart Hall (2016). Afinal, quem está usando a linguagem e imagem para se expressar, representar e falar para as mulheres negras é uma mulher negra.



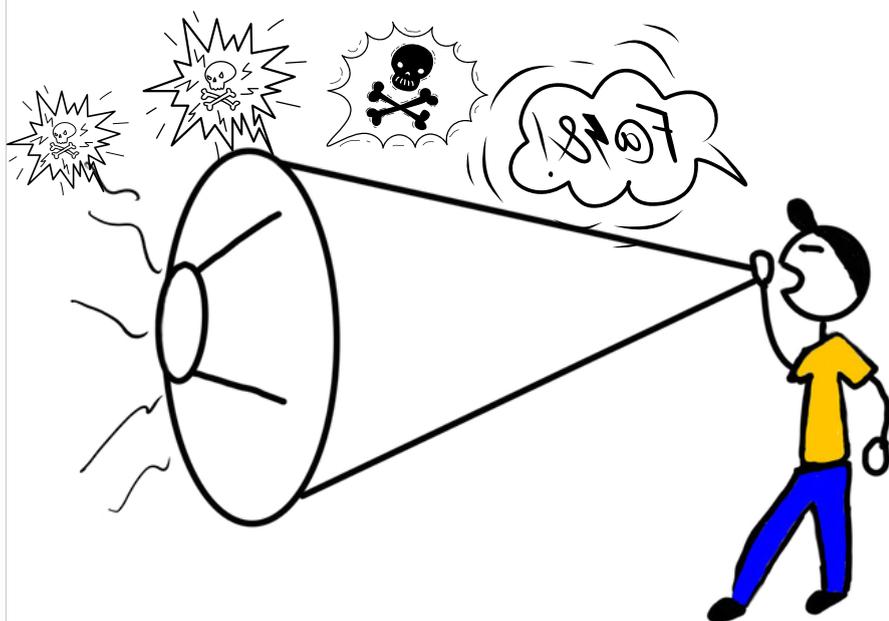
Ao identificar tal semente da autodefinição, quebra estereótipos estruturais, e a partir da abordagem politizada e da desconstrução desses mecanismos de controle, entende-se que a “HQ Marielle Franco: raízes” produção coletiva e preta é midiativista. Traz inspiração e voz para aquelas que não são ouvidas. E midiativismo é isto: produzir coletivamente com o objetivo de ajudar os que são engolidos pelo sistema social vigente.

Sendo assim, a produção é exemplo significativo de ferramenta emancipatória, inspiradora, uma forma de desconstruir imagens de controle e contestar mentiras, como a de que Marielle engravidou aos 16 anos, era esposa de um traficante de drogas, usuária de entorpecentes e eleita pelo Comando Vermelho.

Histórias como essa repercutiram em muitos sites e redes sociais, como uma forma de deslegitimar o símbolo de luta por igualdade social que Marielle se tornou. Nelas, os imaginários são repletos de rótulos, que reduzem a imagem da mulher negra a padrões estereotipados.



Versões distorcidas que revelam e alimentam o discurso de ódio, o preconceito, o racismo e o machismo do “cidadão de bem”, que se sentiu fortalecido para expor seus conceitos estereotipados em nome da moral e dos bons costumes.



Tais inverdades se perpetuaram e ainda são possíveis de encontrar entre sites de buscas e grupos de redes sociais. Como forma de responder a essas mensagens e imagens que repercutiram, o Instituto Marielle Franco,³¹ coordenado por Anielle Franco (irmã de Marielle e ministra da Igualdade Racial no terceiro mandato do presidente Lula), produziu campanhas, matérias e a biografia em quadrinhos.



Então, além de toda a questão de autodefinição e representação, essa produção teve o papel de contestação. No caso de haver uma próxima edição, será possível desconstruir mais ideias e conhecer a socióloga que Marielle se tornou, uma ativista que acreditou que a favela não se reduzia em três letras (UPP), vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), colocou em evidência a luta das pessoas que eram marginalizadas e minorizadas, lutou por direitos igualitários, causas sociais das pessoas LGBTQ+ e das mulheres pretas, pobres e periféricas.

Tendo em vista os feitos de Marielle, lembrar de sua trajetória, combater as mentiras e as imagens articuladas a ela, é uma forma de regar as sementes que foram plantadas e fortalecê-las, pois...



Marielle Franco, 38 anos, 2018.
Assassinada com 04 tiros na cabeça



Evaldo dos Santos Rosa, 51 anos, 2019. morreu com 80 tiros disparados pelo exército

Continuamos sobrevivendo apesar da violência estatal e das sistemáticas tentativas de eliminação de nossos corpos (Bueno, 2020, p. 155).



Chacina de Costa Barros, 05 Jovens entre 16 a 25 anos, levaram 111 tiros da Polícia Militar em 2015.



Agatha Vitória Sales Félix, 08 anos, morta no Complexo Alemão por disparos da polícia em 2019.



George Floyd, de 40 anos, imobilizado no chão, dizendo 'não consigo respirar', enquanto policial mantém joelho sobre seu pescoço em 2020.

UMA SEMENTE PLANTADA



Esta obra teve como ponto inicial o pressuposto de que os quadrinhos são um importante instrumento de ativismo, compartilhamento de ideias críticas e conscientização social.

E a partir dele, observa-se que através das HQs é possível debater sobre...

as problemáticas, as normativas e os estereótipos presentes na estrutura social.



Esses fatores estão presentes nos quadrinhos desde os pioneiros e pioneiras.



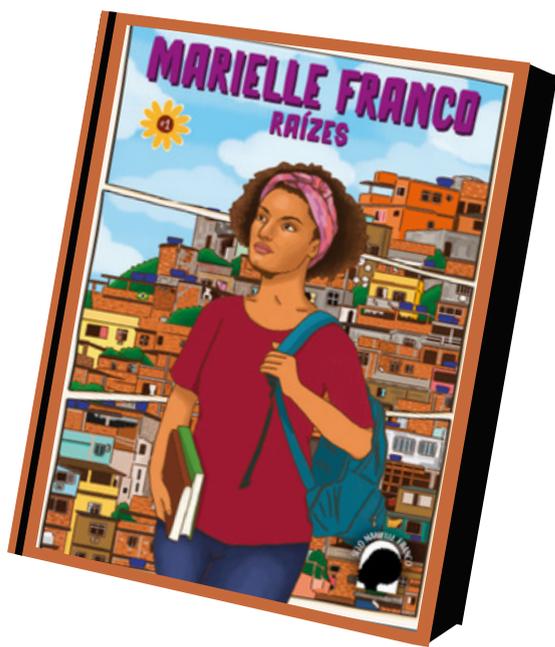
Os discursos ativistas e a crítica social estiveram presentes ao longo da história, e as produções representativas também conquistaram este espaço, resistiram, transformaram e o ressignificaram.

Essa ressignificação e conquista ficam evidentes quando atualmente existe uma HQ biográfica, realizada por pessoas majoritariamente negras, contando a história de uma mulher negra e sem reproduzir imagens estereotipadas.

A história dos quadrinhos também é a história da sociedade e, como tal, não escapou de desenhar a mulher negra de forma cruel, distorcida nas raras vezes em que a representava.

Além de ser a história da sociedade, quadrinhos também são a história de uma resistência, na qual ao longo do processo produções resistiram para compartilhar suas ideias.





Embora represente um avanço significativo para os quadrinhos, ainda não é o suficiente. Produções de grupos historicamente minorizados, de representação e representatividade, continuam enfrentando desafios e precisam resistir para conquistar espaços sociais.



Obras como a HQ de Marielle ressaltam a importância de existirem trabalhos representativos para mulheres negras, pois elas se veem neles.

Em uma sociedade que imagina e desenha a mulher negra de tantas formas cruéis ao longo da história...

precisa escutar o que a mulher tem a dizer sobre si mesma, quem realmente é e como é.



Levantar essas discussões,

seja em um quadrinho ou em um texto acadêmico-científico,

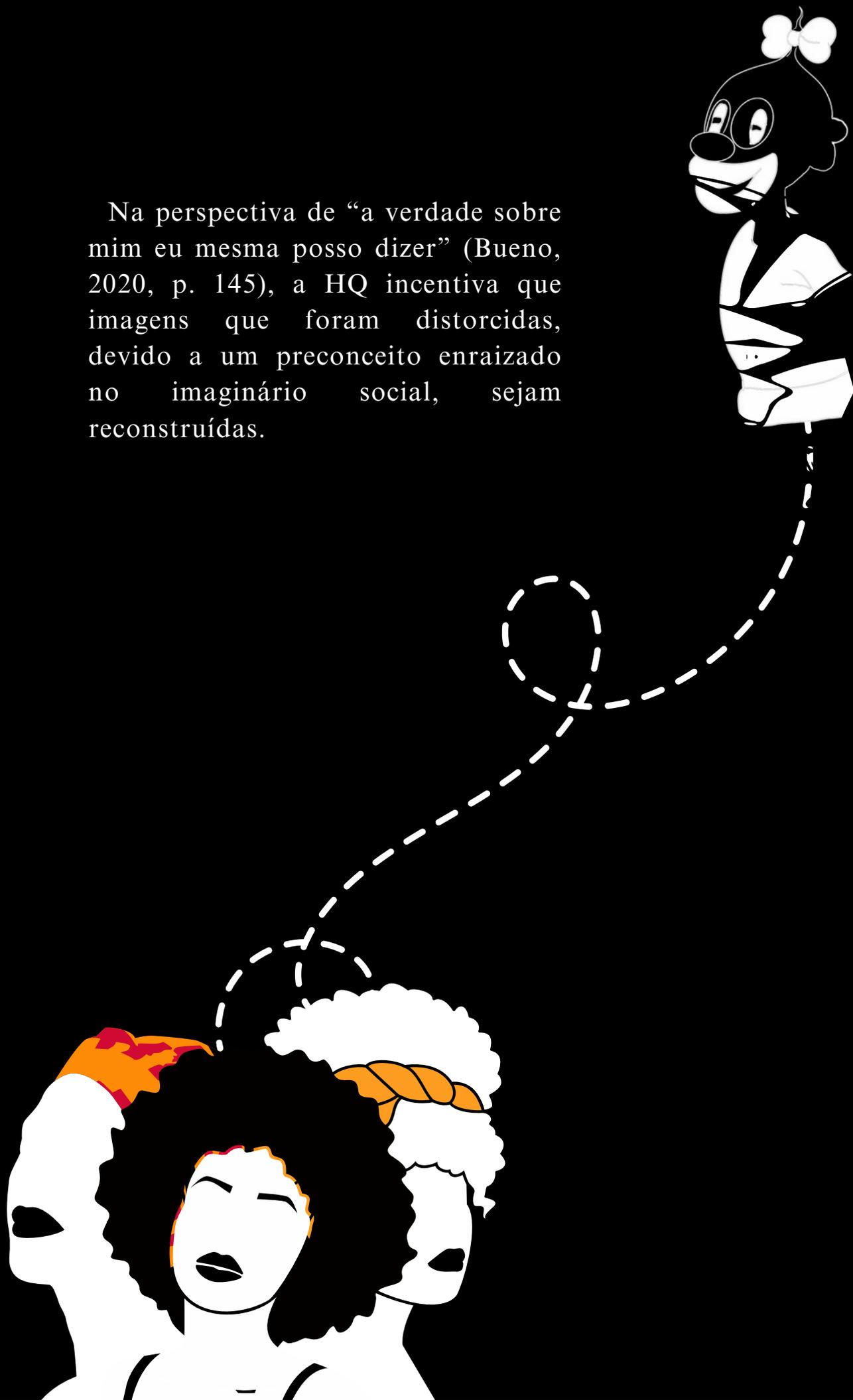
contribui para inspirar

mulheres negras a ocuparem espaços,

lutarem por seus ideais e terem o controle de suas imagens.

Além de promover o debate e a conscientização de que existem diferenças e eixos sociais que atravessam e interagem entre si, transformando a sociedade em uma rica diversidade que precisa ser representada.

Na perspectiva de “a verdade sobre mim eu mesma posso dizer” (Bueno, 2020, p. 145), a HQ incentiva que imagens que foram distorcidas, devido a um preconceito enraizado no imaginário social, sejam reconstruídas.



Ao conhecer uma Marielle narradora de sua história, entende-se a luta, ativismo, resistência e a importância da obra, uma inspiração em quadros especialmente dedicada às meninas negras, pobres e periféricas.



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2023.

Ou seja, a revista deixa claro o seu objetivo e tenta cumpri-lo, seja através do meio digital ou físico, entre grupos, instituições escolares e/ou comunidades.



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2023.

Até então, a semente que Marielle plantou inspirou movimentos sociais, instituições e grupos educacionais, além de mulheres negras, pessoas LGBTQTs e discursos.



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2023.



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2023.

O formato em quadrinhos de parte desta obra é um modo de explorar o potencial oferecido por esse meio, expandir o conhecimento científico para além dos muros universitários e uma maneira diferente de fazer, compartilhar e disseminar a cultura científica.



Além da linguagem em quadrinho, a aplicação da roleta interseccional provoca reflexões que contribuem para os estudos científicos serem mais próximos da sociedade. Sob o olhar interseccional, observou-se que, apesar das opressões, Marielle não se reduz aos desafios. Ou seja, a HQ também explora os momentos alegres e, a partir de uma linguagem afetiva e próxima, fica explícito que nem só de tristezas e desafios se constrói uma mulher negra.



Para além das opressões sociais, a referida abordagem também permite pensar nos acessos e oportunidades que Marielle teve durante esse período: o primeiro emprego, o estudo, a influência ativista, a universidade e o suporte familiar. São marcadores sociais que estão relacionados à dignidade humana e, neste sentido, é importante ressaltar que ela teve acesso e não privilégio.



Teve acesso e algumas oportunidades, negadas a muitos em uma sociedade desigual. Teve acesso a benefícios que não deveriam ser exceção, mas a regra. Em tal cenário, é importante acreditar que uma vida digna é um direito, não um privilégio.



Logo, é fundamental não romantizar o sofrimento excessivo como um requisito para atingir metas básicas. Não é normal uma mulher negra ter que fazer tanto esforço pelo mínimo necessário. Atribuir a responsabilidade apenas a uma pessoa é ignorar uma sociedade profundamente desigual e marcada pelo racismo.



Observa-se ainda que a imagem da mulher forte, proativa e pronta para tudo e qualquer desafio, acompanhou a jornada de Marielle durante as três fases apresentadas, mesmo com todo o suporte familiar que ela recebeu. Neste aspecto, considera-se que se vive em uma estrutura social na qual a mulher não consegue escapar da figura sobrecarregada da família e, mesmo assim, encara essa realidade como se estivesse tudo bem.

A forma que ela encontrou de negociar a imagem de si, os marcadores que a atravessaram e os eixos que a diferenciaram de outras meninas, foi ensiná-las a conhecer suas raízes, valorizar suas origens, resistir e ocupar espaços sociais.



Neste momento de um novo governo,

subsequente a um que ia contra tudo aquilo pelo qual Marielle lutava,

que na atualidade criou o Ministério da Igualdade Racial,

coordenado atualmente por Anielle Franco (sua irmã),

acredita-se que haverá suporte para mulheres negras ocuparem espaços sociais.

Também nessa perspectiva,

espera-se que possa trazer mais representação,

conscientização social, justiça e...

representatividade,

respostas para perguntas como essa:

*POR QUE MATARAM
MARIELLE FRANCO?*





Perguntas como essa causam um silêncio ensurdecedor.

Sendo assim, além das obras de teor acadêmico-científico, as lutas por representatividade podem se beneficiar, e muito, da união entre texto e imagem dos quadrinhos.

1 - plataformas;

2 - formatos;

3 - instituições;

4 - práticas e;

5 - estudos.

Ao considerar o seu potencial de compartilhamento, acesso e diferentes alcances:

Ressalta-se que, ao trabalhar com questões de representatividade e conscientização na sociedade, as HQs exercem a função de uma ferramenta democrática e inclusiva,

os marcadores interseccionais que atravessam a todos na sociedade.

trazendo novos parâmetros, debates e reflexões sobre feminismo, estrutura social, opressões e

Além dessa potência, há também o fato de trabalhar questões sociais complexas com uma linguagem simples e entende-se ser esta uma forma de expandir o conhecimento científico de forma acessível.

Tais fatores motivaram a construção deste livro, parcialmente em HQ, considerando a importância de compartilhar o conhecimento científico de forma prática, efetiva e simples. Sousanis (2017). Eisner (1985) e McCloud (2005) já provaram que é possível.

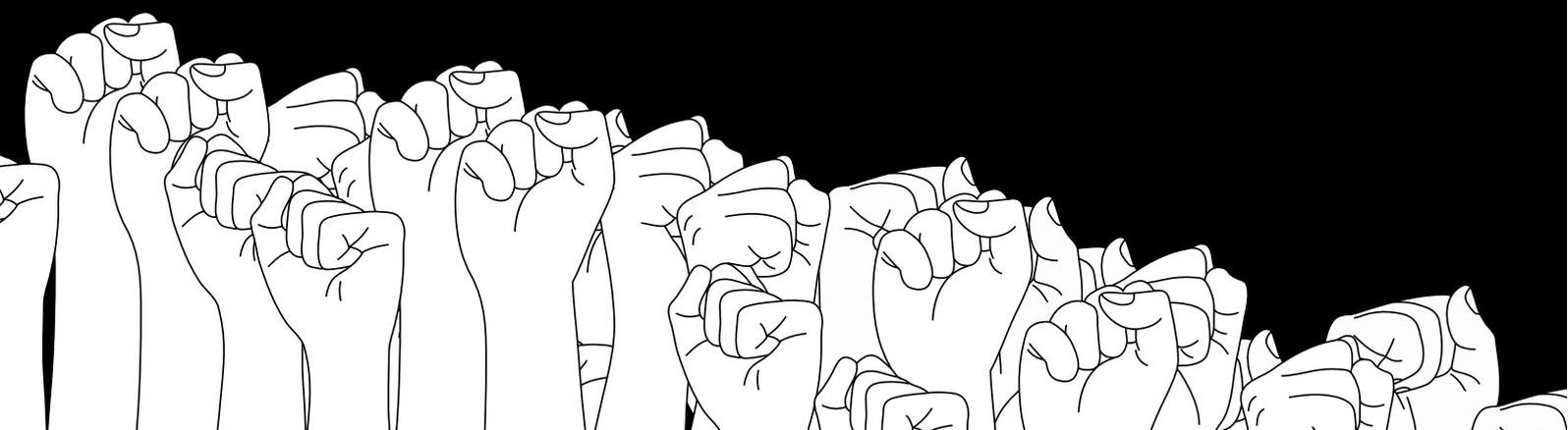
Assim sendo, cabe ressaltar o orgulho de trazer o conhecimento acadêmico-científico sobre quadrinhos para além de estudos de graduação e pós-graduação, resultando neste livro –, cuja Parte II, por seu formato característico, é uma construção muito significativa para esta autora.

Por fim, há a expectativa de que obras como a HQ “Marielle Franco: Raízes” continuem existindo, resistindo e sendo inspiração para mulheres, meninas e jovens negras ocuparem espaços significativos na sociedade, que assim a revista seja uma semente para outros projetos resgatarem a imagem da mulher negra do jeito que ela é.

Mesmo sendo uma discussão antiga, tal resgate é essencial para uma transformação, desconstrução de estereótipos e união de grupos socialmente minorizados.



Juntas, as mulheres negras podem mudar a realidade social; e não estão sozinhas, só espalhadas... mas, já é possível se reunir.



Referências

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade: Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Iuri Givago Ribeiro Bispo; CRUZ, André Thiago; HORN, Milton Luíz Vieira. Uma breve história das histórias em quadrinhos. Rev. Educação Gráfica, v. 15, n. 03, p.44

-64, 2011. ISSN 2179-7374. Disponível em: <https://www.educacaografica.inf.br/artigos/uma-breve-historia-das-historias-em-quadrinhos> Acesso em: 13 mar. 2022.

AMARAL, Solange Melo do. Discurso autobiográfico: o caso de Nair de Teffé. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

A VOZ das mulheres nos quadrinhos. A importância do quadrinho nacional: Episódio 2. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (54min16s). Publicado pelo Canal Social Comics. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/0hel9xCtoXI>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ARRUDA, Renata. Maria Aparecida Godoy: Roteirista de Drácula, foi pioneira entre mulheres quadrinistas. Rev. O GRITO: Cultura e pop independente. São Paulo, edição n. 01, [S.N], set. 2020. Disponível em: <https://revistaogrito.com/plaf-download-gratuito/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

ARTRIANON. A contracultura e o polêmico movimento underground dos quadrinhos. SANTOS, Diego. Publicado em: 04 mar. 2021. Disponível em: <https://artrianon.com/2021/03/04/a-contracultura-e-o-polemico-movimento-underground-dos-quadrinhos/>. Publicado em: 04 mar. 2021 Acesso em: 01 nov. 2022.

AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2004.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto et al. (org.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018, p. 62-77. Disponível em: <https://interfacesdomidiativismo.files.wordpress.com/2018/06/e-book-interfaces-do-midiativismo1.pdf> Acesso em: 15 mar. 2020.

BUENO, Winnie. *Imagens de Controle: Um conceito de pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

COMUNICA UEM. HQs Negras. Autor/responsável pelo site: Jéssica Hahn. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/comunicauem/2017/11/24/hqs-negras/>. Publicado em 24 nov. 2017. Acesso em: 11 dez. 2022.

CARRERA, Fernanda. *Roleta Interseccional: Proposta metodológica para análises em Comunicação*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: Compós, v. 24, p. 1-22, jan.-dez. 2021. Publicação contínua. ISSN 1808-2599.

CROIX, Sybille Titeux de la. *Miss Davis: Vida e Luta de Angela Davis*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2020.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Ed. Devir, 1985.

EISNER, Will. *Um Contrato com Deus: e outras histórias de cortiço*. São Paulo: Editora Devir, 2009.

ESTÚDIO NANQUIM. 1895 - Yellow Kid. *Linha do Tempo: Memória ilustrada*. Arquivado em 27 maio 2022. Portal Estúdio Nanquim. Autor/responsável pelo site: Richardson Santos de Freitas (Ric). Disponível em: <https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

ESTÚDIO NANQUIM. *Enquadramento*. Arquivado em: 05 mai. 2021. Autor/responsável pelo site: Richardson Santos de Freitas (Ric). Disponível em: <https://nanquim.com.br/enquadramento/#:-:text=Enquadramento%20%C3%A9%20um%20conceito%20criado,um%20efeito%20espec%C3%ADfico%20no%20leitor>. Acesso em: 03 Jan. 2023.

FRANCO, Marielle. *UPP – A redução da favela a três letras: Uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2166/Marielle%20Franco.pdf;jsessionid=3290CB19_F863471A4ECE4A0A4E7D1040?sequence=1. Acesso em: 30 fev. 2023.

GELEDÉS. *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas - Parte ¼*. CRENSHAW, Kimberle Williams. Portal Geledés. Publicado em: 23 dez. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>

org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/ . Acesso em 18 jul. 2022.

GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

GUIA DOS QUADRINHOS. Maria Aparecida Godoy - Argumento. Autor/responsável pelo site: Edson Diogo. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/trabalhos-de/maria-aparecida-godoy/6831> Publicado: 17 dez. 2009. Acesso em: 15 set. 2022.

GELEDÉS. Mulheres negras nos quadrinhos: Jackie Ormes, você não conhece? Mas deveria. Publicado em: 20 mar. 2015. LISBOA, Jéssica. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-nos-quadrinhos-jackie-ormes-voce-nao-conhece-mas-deveria/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016. hooks, bell. Olhares Negros Raça e Representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pnad-Contínua

2018: Educação avança no país mais desigualdades raciais e por região persistem. 09 jun. 2018 Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>. Acesso em: 15 jan. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pnad-Contínua

2018. 40% dos brasileiros com mais de 25 anos não têm o ensino fundamental. 05 dez. 2018. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/sintese-de-indicadores-sociais>. Acesso em: 18 jan. 2023.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. Marielle Franco: Raízes. Rio de Janeiro: 2021, P. 1-36. Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

LORDE, Audre. Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre. Tradução de Renata. Portal Geledés. 10 jul. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantela-r-a-casa-do-mestre/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

LUCCHETTI, Marco Aurélio. O menino amarelo: O nascimento das histórias em quadrinhos. Revista Olhar, São Paulo, Ano 03, n. 5-6, [S. N.], jan.-dez. 2001. Disponível em: <https://www.revistaolhar.ufscar.br/index.php/olhar/article/download/67/58> Acesso em: 21 jul. 2022.

MAZETTI, Henrique. Da mídia alternativa ao midiativismo: observações históricas e conceituais sobre as práticas de contestação midiática. *In*: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (org.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. p. 78-94.

MCCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos: História, criação, desenho, animação e roteiro. São Paulo: Brooks do Brasil, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

MINA DE HQ. Quadrinhos para ler. Autor/responsável pelo site: Gabriela Borges. Disponível em: <https://minadehq.com.br/> Acesso: 17 dez. 2020.

MORAES, Maíra de Carvalho. Periferia e tecnologia: coletivos culturais e sua luta para acessar e produzir bens culturais. *In*: OLIVEIRA, Dennis (coord.). Periferias Insurgentes: ações culturais de jovens nas periferias de São Paulo. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

MEDIUM. Ser uma adolescente negra pode matar-te por dentro: Como o racismo estrutural adocece meninas. Autor/responsável: Iolly Aires. Yasmin Moraes. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/ser-uma-adolescente-negra-pode-matar-te-por-dentro-bc83c7d56b5a>. Publicado em 20 fev. 2019. Acesso em: 22 dez. 2022.

MUANIS, Felipe. Imagem, cinema e quadrinhos: Linguagem e discursos de cotidiano.

Caligrama. São Paulo, v. 2, n. 1. 2006, [S.N.]. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/download/64622/67264/0> Acesso em: 22 dez. 2022.

MULHERES NEGRAS PROJETOS DE MUNDO. Day Rodrigues e Lucas Ogasawara. São Paulo. clicktrac media studio. Publicado pelo canal Mulheres negras projetos de mundo (25min), [S.I.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iU85-xN42SY> Acesso em: 17 Jan. 2023.

MUSEU DO BIXIGA. TSC Digital. São Paulo, 2022. 1 vídeo (8m54s). Publicado pelo Canal CultSP Play. Youtube. 08 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tB-KUylnBzE> Acesso: 03 mar. 2023.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. *In*: PINSKY, C. B.; PEDRO, J.M. Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 382-409.

NOGUEIRA, Natania. Rian: Caricatura e pioneirismo feminino no Brasil. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. Anais. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312664266_ARQUIVO_RIANEOPIONEIRISMOFEMININONACARICATURA.pdf Acesso em: 22 dez. 2022.

NOGUEIRA, Natania. Jackie Ormes: A ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937- 1954). Revista Identidade! São Leopoldo. V. 18, nº 1, p. 21-38 jan.-jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/649>. Acesso em: 22 dez. 2022.

OLIVEIRA, Marcolino Gomes. Entre o Grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história dos quadrinhos no Brasil. Rev. Brasileira de Ciência e Política. nº 16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 65-85. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151604>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PORTAL VALKIRIAS. CAROLINA Maria de Jesus em Quadrinhos. Autor/responsável: Iolly Aires. Disponível em: <https://valkirias.com.br/carolina-maria-de-jesus-em-quadrinhos/> Publicado em 17 maio 2022; Acesso em 18 fev. 2023.

POVOADA. Mugunzá Records, [S.I.]. 2021, 1 vídeo (02m8s). Publicado pelo canal Mugunzá Records. YouTube. 31 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c> Acesso em: 19 mar. 2023.

PINHEIRO, João e BARBOSA, Sirlene. Carolina. São Paulo: Ed. Veneta, 2017.

QUADRICOMICS. Quadricomics. [S.I.] Disponível em: <https://quadricomics.blogspot.com/2014/11/mestres-do-terror-completa.html?zx=64f144a69a087210> Publicado em: 09 nov. 2014. Acesso em: 19 mar. 2023.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Origens e Evolução da História em Quadrinhos. Revista FAMECOS, Porto Alegre, RS, v. 5, p. 103-106, 1996. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2954>. Acesso em: 22 dez. 2022.

ROBBINS, Trina. The Great Women Cartoonists. New York, EUA: Ed. Watson-Guptill Publications, 2001.

ROCHA, Lia de Mattos. A vida e as Lutas de Marielle Franco. Revista Em Pauta, Rio de Janeiro, n. 42, v. 16, p. 274 - 280, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/39439>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Editora Quadrinhos na Cia, 2005.

SILVA, Vinicius Pereira Barbosa da; MOTA, Célia Maria Ladeira. Jornalismo em Quadrinhos: Contextos, Pesquisas e Práticas. Florianópolis. Editora INSULAR, 2020.

SOUSANIS, Nick. Desaplanar. São Paulo: Editora Veneta. 2017.

SOUZA, Vinicius. Quer que eu desenhe? Imagens, fake news e mudança no modo de pensamento. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2022.

SOCIAL COMICS. Autobiografias e Biografias em Quadrinhos. WASSERSTEIN, Mennucci. Disponível em: <https://www.socialcomics.com.br/portal/autobiografias-e-biografias-em-quadrinhos-88>. Publicado em: 20 ago. 2021. Acesso em: 01 fev. 2023.

SOBE JUNTO. Warner Chappell Music. São Paulo, 2022. 1 vídeo (03m25s). Publicado pelo Canal Emicida. You Tube: 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q1DGarQQsoM>. Acesso em 28 mar. 2023.

SPIEGELMAN, Art. Maus: História Completa. São Paulo: Editora Quadrinhos na Cia, 2005.

TERRA VERSO. O início das mulheres negras nos quadrinhos. [S.I.]. Disponível em: <https://terraverso.com.br/jackie-ormes-o-inicio-das-mulheres-negras-nos-quadrinhos/> Publicado em: 07 mar 2020. Acesso em: 19 mar. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil. São Paulo: Editora Peirópolis: ECA-USP, 2007.

Os quadrinhos, enquanto uma ferramenta de debate social, trazem diferentes compartilhamentos de ideias, opiniões e conhecimento desde os primeiros quadrinistas. Esta obra mergulha na história do pioneirismo das HQs e também destaca como os quadrinhos podem ser um importante meio de comunicação ativista, destacando a HQ “Marielle Franco Raízes”.

A partir da HQ aborda-se críticas sobre gênero, raça e desigualdades de classe, são questões presentes na estrutura social que atravessam, interseccionam e afetam a vida de mulheres negras e periféricas como Marielle. Assim, esta obra envolve pesquisa histórica, ideias críticas e também o poder da arte sequencial para quebrar os muros institucionais. **Midiativismo sobre midiativismo.**

The logo for EdUFMT Digital is positioned in the bottom right corner. It features a stylized graphic of a camera lens or a similar circular element above the text 'EdUFMT' and 'DIGITAL' stacked vertically.